

Marlone Pedrosa

EVANGELIZAÇÃO NA INFOSFERA
A RELAÇÃO TEOLÓGICO-PASTORAL DA IGREJA CATÓLICA
COM A ESTRUTURA, O AMBIENTE E A CULTURA DIGITAL

Dissertação de Mestrado em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Francys Silvestrini Adão

Apoio CAPES

Belo Horizonte
FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia
2024

Marlone Pedrosa

EVANGELIZAÇÃO NA INFOSFERA

**A RELAÇÃO TEOLÓGICO-PASTORAL DA IGREJA CATÓLICA
COM A ESTRUTURA, O AMBIENTE E A CULTURA DIGITAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Teologia.

Área de Concentração: Teologia da Práxis Cristã.

Orientador: Prof. Dr. Francys Silvestrini Adão

FICHA CATALOGRÁFICA

| | |
|-------|--|
| P372e | <p>Pedrosa, Marlone</p> <p>Evangelização na infosfera: a relação teológico-pastoral da Igreja Católica com a estrutura, o ambiente e a cultura digital / Marlone Pedrosa. - Belo Horizonte, 2024.</p> <p>126 p.</p> <p>Orientador: Prof. Dr. Francys Silvestrini Adão</p> <p>Dissertação (Mestrado) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Departamento de Teologia.</p> <p>1. Teologia pastoral. 2. Igreja Católica. 3. Internet. 4. Cultura digital. I. Adão, Francys Silvestrini. II. Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Departamento de Teologia. III. Título.</p> <p>CDU 25</p> |
|-------|--|

Elaborada por Zita Mendes Rocha – Bibliotecária – CRB-6/1697

Marlone Pedrosa

EVANGELIZAÇÃO NA INFOSFERA
A RELAÇÃO TEOLÓGICO-PASTORAL DA IGREJA CATÓLICA COM A
ESTRUTURA, O AMBIENTE E A CULTURA DIGITAL

Esta Dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestre em Teologia e aprovada em sua forma final pelo Curso de Mestrado em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia.

Belo Horizonte, 15 de abril de 2024.

COMISSÃO EXAMINADORA:



Prof. Dr. Francys Silvestrini Adão / FAJE (Orientador)



Prof. Dr. Elio Estanislau Gasda / FAJE



Prof. Dr. Moisés Sbardelotto / PUC MG (Visitante)

Dedico este trabalho a todo cristão que, com o mapa da formação e a bússola da fé, se aventura e empenha-se em desbravar os caminhos digitais da evangelização.

AGRADECIMENTO

Gratidão talvez seja a palavra-chave que sintetiza bem a conclusão desse trabalho acadêmico. Reconhecimento de que sozinhos, podemos muito pouco. Na soma de esforços e partilha de saberes e afetos vamos nos construindo enquanto humanos e nos aventurando a alcançar voos mais altos e distantes.

Agradeço a Deus pelo chamado à vida, à vocação e por me prover de uma rede de relações que me acompanha e sustenta até aqui, configurando-me como um homem cristão.

A Dom Emanuel Messias de Oliveira, bispo emérito de minha querida diocese de Caratinga, pelo voto de confiança e pelo envio para cursar esse mestrado.

Ao meu querido orientador-irmão Francys Silvestrini Adão, pela sensibilidade de poeta no entendimento e refinamento na condução da orientação; pela proximidade, interesse, rigor e dedicação a esse projeto; por transcender a relação acadêmica, preocupando-se com o humano presente em um mestrando.

Ao corpo docente do Departamento de Teologia da FAJE, pelo empenho e dedicação na oferta de um ensino diferenciado para nossa formação teológica, abrindo horizontes novos de reflexão e fornecendo ferramentas para pensar a fé.

Aos funcionários da FAJE – recepção, secretaria, biblioteca – pela gentileza no trato e competência no desenvolvimento de suas funções.

Aos colegas de turma, pela convivência fraterna do decorrer do curso das disciplinas, pela partilha acadêmica na sala e, sobretudo, pela partilha de vida no intervalo do café e confraternizações.

À minha família (pais: José e Vera; irmãs: Taciana, Ariane e Ariele; sobrinha: Lara; cunhados: Adriano, Flávio e Thiago), sempre presente de forma positiva em minha trajetória, refúgio de amor onde recarrego minhas energias e me conscientizo de minhas origens e de quem realmente sou.

Aos meus amigos e irmãos do presbitério de Caratinga, pela torcida e incentivo nessa empreitada. De maneira especial ao Elias Fernandes, amigo e companheiro de apartamento durante esses estudos em BH, pelo exemplo de dedicação acadêmica, leveza da presença e paciência durante esse período.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Entre uma Igreja acidentada que sai pela estrada e uma Igreja doente de autorreferencialidade, não hesito em preferir a primeira. E quando falo de estrada penso nas estradas do mundo onde as pessoas vivem... Entre estas estradas estão também as digitais, congestionadas de humanidade, muitas vezes ferida: homens e mulheres que procuram uma salvação ou uma esperança. Também graças à rede, pode a mensagem cristã viajar “até os confins da terra” (At 1,8). Abrir as portas da Igreja significa também abri-las no ambiente digital...

Papa Francisco

RESUMO

Esta dissertação de mestrado realiza uma investigação histórico-teológica sobre o impacto do ambiente digital nas atividades pastorais da Igreja Católica no Brasil e a resposta institucional a essa influência, situando-se na área da Teologia da Práxis Cristã. O percurso analítico inicia-se com uma exposição do desenvolvimento da internet e sua transformação nas atividades humanas, incluindo aspectos que afetam a experiência religiosa. São discutidos os desafios e oportunidades que a internet apresenta para o projeto de evangelização. Em seguida, por meio de documentos do Magistério eclesial, a dissertação traça o desenvolvimento histórico da relação da Igreja Católica com os meios de comunicação, desde a invenção da imprensa até a era da internet, destacando a relevância do Concílio Vaticano II nesse processo. Por fim, no intuito de compreender a reação pastoral da Igreja Católica em território brasileiro diante da internet, a pesquisa examina criticamente a abordagem da cultura digital nas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023. A pesquisa revela que a Igreja Católica passou de uma postura cautelosa à abertura em relação aos meios de comunicação, especialmente com a internet, percebendo-a como um ambiente a ser evangelizado. A análise das DGAE 2019-2023 destaca uma abordagem híbrida e limitada da cultura digital, subestimando seu potencial pastoral. A infopastoral surge como uma proposta promissora, propondo uma conversão pastoral e reestruturação eclesial, mas ainda carente de melhor estruturação para uma aplicação prática efetiva.

PALAVRAS-CHAVE: Pastoral. Internet. Cultura Digital. Igreja Católica. DGAE. Infopastoral.

ABSTRACT

This master's thesis carries out a historical-theological investigation into the impact of the digital environment on the pastoral activities of the Catholic Church in Brazil and the institutional response to this influence, located in the area of Theology of Christian Praxis. The analytical path begins with an exposition of the development of the internet and its transformation in human activities, including aspects that affect the religious experience. The challenges and opportunities that the internet presents for the evangelization project are discussed. Then, through documents from the ecclesiastical Magisterium, the dissertation traces the historical development of the Catholic Church's relationship with the media, from the invention of the press to the internet era, highlighting the relevance of the Second Vatican Council in this process. Finally, in order to understand the pastoral reaction of the Catholic Church in Brazilian territory to the internet, the research critically examines the approach to digital culture in the General Guidelines for the Evangelizing Action of the Church in Brazil 2019-2023. The research reveals that the Catholic Church went from a cautious stance to openness in relation to the media, especially the internet, perceiving it as an environment to be evangelized. The analysis of the DGAE 2019-2023 highlights a hybrid and limited approach to digital culture, underestimating its pastoral potential. Infopastoral emerges as a promising proposal, proposing pastoral conversion and ecclesiastical restructuring, but still lacking better structuring for effective practical application.

KEYWORDS: Pastoral. Internet. Digital Culture. Catholic church. DGAE. Infopastoral.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- AN: Instrução Pastoral *Aetatis Novae*, PCCS
- Celam: Conselho Episcopal Latino-Americano
- CNBB: Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
- CP: Instrução Pastoral *Communio et Progressio*, PCCS
- ChV: Exortação Apostólica Pós-sinodal *Christus Vivit*, Francisco
- DA: Documento de Aparecida, Celam
- DGAE: Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil
- DMCS: Dia Mundial das Comunicações Sociais
- ECS: Instrução Pastoral Ética nas Comunicações Sociais, PCCS
- EG: Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, Francisco
- EN: Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, Paulo VI
- EtIn: Instrução Pastoral Ética na Internet, PCCS
- GeE: Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*, Francisco
- IgIn: Instrução Pastoral Igreja e Internet, PCCS
- IM: Decreto *Inter Mirifica*, Concílio Vaticano II
- MSC: Meios de Comunicação Social
- PCCS: Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais
- PPC: Plano de Pastoral de Conjunto
- RD: Carta Apostólica O Rápido Desenvolvimento, João Paulo II
- RM: Carta Encíclica *Redemptoris Missio*, João Paulo II

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO | 17 |
| 1 INTERNET: HISTÓRIA, PERSPECTIVAS E DESAFIOS AO CATOLICISMO | 23 |
| 1.1 Uma breve história da Internet | 25 |
| 1.1.1 Surgimento da internet | 25 |
| 1.1.2 Números de sucesso: a internet em dados estatísticos | 27 |
| 1.1.3 Algumas características da internet | 30 |
| 1.2 Desafios e possibilidades da internet para a Igreja Católica | 32 |
| 1.2.1 De “instrumento” para “meio”, uma nova perspectiva..... | 33 |
| 1.2.2 Internet como meio de comunicação | 34 |
| 1.2.3 Influência formativa | 34 |
| 1.2.4 Espaço democrático | 36 |
| 1.2.5 A figura do influenciador digital “católico” | 38 |
| 1.2.6 Formação dos cristãos e linguagem digital | 40 |
| 1.2.7 A religião “na” e “pela” internet | 44 |
| 1.2.8 Tecnologia Espiritual..... | 46 |
| 1.3 Enfrentamentos da pastoral da Igreja Católica diante da cultura digital | 47 |
| 1.3.1 Da pastoral da resposta à pastoral da questão | 47 |
| 1.3.2 Da pastoral centrada no conteúdo à pastoral centrada nas pessoas | 48 |
| 1.3.3 Da pastoral da transmissão à pastoral do testemunho | 49 |
| 1.3.4 Da pastoral da propaganda à pastoral da proximidade..... | 49 |
| 1.3.5 Da pastoral das ideias à pastoral da narrativa..... | 50 |
| 1.3.6 Uma pastoral atenta à interioridade e à interatividade..... | 50 |
| 1.4 Rumo à infopastoral | 51 |
| 2 IGREJA, COMUNICAÇÃO E EVANGELIZAÇÃO: CAMINHO HISTÓRICO..... | 57 |
| 2.1 A Igreja Católica e a comunicação a partir do século XV | 58 |
| 2.1.1 Evolução da técnica e comunicação..... | 60 |
| 2.1.2 Período de autodefesa, condenação e proibição | 62 |
| 2.1.3 Período de abertura e receptividade | 65 |
| 2.2 A comunicação no Magistério Pontifício a partir do Vaticano II | 69 |
| 2.2.1 O Concílio Vaticano II e os meios de comunicação: o decreto <i>Inter Mirifica</i> ... | 70 |
| 2.2.2 A instrução pastoral <i>Communio et Progressio</i> | 72 |

| | | |
|-------|--|-----|
| 2.2.3 | <i>Redemptoris missio</i> e a transformação de pensamento..... | 74 |
| 2.2.4 | As mensagens para o Dia Mundial das Comunicações Sociais | 75 |
| 2.3 | O Magistério episcopal latino-americano e caribenho sobre a comunicação .. | 81 |
| 3 | A INFOPASTORAL: UM EXAME A PARTIR DAS DGAE..... | 85 |
| 3.1 | Breve histórico..... | 85 |
| 3.2 | As Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (2019-2023) | 89 |
| 3.2.1 | Estrutura das diretrizes | 91 |
| 3.2.2 | Dinâmica do texto | 93 |
| 3.2.3 | O mundo digital nas DGAE 2019-2023..... | 95 |
| 3.3 | Planejamento Pastoral na cultura digital | 102 |
| | CONCLUSÃO | 111 |
| | REFERÊNCIAS | 115 |

INTRODUÇÃO

A inspiração que impulsiona este trabalho tem sua gênese em minha prática pastoral como presbítero na Diocese de Caratinga, localizada no interior da região Leste de Minas Gerais. Durante um dia dedicado ao atendimento de confissões para crianças prestes a celebrar sua Primeira Eucaristia, uma inquietante indagação de uma penitente de 12 anos provocou-me desconforto. Ao sentar-se diante de mim na sala de confissões, a jovem questiona: “Padre, por que o senhor não atende nossas confissões por chamada de vídeo ou pelo WhatsApp?”. Por um instante fico surpreso com a pergunta e – com minha mentalidade religiosa dos anos 80 – faço toda uma explanação teológica e doutrinária acerca do sacramento da Confissão. Após minha exposição, pergunto-lhe: “E então, entende agora por que a confissão deve ser presencial?”. Ela dá de ombros e diz de maneira a demonstrar pouca importância: “Ah, o que é que tem? Eu falo tudo para minha melhor amiga pelo celular mesmo. Com a confissão não seria diferente!”.

Essa simples resposta, um desdém acompanhado de um “o que é que tem?”, desperta uma inquietação e a percepção de que, diante de mim, estava uma representante de uma geração imersa numa outra cultura, a digital, moldada profundamente por sua presença nesse ambiente. Geração esta que precisa ser entendida, acolhida e contemplada pelas atividades pastorais. Como a Igreja Católica tem se relacionado com fiéis – de todas as idades – influenciados por essa cultura? Qual o posicionamento do Magistério eclesial diante do tema? Como a Igreja tem reagido na condução pastoral de seu planejamento diante desse fenômeno? Quais novas possibilidades e desafios se instauram para realizar esta pastoral neste ambiente diferenciado? Essas e outras indagações foram o estímulo para a investigação aprofundada sobre este tema, crucial, ao nosso ver, para a abrangência e eficácia da evangelização nos tempos atuais.

No encerramento do Evangelho de São Mateus, Jesus despede-se de seus discípulos com a ordem: “Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos...” (Mt 28,19). Essa missão evangelizadora torna-se a vocação mais profunda e identitária da Igreja Católica, como afirma Paulo VI na Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*: “Ela [Igreja] existe para evangelizar” (EN, n. 14).

O cumprimento dessa ordem exige, por parte da Igreja, a compreensão de sua inserção em um processo de constante evolução da humanidade, caminhando na história e com ela. Embora a mensagem de Cristo seja imutável em sua essência, a forma de transmiti-la precisa se adaptar ao tempo, espaço e cultura em que se encontra. Assim, a ação pastoral evangelizadora, no decorrer do tempo, constantemente é chamada a rever seus métodos e conceitos para continuar falando com ardor e eficácia ao coração dos fiéis, anunciando a Boa

Nova de Cristo. Como Igreja em saída – proposta pelo Documento de Aparecida – a instituição católica é convocada a entender a concretude da vida de seu povo, inculturando sua abordagem e ação.

Historicamente, as mudanças e evoluções nas técnicas comunicativas têm promovido também mudanças e evoluções profundas na cultura humana. Foi assim com o desenvolvimento da fala e da escrita, a invenção do telégrafo, telefone, imprensa, rádio e TV. Ultimamente, nossa geração vivencia mais uma grande revolução, a digital. Desde seu surgimento, a internet tem interferido profundamente no desenvolvimento da sociedade e do ser humano em sua totalidade. Ela tem se tornado cada vez mais parte integrante da vida cotidiana, um espaço onde se configura um novo contexto existencial. Tom Beaudoin afirma que o ambiente digital em nossa civilização “parece cada vez mais onisciente e onipresente”¹. Como declara a instrução pastoral *Aetatis Novae*:

A mudança que se dá hoje nas comunicações implica, mais que uma simples revolução técnica, a transformação completa de tudo o que é necessário à humanidade para compreender o mundo que a envolve, e para verificar e expressar a percepção do mesmo. A apresentação constante das imagens e das ideias, assim como a sua transmissão rápida, até mesmo de um continente a outro, têm consequências simultaneamente positivas e negativas, no desenvolvimento psicológico, moral e social das pessoas, na estrutura e no funcionamento da sociedade, na partilha de uma cultura com outra, na percepção e na transmissão dos valores, nas ideias do mundo, nas ideologias e nas convicções religiosas. A revolução das comunicações afeta, de igual modo, a percepção que se pode ter da Igreja, e contribui para a modelação das próprias estruturas e funcionamento. Tudo isto tem consequências pastorais importantes. (AN, n. 4)

Neste contexto, para ser obediente a outro ensinamento de Jesus, exortando os cristãos a ser sal da terra e luz no mundo (Mt 5,13-14), torna-se necessário um esforço da Igreja Católica para se adaptar a essa nova maneira de ser “gente” neste lugar tão expressivo e instigante, pois o ambiente digital “é um ‘lugar’ emocionalmente quente e não tecnologicamente gélido, como se poderia imaginar”². Pois a internet “não é um ‘instrumento’ de comunicação que pode ser usado ou não; é um ‘ambiente’ cultural, que determina um estilo de pensamento e cria novos territórios..., contribuindo para definir também um novo modo de estimular as inteligências e de estreitar as relações, até mesmo um modo de habitar o mundo e de organizá-lo”³.

¹ BEAUDOIN, Tom. *Virtual Faith: The Irreverent Spiritual Quest of Generation X*. San Francisco: Jossey-Bass Publishers, 1998, p. 87.

² SPADARO, Antonio. *Ciberteologia: pensar o Cristianismo nos tempos da rede*. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 59.

³ SPADARO, Antonio. Prefácio. In: SBARDELOTTO, Moisés. *E o Verbo se fez bit: a comunicação e a experiência religiosas na internet*. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2012, p. 15.

Ciente de sua missão evangelizadora no mundo e imbuída de um espírito crítico, com coragem e ousadia profética, a Igreja Católica, em sua ação pastoral, é convocada a mergulhar nesse universo digital, novo “areópago moderno”, no intuito de desvendar sua linguagem e práxis. Aos agentes pastorais, numa Igreja em saída, é de suma importância analisar as perspectivas e desafios que se descortinam nesse novo tempo, na intenção de um melhor entendimento das questões atuais que interpelam a Teologia e a evangelização. “Pesquisar as relações pastorais entre fé e cultura digital é um aspecto de fundamental importância para o presente e o futuro pastoral da Igreja Católica”⁴.

A reflexão teológica sobre a influência da cultura digital na fé é bem atual, uma vez que é muito recente o desenvolvimento da internet. Vale lembrar que até os anos 80, a rede de computadores é usada de forma restrita por militares, cientistas e universidades. Somente depois dos anos 90 a internet se populariza no mundo, sendo que no Brasil a primeira oferta de conexão com a internet é feita em 1º maio de 1995, pela Embratel. Daí para cá, temos visto uma evolução muito rápida na abrangência mundial da internet, na qualidade dos equipamentos e velocidade de conexão e navegação.

No entanto, bem antes de ser confrontada com as consequências para a evangelização trazidas pelo advento do ambiente digital, a Igreja já se mostrava atenta aos desenvolvimentos que a técnica apresentava e suas questões para a missão evangelizadora. Assim, já em 1963, antes mesmo da popularização da internet, o decreto *Inter Mirifica*, do Concílio Vaticano II, reconhece a importância dos meios técnicos de comunicação “capazes de atingir e movimentar os indivíduos, mas as próprias multidões e a sociedade humana inteira” (IM, n. 1), sendo “capazes de recrear e aprimorar os espíritos e propagar e firmar o reino de Deus” (IM, n. 2). Este decreto afirma ainda que é obrigação da Igreja pregar a mensagem de salvação, utilizando-se para isso também dos recursos de comunicação existentes, possuindo-os e instruindo os fiéis no que diz respeito ao seu uso (IM, n. 3). Ainda citando este decreto, no que se refere à ação pastoral, sensível às exigências daquele tempo, pede aos filhos da Igreja um esforço com máximo empenho no emprego eficaz desses meios nas várias obras de apostolado (IM, n. 13).

Assim, a Igreja, sensível às mudanças comunicacionais trazidas pelo avanço da técnica, através de orientações e documentos do Magistério, tem se pronunciado, analisando e instruindo seus fiéis na acolhida e uso de tais avanços, sobretudo na área pastoral. Tal movimento é verificado, sobretudo, a partir do século XV com a invenção da imprensa. Fonte importante

⁴ MORAES, Abimar Oliveira. Prefácio. In: GRIPP, Andréia. *Infopastoral: o agir pastoral numa sociedade em transformação*. São Paulo: Paulus, 2023, p.11. (Coleção *Ecclesia Digitalis*).

dessas análises são os documentos do Magistério eclesial ao longo dos anos e, mais recentemente, as mensagens para o Dia Mundial das Comunicações Sociais, escritas pelos papas desde 1967. Já em 1990, a mensagem de João Paulo II para o 24º DMCS, intitulada “A mensagem cristã na cultura informática atual”, constata que os progressos da tecnologia das comunicações acontecem em ritmo acelerado e afirma que as comunicações sociais são “parte de uma cultura sempre em evolução cujas implicações ainda não se veem com precisão e cujas potencialidades são, no momento, só parcialmente desfrutadas”⁵. Ainda nesta mensagem, utilizando um linguajar da época, o papa reconhece que “com advento das telecomunicações computadorizadas e dos chamados sistemas computadorizados de participação, foram oferecidos à Igreja outros meios para o cumprimento de sua missão”⁶.

Desde então se intensifica o debate e a produção acadêmica a respeito das influências da rede para a fé e como ser Igreja no mundo digital. Grande contribuição tem dado o teólogo italiano jesuíta Antonio Spadaro que, desde 1999, vem desenvolvendo estudos e publicando artigos e livros sobre esta temática. No Brasil, vários trabalhos acadêmicos são publicados, abordando essa temática. Destaque para os(as) pesquisadores(as) Moisés Sbardelotto, Aline Amaro, Darlei Zanon, Joana Puntel, Andréia Gripp, dentre outros. Alguns grupos de pesquisadores foram organizados e têm desenvolvido reflexões valiosas ao tema, como é o caso do Grupo de Reflexão sobre a Comunicação, da CNBB, o Núcleo de Estudos em Comunicação e Teologia⁷, da PUC-MG.

Grande impulso nas reflexões pastorais sobre o papel e influência da internet para a ação pastoral veio a partir do surto da Covid-19 e a crise sanitária ocasionada por ele. Com as portas dos templos fechadas em março de 2020, impossibilitando qualquer trabalho ou atividade onde houvesse contato ou aglomeração de pessoas, a Igreja se vê obrigada a utilizar-se amplamente dos meios oferecidos pela internet para continuar seu trabalho de evangelização e fazer-se “presente” junto aos fiéis.

Neste trabalho, através da análise de escritos e documentos do Magistério – sobretudo a partir do século XV – serão abordadas as implicações dos meios de comunicação para a Igreja Católica e, mais recentemente, da cultura digital para a pastoral dessa instituição. Analisaremos a evolução do olhar eclesial sobre as perspectivas e os desafios trazidos pelo desenvolvimento

5 JOÃO PAULO II. 24º Dia Mundial das Comunicações Sociais: “A mensagem cristã na cultura informática atual”. 24 jan. 1990. In: PAULO VI; JOÃO PAULO II; BENTO XVI; FRANCISCO. Mensagens Dia Mundial das Comunicações Sociais: 1967-2017. Brasília: Edições CNBB, 2017, p. 126.

6 JOÃO PAULO II, 1990. In: PAULO VI; JOÃO PAULO II; BENTO XVI; FRANCISCO, 2017, p. 126-127.

7 Este projeto de estudos durou de 2021 a 2023, não existindo mais como núcleo da PUC-MG.

dos meios técnicos de comunicação – com ênfase maior nos meios digitais – para a pastoral evangelizadora, colocando em evidência como a internet extrapola os limites dos meios de comunicação tradicionais, tornando-se um lugar específico de experiências de humanidade. Para tal intento, serão analisadas: as principais orientações e documentos do Magistério eclesial, sobretudo as mensagens dos sumos pontífices para o Dia Mundial das Comunicações Sociais, desde 1967 até 2024; os estudos e obras de referência de autores contemporâneos de destaque nesta área e das DGAE 2019-2023.

Assim, este estudo busca aprofundar o entendimento de como o ambiente digital influencia a pastoral da Igreja Católica no Brasil e como esta instituição tem reagido, no intuito de adaptar sua missão evangelizadora à cultura digital. O trabalho está desenvolvido em três capítulos.

O primeiro, intitulado “Internet: história, perspectivas e desafios ao catolicismo”, examinará o surgimento e desenvolvimento da internet, suas principais características e as mudanças culturais geradas por sua popularização. Serão elencados alguns dados estatísticos, traçando um panorama da presença e uso da internet entre a população, apontando desafios e potencialidades do ambiente digital para a Igreja Católica. Iniciando a análise a partir da perspectiva de que a internet constitui um “ambiente” habitado pelos cristãos, portanto, suscetível à prática da evangelização, e partindo da outra premissa de que ela desempenha um papel significativo na transformação da visão cultural do mundo, influenciando a maneira como as pessoas pensam e estabelecem relações, serão examinadas as perspectivas e desafios da prática pastoral no ambiente digital. Adicionalmente, será abordada a proposta da infopastoral como uma estratégia potencial para a evangelização em tempos de rede.

A Igreja Católica, historicamente, tem manifestado interesse pelos meios de comunicação, evidenciado por meio da emissão de encíclicas, decretos e instruções sobre as comunicações sociais, bem como pela anual divulgação de uma mensagem papal desde 1967, por ocasião do Dia Mundial das Comunicações Sociais. Em sua exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi* sobre a evangelização, Paulo VI alerta que a Igreja viria a sentir-se culpável diante do seu Senhor, caso negligenciasse o uso dos instrumentos de comunicação, considerados “potentes meios que a inteligência humana torna cada dia mais aperfeiçoados” (EN, n. 45). O papa destaca que, por meio desses instrumentos, a Igreja proclama sobre os telhados (Mt 10,27; Lc 12.3) a mensagem de que é depositária.

O segundo capítulo deste estudo, intitulado “Igreja, comunicação e evangelização: caminho histórico”, tem por finalidade explicar a evolução histórica do relacionamento entre a Igreja Católica e os meios de comunicação. Este processo, caracterizado por sua natureza

prolongada e gradual de abertura, será analisado em paralelo com o avanço dos meios de comunicação social, utilizando textos publicados pelo Magistério Pontifício como referência. A investigação abrangerá o período que remonta à invenção da tipografia no século XV, destacando a significativa contribuição do Concílio Vaticano II para o desenvolvimento do pensamento da Igreja Católica acerca da comunicação social.

No Brasil, desde o ano de 1962, a Igreja Católica, por meio da CNBB, tem desenvolvido planos de pastoral como instrumentos norteadores para suas atividades. Atualmente estes planos constituem as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (DGAE). Elas são o resultado de uma análise minuciosa das orientações do Sumo Pontífice para a Igreja Católica e da realidade sociocultural no território brasileiro. Propõem ações pastorais que buscam estabelecer um diálogo entre o projeto evangelizador e a complexa realidade brasileira, atendendo ao percurso de fé dos fiéis imersos nesse contexto histórico. Destaca-se, nesse cenário, a importância da inclusão da cultura digital em qualquer plano de pastoral, independentemente do nível de atuação – seja nacional, regional, diocesano, paroquial ou comunitário. Como enfatiza Bento XVI:

De fato, pondo à nossa disposição meios que permitem uma capacidade de expressão praticamente ilimitada, o mundo digital abre perspectivas e concretizações notáveis ao incitamento paulino: ai de mim se não anunciar o Evangelho! (1Cor 9,16). Por conseguinte, com a sua difusão, não só aumenta a responsabilidade do anúncio, mas se torna também mais premente, reclamando um compromisso mais motivado e eficaz⁸.

Baseado no exposto acima, o terceiro capítulo deste estudo – “A infopastoral: um exame a partir das DGAE” – examinará como a Igreja Católica no Brasil incorpora o ambiente digital em seu planejamento pastoral. Para tal intento, analisaremos as diretrizes mais recentes, propostas pela CNBB: as DGAE 2019-2023. Serão destacados acertos e lacunas nessas diretrizes, considerando o papel da cultura digital no projeto evangelizador.

Dessa forma, este estudo propõe-se a explorar as complexas relações entre a Igreja Católica e a cultura digital, buscando compreender e responder aos desafios contemporâneos da evangelização.

⁸ BENTO XVI. 44º Dia Mundial das Comunicações Sociais: “O sacerdote e a pastoral no mundo digital: os novos media a serviço da Palavra”. 24 jan. 2010. In: PAULO VI; JOÃO PAULO II; BENTO XVI; FRANCISCO, 2017, n. 3, p. 216.

1 INTERNET: HISTÓRIA, PERSPECTIVAS E DESAFIOS AO CATOLICISMO

A internet é uma rede de computadores interconectados que abrange todo o planeta, permitindo a troca de dados e mensagens por meio de um protocolo comum. Este protocolo unifica diversos usuários individuais, entidades públicas e corporações em um único acesso. A rede é composta tanto por computadores comuns quanto por máquinas especializadas, conhecidas como servidores. Estes possuem alta capacidade de processamento e conexões rápidas, sendo gerenciados por universidades, empresas e órgãos governamentais. Com um alcance e abrangência sem precedentes, as informações contidas na internet podem ser acessadas de qualquer lugar do mundo e a qualquer momento.

Atualmente, é amplamente observável a disseminação de dispositivos computacionais e eletrônicos, tais como computadores, celulares, tablets, televisores, relógios inteligentes, entre outros, os quais estão interligados à rede mundial de computadores em uma variedade de contextos, abrangendo desde ambientes corporativos e domésticos até instituições educacionais, espaços de lazer, religiosos e comunitários. Esta ubíqua conectividade tem suscitado transformações significativas no cotidiano daqueles que fazem uso desses recursos tecnológicos, influenciando progressivamente seus padrões de comportamento e estilo de vida.

A internet está presente em todo nosso cotidiano, “é o tecido de nossas vidas”¹. Vivemos na “infosfera”². Devido a esta profunda imersão experimentada no ambiente digital, a distinção tradicional entre estar online ou offline tornou-se obsoleta. Já não se distingue o real do virtual, pois este “é a dinâmica mesma do mundo comum, é aquilo através do qual compartilhamos

¹ CASTELLS, Manuel. *A Galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 7.

² Termo cunhado por Luciano Floridi, autoridade internacional no âmbito da filosofia da informação. Segundo este autor, é um neologismo que “ajuda a definir o ambiente em que vivemos, feito de informações, fluxos de dados, interações com softwares e sistemas automáticos, em um misto de analógico e digital, e assim por diante. Nesse sentido, é uma atualização do velho termo ‘ciberespaço’. Aqui a utilidade está em abandonar a ideia de que há espaços separados, como se a infosfera fosse um lugar quase alheio, diferente, inatural, isto é, ‘ciber’, no qual entramos e saímos como e quando queremos”. O termo é também usado ontologicamente “para falar da realidade em geral, em uma metafísica que interpreta o Ser de modo informacional. Se, de um ponto de vista informacional, tudo pode ser lido como feito de informação, então ‘infosfera’ e ‘Ser’ se tornam correferenciais”. FLORIDI, Luciano. *Ser humano e inteligência artificial: os próximos desafios do onlife*. 28 out. 2020. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/604136-ser-humano-e-inteligencia-artificial-os-proximos-desafios-do-onlife-entrevista-com-luciano-floridi>. Acesso em: 11 jul. 2023.

uma realidade”³. Atualmente, vivemos em um estado contínuo de “*onlife*”⁴, refletindo a fusão inextricável de nossas vidas digitais e físicas, num cotidiano cada vez mais híbrido⁵.

O mundo digital estabelece uma infraestrutura essencial que sustenta nossa maneira de existir no ambiente cultural hodierno. Atualmente, constata-se que “o ser humano já não se entende sem os meios eletrônicos de comunicação, a ponto de se sentir desorientado quando esquece ou perde o seu celular, ou mesmo quando a conexão com uma rede sem fio não funciona”⁶.

A internet é um grande marco comunicacional e cultural, impactando de forma profunda a humanidade contemporânea. Turner e Muñoz, para expressarem a importância deste fenômeno, o inserem nas etapas do desenvolvimento humano, afirmando:

O paleolítico é o início da Idade da Pedra, caracterizado pela criação de ferramentas de pedra e pelo domínio do fogo. (...) surgiram as primeiras evidências da arte rupestre nas pinturas das cavernas (...) O mesolítico é o período de transição entre o paleolítico e o neolítico. (...) marca uma era de coexistência entre sociedades paleolíticas de caçadores e os grupos neolíticos de agricultores. (...) No neolítico há o estabelecimento de uma nova sociedade baseada em comunidades assentadas que agora criam gado e lavram a terra. (...) O Infolítico, ultrapassamos 6000 anos, (...) a sociedade moderna aprendeu a fabricar “pedras” muito pequenas, mas carregadas de grande quantidade de informação – os chamados *microchips*. Essas pedras modernas permitem aumentar o volume de informação e a velocidade com que ela é transmitida assim como o número de pessoas que possa se beneficiar desse conhecimento⁷.

Esta afirmativa nos conduz à reflexão de que estamos testemunhando e participando de um inédito processo antropológico, um momento singular no qual um novo mundo e um novo homem estão emergindo, uma nova era da evolução humana, o *homo digitalis*⁸. Pois, segundo estes autores, a condição evolutiva da espécie humana é determinada pelo modo como ela se

³ LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?* São Paulo: Editora 34, 1996, p.148. (Coleção TRANS).

⁴ Neologismo também cunhado por Luciano Floridi, em 2013, para representar a nova condição humana na era digital. Refere-se “à vida na infosfera, onde não faz mais sentido perguntar se você está online ou offline, conectado ou não conectado”. FLORIDI, 2020, não paginado.

⁵ CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em rede*. 22.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020, p. 22. (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v.1).

⁶ MORAES, Abimar; GRIPP, Andréia. Ações evangelizadoras numa cultura urbana marcada pelo digital. *Fronteiras – Revista de Teologia da UNICAP*, v. 3, n. 1, p. 145-167, jan./jun., 2020. Disponível em: <https://www1.unicap.br/ojs/index.php/fronteiras/article/view/1640/1431>. Acesso em: 13 jul. 2023. Essa dependência do homem em relação à tecnologia é a intuição de Marshall McLuhan, já em 1969, ao analisar e projetar a influência futura dos meios de comunicação na vida humana. Como resultado de suas reflexões, ele produz uma obra intitulada “Os meios de comunicação como extensões do homem”. Conferir: MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 1969.

⁷ TURNER, David; MUÑOZ, Jesus. *Para os filhos dos filhos dos nossos filhos: uma visão da sociedade internet*. 2ª ed. São Paulo: Summus, 2002, p. 16-17.

⁸ Este homem que surge nessa era digital é “mais icônico que lógico; mais instantâneo que processual; e mais informatizado que comunicado”. MORAES, 2004, p. 386. In: GRIPP, 2023, p. 66.

comunica. Assim, “os gestos definiram a estrutura social do Homem de Neanderthal. A escrita e a pintura definiram o Cromagnon, e o bit definirá o ser Infosocial”⁹.

No entanto, a internet não é inicialmente concebida na forma como a conhecemos atualmente. É desenvolvida com um propósito específico e, à medida que a tecnologia e a inventividade humana avançam, novas funcionalidades e um vasto leque de possibilidades são progressivamente revelados. É o que abordaremos no próximo tópico.

1.1 Uma breve história da Internet

Desde seu surgimento, a internet tem se consolidado como uma ferramenta indispensável, moldando a dinâmica social, econômica e cultural em todo o mundo. Tendo isso em vista, o que dizem outros grupos, fora do ambiente eclesial, sobre este fenômeno que atinge toda a humanidade, com forte impacto no contexto brasileiro? Como alguns dados concretos ajudam a ilustrar a atenção pastoral a este tema, por parte dos últimos pontífices e de teólogos contemporâneos? Neste tópico buscaremos explorar diversos aspectos desse fenômeno global, iniciando pelo exame das origens da internet, seguido pela análise de números estatísticos que evidenciam seu sucesso impactante e, por fim, pela identificação das características principais que definem sua essência multifacetada. Ao compreendermos esses elementos fundamentais, poderemos aprofundar um pouco mais as complexidades e implicações desta poderosa rede virtual – que se tornou inseparável do tecido da vida hodierna – para a atividade evangelizadora da Igreja Católica.

1.1.1 Surgimento da internet

Inicialmente, a motivação do surgimento da internet é de cunho militar. Sua origem remonta ao período da guerra fria, como uma reação do governo dos Estados Unidos ao Projeto Sputnik, da antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Assim, a rede surge ligada ao departamento de defesa norte-americano, na década de 1960, com a denominação de ARPANET, sigla para *Advanced Research Projects Agency Network* (Rede da Agência de Projetos e Pesquisas Avançadas). A iniciativa em questão foi concebida com o objetivo de construir uma rede de comunicação através de computadores conectados entre si, capaz de

⁹ TURNER; MUÑOZ, 2002, p.15.

preservar a integridade das linhas de comunicação, mesmo diante da possibilidade de um ataque inimigo que pudesse comprometer ou tornar inoperante qualquer computador conectado à infraestrutura. Este cenário contrasta com o da rede de telefonia, que não apresentava tal resiliência. Daí a denominação “internet”, resultado da junção das palavras “*interconnected network*”, ou “rede interconectada”. Após sua criação, a ARPANET passa também a interconectar universidades, possibilitando a difusão e intercâmbio de trabalhos e pesquisas acadêmicas. Permanece restrita ao uso militar e acadêmico até 1987, quando é liberada para uso comercial.

Porém, muitos consideram o ano de 1993 como o marco do surgimento da internet tal como a conhecemos hoje. Este feito é atribuído ao cientista da computação britânico, Tim Berners-Lee, que concebeu a *World Wide Web* (WWW)¹⁰. A WWW estabeleceu um protocolo padrão para a transmissão de dados na rede, possibilitando que qualquer dispositivo computacional, em qualquer localidade geográfica, possa ter acesso irrestrito ao ambiente virtual. Este foi um marco na história da internet. A partir desse momento, a internet começa a ganhar popularidade em todo o mundo, expandindo-se além dos laboratórios de pesquisa e universidades para alcançar residências e empresas. A invenção da WWW permite que a internet se torne uma ferramenta global de comunicação e informação, transformando fundamentalmente a maneira como as pessoas interagem e acessam o conhecimento.

Durante a transição do final do século XX para o início do século XXI, especificamente entre a década de 1990 e o início dos anos 2000, observa-se uma expansão acelerada na utilização da internet. Este fenômeno pode ser atribuído às inovações tecnológicas emergentes que são progressivamente introduzidas e se tornam acessíveis através da rede. A vasta maioria dessas inovações promove uma troca cada vez mais eficiente de informações e mensagens instantâneas em grande velocidade.

No Brasil, os primeiros provedores locais de acesso à internet chegam a partir de 1996, embora já na década de 1980 havia conexão de universidades brasileiras com instituições americanas de ensino superior. Esses provedores, de natureza comercial, disponibilizam acesso

¹⁰ Embora a World Wide Web seja frequentemente identificada como sinônimo da própria internet, ela representa apenas o método predominante de acesso a informações digitais por meio de documentos interconectados e hiperlinks. A introdução da web desempenhou um papel fundamental na democratização do acesso à internet para o público em geral. Além disso, foi um componente essencial na evolução do vasto repositório de informações que a maioria dos indivíduos consulta regularmente na era digital atual. AQUINO, Maria Clara. Um resgate histórico do hipertexto. 2007. Disponível em: <https://www.bocc.ubi.pt/pag/aquino-maria-clara-resgate-historico-hipertexto.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2023.

à internet através de planos mensais. Dessa forma, a expansão da rede no país ocorre de maneira gradual¹¹.

1.1.2 Números de sucesso: a internet em dados estatísticos

De acordo com um relatório publicado no final de janeiro de 2024 pela agência We Are Social e pela empresa Meltwater, com base em estimativas da Kepios, especializada no estudo de usos digitais, 5,35 bilhões de pessoas em todo o mundo têm conexão com a internet. Dentre esses, mais de 5 bilhões são usuários ativos em redes sociais, o que representa 62,3% da população mundial. Esse número aumentou 5,6% em relação ao ano anterior, enquanto a população mundial cresceu 0,9%¹². Esses dados destacam a importância crescente da conectividade digital global e o papel central das redes sociais na vida das pessoas.

Neste montante, o Brasil está em quinto lugar no ranking das nações com a maior quantidade de usuários da rede¹³, ficando atrás apenas da China, Índia, Estados Unidos e Indonésia. Ainda de acordo com este estudo, observou-se que aproximadamente 99% dos usuários brasileiros optam por dispositivos móveis – a exemplo dos celulares – como meio preferencial de acesso à internet. Este dado demonstra a predominância e a conveniência dos dispositivos móveis na vida cotidiana dos brasileiros.

Além disso, cerca de 50% dos usuários brasileiros utilizam a televisão para acessar a internet, principalmente através de serviços de streaming. Este dado indica uma tendência crescente na integração da internet com a televisão, proporcionando aos usuários uma experiência de visualização mais rica e diversificada.

Por fim, aproximadamente 38% dos usuários brasileiros utilizam notebooks e computadores para acessar a internet. Embora este número seja menor em comparação com o uso de dispositivos móveis e televisões, ainda representa uma parcela significativa da população que prefere estes dispositivos tradicionais para navegar pela rede.

¹¹ GARRETT, Filipe. *Quem criou a Internet?* 26 jun. 2021. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2021/06/quem-criou-a-internet-veja-perguntas-e-respostas-sobre-historia-da-web.ghtml>. Acesso em: 20 mai. 2023.

¹² O GLOBO. *Redes sociais passam dos 5 bilhões de usuários, revela informe*. 31 jan. 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2024/01/31/redes-sociais-passam-dos-5-bilhoes-de-usuarios-revela-informe.ghtml>. Acesso em: 2 fev. 2024.

¹³ A última PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios), divulgada em 2022, aponta que o número de domicílios com acesso à internet no Brasil chegou a 90,0%, abrangendo 65,6 milhões de domicílios conectados. CASA CIVIL. *90% dos lares brasileiros já tem acesso à internet no Brasil, aponta pesquisa*. 31 out. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/casacivil/pt-br/assuntos/noticias/2022/setembro/90-dos-lares-brasileiros-ja-tem-acesso-a-internet-no-brasil-aponta-pesquisa>. Acesso em: 20 jul. 2023.

Outra pesquisa, de 2023, feita pela Comscore, empresa americana de análise da internet, revela que o Brasil ocupa o terceiro lugar no consumo de redes sociais em todo o mundo, atrás apenas da Índia e Indonésia¹⁴. A análise dessa empresa revela que os 131,5 milhões de usuários no Brasil têm passado cada vez mais tempo na internet, nessas plataformas. YouTube, Facebook e Instagram são as plataformas mais populares entre os usuários brasileiros¹⁵, com um alcance de 96,4%, 85,1% e 81,4%, respectivamente. TikTok, Kwai e X (antigo Twitter) também são bastante utilizados, aparecendo logo em seguida na lista¹⁶. A pesquisa realizada pela Comscore ainda apresenta dados significativos sobre o engajamento de conteúdos promovidos por influenciadores digitais. Em 2022, esses criadores de conteúdo acumularam 22,3 bilhões de interações, o que corresponde a 59% do total de engajamento e 9% do volume total de conteúdos publicados durante o ano. Isso evidencia a relevância e o alto nível de engajamento que esses influenciadores mantêm com seu público. Ingrid Veronesi, diretora sênior da Comscore para o Brasil, pondera:

O potencial de alcance e a conexão dos influenciadores das redes são um trunfo para aqueles que desejam estabelecer uma relação mais próxima com seus públicos. Saber identificar perfis que se encaixam aos propósitos da marca pode engrandecer estratégias de engajamento e trazer resultados satisfatórios para as ações online¹⁷.

Ainda apresentando outros dados, a pesquisa “Digital 2023: Global Overview Report”, conduzida pela DataReportal em 45 países, analisa o tempo gasto no uso de tela por indivíduos com idades entre 16 e 64 anos. A Electronics Hub, ao examinar os dados coletados por essa pesquisa, observa que os brasileiros permanecem acordados, em média, por 16 horas. Destas,

¹⁴ A prevalência significativa das mídias sociais e seu impacto no comportamento humano têm despertado o interesse da Igreja. Uma perspectiva sobre essa questão foi fornecida pelo Dicastério para a Comunicação, que publica a reflexão pastoral “Rumo à presença plena”. Conferir: DICASTÉRIO PARA A COMUNICAÇÃO, 2023.

¹⁵ No presente contexto, emerge uma questão de significativa preocupação. As principais plataformas digitais, que exercem considerável influência sobre os usuários, estão predominantemente sob o controle de um reduzido número de empresas de tecnologia. Estas entidades detêm um poder substancial e muitas vezes priorizam o lucro em detrimento de preocupações éticas. Recentemente, tem-se observado dirigentes dessas corporações sendo alvo de processos judiciais em virtude do uso inadequado de algoritmos baseados em inteligência artificial, os quais têm impactado o bem-estar social e psicológico dos usuários, interferido nos processos eleitorais de democracias através da propagação de notícias falsas, entre outras questões. Francisco, em sua comunicação para o 58º DMCS, destaca a possibilidade de surgimento de novas castas fundamentadas no domínio da informação, resultando em novas formas de exploração e desigualdade. O Papa adverte que “dum lado, vemos assomar o espectro duma nova escravidão, do outro uma conquista de liberdade; dum lado, a possibilidade de que uns poucos condicionem o pensamento de todos, do outro a possibilidade de que todos participem na elaboração do pensamento. A resposta não está escrita; depende de nós”. FRANCISCO, 2024, não-paginado.

¹⁶ PACETE, Luiz Gustavo. *Brasil é o terceiro maior consumidor de redes sociais em todo o mundo*. 9 mar. 2023. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-tech/2023/03/brasil-e-o-terceiro-pais-que-mais-consome-redes-sociais-em-todo-o-mundo/>. Acesso em: 20 set. 2023.

¹⁷ PACETE, 2023, não paginado.

aproximadamente 57% do tempo, ou seja, cerca de 9 horas, são dedicadas ao uso de telas de computadores e/ou celulares.

Este dado coloca o Brasil em segundo lugar no ranking mundial de países com maior tempo de uso de tela, ficando atrás apenas da África do Sul. A pesquisa também revela que uma grande parcela do tempo de tela dos brasileiros é gasta em redes sociais e serviços de streaming (como Netflix, Globoplay, Spotify e YouTube). Por exemplo, das nove horas gastas com tela pelos brasileiros, quatro são usadas para navegar pelos feeds do Instagram, TikTok e Facebook¹⁸.

Estes dados acima fornecem uma visão abrangente do comportamento dos usuários de internet no Brasil e destacam a importância de considerar as preferências desses internautas ao desenvolver qualquer estratégia direcionada a eles e ao projetar interfaces de usuário. Ressaltamos que a afirmativa anterior cabe também à Igreja, caso esta queira atuar de forma organizada e eficaz em sua missão de evangelização junto ao mundo contemporâneo. Pois, para muitos, a experiência da vida é, em grande medida, uma experiência dos meios de comunicação. A proclamação de Cristo deve constituir uma parte desta experiência (AN, n. 2).

Diante dos dados apresentados nas pesquisas acima, pode-se indagar acerca da razão pela qual a internet se expande com tamanha rapidez, tornando-se um elemento onipresente¹⁹ no cotidiano da sociedade contemporânea. Bento XVI afirma que as pessoas se envolvem nas redes “para construir relações e encontrar amizade, buscar respostas para as suas questões, divertir-se, mas também para ser estimuladas intelectualmente e partilhar competências e conhecimentos”²⁰. Spadaro aponta que a internet atende a três anseios fundamentais do ser humano: a necessidade de estabelecer relações, a busca por comunicação e o desejo de adquirir conhecimento. Esta combinação de fatores poderia elucidar o imenso sucesso alcançado pela rede mundial de computadores²¹.

Na relação entre Igreja Católica e internet, outra realidade desafiante relaciona-se aos chamados “excluídos digitais”, pessoas que não acessam a internet, estando fora do mundo

¹⁸ SPADONI, Pedro Borges. *Qual o seu tempo de tela? Brasil é um dos líderes do ranking mundial*. 25 abr. 2023. Disponível em: <https://olhardigital.com.br/2023/04/25/internet-e-redes-sociais/tempo-de-tela-beira-10-horas-no-brasil/>. Acesso em: 13 jul. 2023.

¹⁹ BENTO XVI. 43º Dia Mundial das Comunicações Sociais: Novas tecnologias, novas relações. Promover uma cultura de respeito, de diálogo, de amizade. 24 jan. 2009. In: PAULO VI; JOÃO PAULO II; BENTO XVI; FRANCISCO, 2017, n. 2, p. 211.

²⁰ BENTO XVI. 47º Dia Mundial das Comunicações Sociais: Redes Sociais: portais de verdade e de fé; novos espaços de evangelização. 24 jan. 2013. In: PAULO VI; JOÃO PAULO II; BENTO XVI; FRANCISCO, 2017, n. 2, p. 230.

²¹ SPADARO, 2012, p. 16.

digital. É uma nova forma de marginalização social. Ressaltamos que “a liberdade de acesso à informação através da internet implica tanto o direito de acesso como a capacidade de fazê-lo”²².

A mais recente Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – Tecnologia da Informação e Comunicação (Pnad Contínua – TIC), referente ao quarto trimestre de 2021, divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2022, revela que em 7,3 milhões de domicílios do país não havia utilização da internet. Este estudo ainda mostra que 15,3% das pessoas de 10 anos ou mais de idade – cerca de 28,2 milhões de pessoas – não utilizaram a internet no período referente à pesquisa. Os motivos apontados para o não acesso à internet foram: falta de habilidade técnica para usar (42,2%), maioria desse número composto por indivíduos acima de 60 anos; falta de interesse em acessar a internet (27,7%); por razões econômicas, devido ao alto custo dos equipamentos e do serviço de acesso (20,2%); e a falta de disponibilidade do serviço de acesso à internet nos locais que as pessoas costumavam frequentar (5,3%), visto que 98,8% dos usuários usam o celular para acessar a rede²³.

Essa desigualdade de acesso tende a aumentar com a globalização e a intensificação do uso das tecnologias digitais. E, a menos que se consiga resolvê-lo, “a exclusão digital pode se tornar um abismo, gerando novas formas de discriminação entre aqueles que podem ser habitantes da infosfera e aqueles que não podem, (...) entre ricos e pobres em informação”²⁴.

1.1.3 Algumas características da internet

Observamos que a internet não surge como um novo meio de comunicação. Porém, caminha para se “converter rapidamente NO meio de comunicação. (...) A internet no futuro (...) será um sistema integral de multimídia que acessará todos os jornais, revistas, emissoras de rádio, canais de televisão e filmes produzidos por todos os países do mundo”²⁵.

Desde o final do século XX, a internet revolucionou a comunicação em massa, oferecendo plataformas alternativas para organizações de mídia que anteriormente estavam limitadas às tecnologias já estabelecidas. Assim, ela ultrapassa as fronteiras da comunicação

²² Conferir também: ECHANIZ, Arantza; PAGOLA, Juan. *Ética do profissional da comunicação*. São Paulo: Paulinas, 2007. (Coleção comunicação-estudos).

²³ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua* 2021. 2022. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101963_informativo.pdf. Acesso em: 10 jul. 2023.

²⁴ FLORIDI, 2014 *apud* GRIPP, 2023, p. 63.

²⁵ TURNER; MUÑOZ, 2002, p. 66.

convencional, viabilizando não somente a disseminação de dados e saberes, mas também a execução de atividades recreativas como jogos, transações comerciais, engajamento e participação em eventos sociais e educativos, dentre inúmeras outras possibilidades. Ademais, propicia o surgimento de uma gama de novas potencialidades, como a Internet das Coisas (IoT: *Internet of Things*)²⁶, a Inteligência Artificial²⁷ e o Metaverso²⁸. Dessa forma, a internet não se restringe a um mero canal de comunicação, mas se configura como uma plataforma multifuncional que facilita uma diversidade de interações e aplicações, alargando horizontes comerciais, educativos, pessoais e culturais.

A internet apresenta uma série de características notáveis. Ela se destaca por ser instantânea, fornecendo acesso imediato a uma audiência global. Além disso, é descentralizada, o que significa que não está sob o controle de uma única entidade, tornando-a resiliente e de fácil acesso para pessoas em todo o mundo. Tem natureza interativa, permitindo que os usuários participem ativamente deste ambiente, compartilhem informações e se envolvam em comunidades virtuais, promovendo diálogo e enriquecimento intercultural. A internet é infinitamente expansível em termos de conteúdo e alcance, oferecendo uma riqueza de informações e possibilidades. É flexível e altamente adaptável, respondendo às necessidades e preferências individuais.

Outra característica muito marcante da internet é a sua igualdade de acesso. Qualquer pessoa com o equipamento adequado e conhecimentos técnicos modestos pode se tornar uma presença ativa na esfera cibernética, transmitir sua mensagem para o mundo e atrair um público. Ademais, a internet oferece a capacidade de permanência do usuário no anonimato, além de permitir o desempenho de funções específicas e formação de comunidades com outros indivíduos, criando um ambiente de livre expressão.

Como a internet se adequa ao gosto do usuário, a instrução pastoral *Ética na Internet* alerta que ela:

se presta tanto à participação ativa como ao isolamento passivo num mundo narcisista, que tem a si mesmo como ponto de referência, feito de estímulos cujos efeitos são semelhantes aos dos narcóticos. A ela pode-se recorrer também para interromper o isolamento de indivíduos ou de grupos, ou para exacerbá-lo. (EtIn, n. 7)

²⁶ Conferir CNN. *Internet das Coisas: o que é, como funciona e exemplos de uso*. 29 ago. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/internet-das-coisas/>. Acesso em: 20 set. 2023.

²⁷ Conferir SARGEANT, Paul. *O que é inteligência artificial? Um guia simples para entender a tecnologia*. 18 jul. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/resources/idt-74697280-e684-43c5-a782-29e9d11fecf3>. Acesso em: 20 set. 2023.

²⁸ Conferir MACHADO, Simone. *Metaverso: como participar do “futuro da tecnologia”?* 28 abr. 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/faq/metaverso-o-que-e-como-entrar-e-mais.htm>. Acesso em: 20 set. 2023.

Devido às características de ser descentralizada e permitir igualdade de acesso aos usuários, a internet proporciona uma transformação notável na reconfiguração da dinâmica entre produtores e consumidores de conteúdo²⁹. Tradicionalmente, essa relação era estabelecida de maneira vertical, com papéis claramente definidos, onde autores e leitores, emissoras e telespectadores (ou ouvintes) ocupavam posições distintas. Nesse modelo, o conteúdo era produzido de forma monocrática, refletindo a vontade e os interesses do produtor, enquanto o consumidor recebia esse conteúdo de maneira passiva, sem a possibilidade de interação. Com a ascensão da internet, essa dinâmica foi radicalmente alterada. A relação entre produtor e consumidor tornou-se mais horizontal e democrática. Agora, qualquer indivíduo tem a capacidade de produzir e consumir conteúdo, exercendo sua liberdade de expressão. Assim, a internet possibilita uma interação completa entre quem produz e quem consome o conteúdo. Essa mudança representa uma democratização sem precedentes na produção e consumo de mídia³⁰.

1.2 Desafios e possibilidades da internet para a Igreja Católica

Neste tópico do estudo, examinaremos determinados aspectos relacionados à internet que têm despertado o interesse da Igreja Católica em seu projeto de evangelização e na vida dos fiéis. Essa análise se faz necessária, pois “a revolução das comunicações afeta, de igual modo, a percepção que se pode ter da Igreja, e contribui para a modelação das próprias estruturas e funcionamento. Tudo isto tem consequências pastorais importantes” (AN, n. 4). Dentre tantos desafios e possibilidades que se apresentam nesta relação Igreja e internet, não é nosso objetivo esgotar o tema. Fizemos um recorte de alguns pontos que julgamos mais relevantes para o agir eclesial. João Paulo II enfatiza que “o atual fenômeno das comunicações sociais impulsiona a Igreja a fazer uma espécie de revisão pastoral e cultural, a fim de ser capaz de enfrentar de maneira apropriada a passagem de época que estamos a viver” (RD, n. 8). Esse

²⁹ BENTO XVI. 45º Dia Mundial das Comunicações Sociais: Verdade, anúncio e autenticidade de vida, na era digital. 24 jan. 2011. In: PAULO VI; JOÃO PAULO II; BENTO XVI; FRANCISCO, 2017, n. 3, p. 221.

³⁰ Essa característica é enfatizada na reflexão pastoral Rumo à presença plena, do Dicastério para a Comunicação. Este escrito afirma que “a facilidade de acesso às notícias e à comunicação tem também o potencial de criar espaços inclusivos, que dão voz àqueles que, nas nossas comunidades, são marginalizados pela injustiça social ou econômica”. DICASTÉRIO PARA A COMUNICAÇÃO. 2023, n. 31.

é um dos aspectos da “conversão pastoral” assinalado pela Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, ocorrida em Aparecida, no ano de 2007 (DA, n. 365-372).

1.2.1 De “instrumento” para “meio”, uma nova perspectiva

A Igreja Católica não deve fazer uso dos avançados meios de comunicação simplesmente para disseminar o Evangelho, mas, “hoje como nunca, está chamada também a integrar a mensagem salvífica na ‘nova cultura’ que os poderosos instrumentos da comunicação criam e amplificam... (isso) é parte integrante da sua missão no terceiro milênio” (RD, n. 2). João Paulo II, afirma que “o primeiro areópago dos tempos modernos é o *mundo das comunicações*, que está a unificar a humanidade, transformando-a – como se costuma dizer – na ‘aldeia global’” (RM, n. 37c). Neste contexto, a Igreja Católica é convocada a aprofundar sua relação com a internet, abandonando uma perspectiva simplesmente instrumentalista da rede, onde ela é pensada apenas como “meio” para difusão de conteúdo. Essa mudança de perspectiva é um dos primeiros pontos a serem enfrentados, pois a questão ultrapassa o “como usar” a rede para o “como estar” na rede.

A presente perspectiva instrumentalista impõe obstáculos significativos à efetividade da ação pastoral da Igreja Católica, uma vez que relega à instituição eclesial o papel passivo de usuária de plataformas digitais. Tal abordagem limitada compromete a capacidade da Igreja de desempenhar um papel proativo e transformador no ambiente digital, impedindo-a de plenamente integrar-se e utilizar essas ferramentas como meios eficazes para a disseminação da mensagem pastoral, a promoção da comunhão entre os fiéis e a realização de atividades evangelísticas e sociais pertinentes ao contexto contemporâneo. Papa Francisco aborda essa temática na exortação apostólica *Christus vivit*:

O ambiente digital caracteriza o mundo contemporâneo. Amplas faixas da humanidade estão imersas nele de maneira ordinária e contínua. Já não se trata apenas de “usar” instrumentos de comunicação, mas de viver em uma cultura amplamente digitalizada, que afeta de modo muito profundo a noção de tempo e espaço, a percepção de si mesmo, dos outros e do mundo, o modo de comunicar, de aprender, de informar-se, de entrar em relação com os outros. Uma abordagem da realidade, que tende a privilegiar a imagem relativamente à escuta e à leitura, influencia o modo de aprender e o desenvolvimento do sentido crítico (CV, n. 86).

Ainda neste contexto, Spadaro lembra que “a rede não é um novo ‘meio’ de evangelização, mas antes de tudo um contexto no qual a fé é chamada a se exprimir não por

uma mera vontade de presença, mas por uma conaturalidade do cristianismo com a vida dos homens”³¹.

1.2.2 Internet como meio de comunicação

Ao discutir os desafios e oportunidades apresentados pela internet, é importante enfatizar que ela se insere no conjunto dos meios de comunicação. Portanto, as considerações feitas para os meios de comunicação também se aplicam à internet. No entanto, à medida que as redes expandem a abrangência e eficácia da comunicação, também potencializam os desafios e oportunidades associados ao seu uso.

Como meio de comunicação, a Igreja Católica tem na internet um poderoso instrumento de evangelização e catequese, possibilitando a transmissão de notícias e informações acerca de eventos, ideias e personalidades religiosas. Além de oferecer “inspiração, encorajamento e oportunidades de culto a pessoas confinadas na própria casa ou em instituições” (ECS, n. 11). No entanto, além desses aspectos, a internet apresenta benefícios distintos e singulares. Viabiliza a realização de encontros religiosos e formações online, concedendo aos indivíduos um acesso direto e imediato a recursos de natureza religiosa e espiritual de grande relevância: bibliotecas extensas, museus, locais de culto, documentos do Magistério, escritos dos Padres e Doutores da Igreja, bem como a sabedoria religiosa de todas as épocas (IgIn, n. 5).

A internet pode ser considerada um elemento importante para o desenvolvimento humano, conforme observado em determinados contextos geográficos e culturais onde os indivíduos de fé cristã experimentam um sentimento de isolamento. Nestes casos, as redes sociais são capazes de “reforçar o sentido de sua unidade efetiva com a comunidade universal dos fiéis... facilitam a partilha dos recursos espirituais e litúrgicos, tornando as pessoas capazes de rezar com um revigorado sentido de proximidade àqueles que professam a sua fé”³².

1.2.3 Influência formativa

A rede digital é uma ferramenta que exerce um impacto significativo na formação da opinião pública. Além disso, ela democratiza o acesso à informação, permitindo que qualquer

³¹ SPADARO, Antonio. *Ciberteologia: pensar o Cristianismo nos tempos da rede*. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 24-25.

³² BENTO XVI, 2013. In: PAULO VI; JOÃO PAULO II; BENTO XVI; FRANCISCO, n. 6, p. 233-234.

pessoa com uma conexão à rede possa pesquisar sobre uma infinidade de tópicos, formar suas próprias opiniões e compartilhá-las com o mundo. E “para muitas pessoas, a realidade corresponde ao que os *mass media* definem como tal” (AN, n. 4). Assim, o que é veiculado pela internet tem certa autoridade de convencimento junto a boa parte de seus usuários.

Esta autoridade da internet na formação da opinião pública e da própria consciência do sujeito é um tema complexo. Por um lado, oferece uma plataforma para vozes diversas e marginalizadas que podem não ter tido a oportunidade de serem ouvidas de outra forma. Isso pode levar a uma maior conscientização e compreensão de questões sociais, políticas e culturais. Por outro lado, a natureza aberta da internet também pode levar à disseminação de desinformação e notícias falsas³³. Isso pode distorcer a percepção dos usuários da rede sobre certos assuntos e influenciar a opinião pública de maneira negativa. Além disso, considerando o impacto da internet na moldagem de valores culturais, como visões sobre relações sociais, família, religião, política e outros aspectos humanos, há a possibilidade de uma cultura predominante disseminar conceitos errôneos que vão contra o verdadeiro bem-estar de indivíduos e comunidades. “Em tais circunstâncias, a sensibilidade cultural e o respeito pelos valores e credos dos outros povos são fundamentais” (EtIn, n. 11).

Outra vertente dessa questão é o impacto causado pelo advento da internet em relação à influência das instituições sociais tradicionais – família, escola e Igreja – na formação dos valores e dos ensinamentos dos indivíduos³⁴. Como ressalta Bento XVI, “a influência formativa dos meios de comunicação social concorre com a da escola, da Igreja e talvez mesmo do lar”³⁵. Frequentemente, o que é propagado na internet conflita com os princípios e as normas transmitidos por essas instituições. Nesse sentido, é importante analisar como a internet afeta a construção da identidade, da moral e da ética dos sujeitos, e quais são os desafios e as

³³ Papa Francisco dedica ao tema das *fake news* – como ficaram popularmente conhecidas as notícias falsas veiculadas pela internet – a mensagem para o 52º DMCS. Nela Francisco analisa o objetivo manipulador por trás das *fake news* e sua natureza capciosa, no intuito de influenciar opções políticas e favorecer lucros econômicos. Conclama os cristãos a terem discernimento no compartilhamento de notícias no meio digital e os alerta para tomarem cuidado de não se tornarem “atores involuntários na difusão de opiniões tendenciosas e infundadas”. FRANCISCO. *Mensagem para o 52º Dia Mundial das Comunicações Sociais*: “A verdade vos tornará livres” (Jo 8, 32): *Fake news* e jornalismo de paz. 24 jan. 2018. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20180124_messaggio-comunicazioni-sociali.html. Acesso em: 17 abr. 2023.

³⁴ Zanon afirma que “a crise das instituições é uma das características mais imediatas da sociedade em rede”. ZANON, Darlei. *Igreja e sociedade em rede: impactos para uma cibereclesiologia*. São Paulo: Paulus, 2018, p. 89.

³⁵ BENTO XVI. 41º Dia Mundial das Comunicações Sociais: As crianças e os meios de comunicação social: um desafio para a educação. 24 jan. 2007. In: PAULO VI; JOÃO PAULO II; BENTO XVI; FRANCISCO, 2017, n. 1, p. 201.

oportunidades que esse cenário apresenta para a educação e a sociedade. Compreender essa dinâmica é um desafio crucial para desenvolver estratégias eficazes que promovam uma integração equilibrada entre os valores tradicionais e as influências digitais na sociedade contemporânea.

1.2.4 Espaço democrático

O ambiente digital, como já abordado acima, é um espaço de interação, onde não há receptores passivos, mas interlocutores e protagonistas do processo. E todo o batizado é convocado a contribuir para a evangelização na internet. O anúncio do Reino feito pela Igreja, nesse sentido, é desafiado a inculturar o Evangelho na cultura digital, buscando e permitindo a colaboração e envolvimento dos fiéis. Somente assim ganhará adesão daqueles que estão imersos nessa cultura. Este aspecto democrático da rede, aliado à liberdade de expressão, é um ponto delicado para a Igreja Católica, pois os conteúdos veiculados no ambiente digital podem estar em dissonância com o ensinamento do Magistério eclesial. Isso ocorre porque, além de facilitar a formação de comunidades presenciais, a internet também permite a formação de comunidades digitais, onde pessoas com crenças e interesses semelhantes podem se reunir e compartilhar suas ideias livremente, sem, necessariamente, ter vínculo territorial de pertencimento. Isso tem levado ao surgimento de diversos grupos – que se denominam católicos – nas redes, cada um com suas próprias interpretações e práticas eclesiais, utilizando uma variedade de recursos digitais na divulgação e disseminação de suas ideias.

Os participantes desses grupos tendem a se envolver e compartilhar informações que confirmam suas próprias crenças e ideias preexistentes da fé, moral e costumes da Igreja³⁶. Há

³⁶ Ethan Zuckerman, diretor do Centro de Mídia Cívica do MIT (EUA), em um artigo de sua autoria, aborda o impacto da ascensão dos sites de busca e do algoritmo das plataformas digitais na navegação online, destacando como isso pode levar à segregação ideológica. A seleção de tópicos e linguagem por parte dos usuários, combinada com o algoritmo de recomendação das plataformas com base nas preferências passadas, tende a reforçar ideias preconcebidas. Essa estrutura das plataformas de mídia na internet é apontada como um fator que contribui para o isolamento ideológico, sendo que a homofilia, ou a tendência das pessoas se associarem a outros semelhantes, desempenha um papel significativo nesse processo. O texto sugere que muitos indivíduos apreciam o isolamento ideológico e deliberadamente escolhem um regime de seleção de conteúdo que reforça suas crenças e opiniões. Esse fenômeno pode ter implicações importantes para a formação de bolhas informativas e para o diálogo diversificado na sociedade online. ZUCKERMAN, Ethan. *Redes sociais criam bolhas ideológicas inacessíveis a quem pensa diferente*. 26 set. 2017. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/publicacoes/78-noticias/572020-redes-sociais-criam-bolhas-ideologicas-inacessiveis-a-quem-pensa-diferente>. Acesso em: 20 nov. 2023. Papa Francisco, ao abordar essa temática do algoritmo, que leva à criação da “câmara de eco”, em sua última mensagem para o DMCS, alerta que “em vez de aumentar o pluralismo da informação, corre-se o risco de se perder num pântano anônimo, favorecendo os interesses do mercado ou do poder”. FRANCISCO. *Mensagem para o 58º Dia Mundial das Comunicações Sociais: Inteligência artificial e sabedoria do coração: para uma comunicação*

o risco de haver interação de indivíduos em ambientes digitais muito homogêneos – “tribalismo digital”³⁷ – e fechados a ideias e opiniões divergentes, podendo “gerar uma monocultura que ofusca o gênio criativo, reduz a sutileza de um pensamento complexo e desvaloriza as peculiaridades das práticas culturais e a individualidade do credo religioso”³⁸. Isso pode levar à polarização, onde diferentes grupos têm visões cada vez mais divergentes sobre questões importantes. Papa Francisco adverte:

A velocidade da informação supera a nossa capacidade de reflexão e discernimento... A variedade de opiniões expressas pode ser sentida como riqueza, mas é possível se fechar em uma esfera de informações que correspondem apenas às nossas expectativas e às nossas ideias ou mesmo a determinados interesses políticos e econômicos³⁹.

Francisco ainda alerta que “estes circuitos fechados facilitam a divulgação de informações e notícias falsas, fomentando preconceitos e ódio” (CV, n. 89). Neste ambiente aparecem sites e páginas que propagam o ódio, difamando e atacando grupos étnicos e religiosos⁴⁰. Exemplo disso é a presença, no Brasil, de grupos e movimentos, ditos “católicos”, que atacam o pontificado do papa Francisco, perseguem a CNBB, produzem postagens nas redes com posições contrárias à Campanha da Fraternidade e, mais recentemente, contrárias ao

plenamente humana. 24 jan. 2024. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/20240124-messaggio-comunicazioni-sociali.html>. Acesso em: 25 jan. 2024. Sobre esse mesmo tema, a reflexão pastoral “Rumo à presença plena”, do Dicastério para a Comunicação, alerta para a atuação dos algoritmos de inteligência artificial, os quais, por meio de filtros sofisticados, condicionam os resultados de nossas buscas por conteúdos na internet, interferindo em nossas escolhas e preferências. “A consequência desta personalização cada vez mais sofisticada dos resultados constitui uma exposição forçada a informações parciais, que corroboram nossas próprias ideias e fortalecem nossas crenças, levando-nos assim a um isolamento de ‘bolhas de filtro’”. DICASTÉRIO PARA A COMUNICAÇÃO. *Rumo à presença plena: uma reflexão pastoral sobre a participação nas redes sociais*. Brasília: Edições CNBB, 2023, n.14.

³⁷ A terminologia “Tribalismo digital” figura como um conceito destacado na análise pastoral do Dicastério para a Comunicação. É empregada com o propósito de caracterizar a dinâmica na qual grupos são colocados em confronto uns com os outros, caracterizados por um espírito de competição, resultante do fenômeno da polarização observada nas plataformas de comunicação digital. DICASTÉRIO PARA A COMUNICAÇÃO, 2023, n. 55.

³⁸ BENTO XVI. 40º Dia Mundial das Comunicações Sociais: A mídia: rede de comunicação, comunhão e cooperação. 24 jan. 2006. In: PAULO VI; JOÃO PAULO II; BENTO XVI; FRANCISCO, 2017, n. 3, p. 198-199.

³⁹ FRANCISCO. 48º Dia Mundial das Comunicações Sociais: Comunicação a serviço de uma autêntica cultura do encontro. 24 jan. 2014. In: PAULO VI; JOÃO PAULO II; BENTO XVI; FRANCISCO, 2017, n. 3, p. 236.

⁴⁰ Na exortação apostólica *Gaudete et exultate*, papa Francisco adverte sobre a participação dos cristãos em redes sociais e espaços digitais, apontando para a prevalência de violência verbal e comportamento difamatório. Também critica a hipocrisia de alguns usuários, que ignoram o mandamento de não levantar falso testemunho, enquanto se entregam a comportamentos difamatórios. Alerta o texto: “Pode acontecer também que os cristãos façam parte de redes de violência verbal através da internet e vários fóruns ou espaços de intercâmbio digital. Mesmo nos *media* católicos, é possível ultrapassar os limites, tolerando-se a difamação e a calúnia e parecendo excluir qualquer ética e respeito pela fama alheia. Gera-se, assim, um dualismo perigoso, porque, nestas redes, dizem-se coisas que não seriam toleráveis na vida pública e procura-se compensar as próprias insatisfações descarregando furiosamente os desejos de vingança. É impressionante como, às vezes, pretendendo defender outros mandamentos, se ignora completamente o oitavo: ‘não levantar falsos testemunhos’ e destrói-se sem piedade a imagem alheia...”. GeE, n. 115.

Sínodo dos Bispos etc. Observamos um cenário de crescente expansão e engajamento desses grupos, patrocinados por um círculo de fiéis abastados e, muitas vezes, apoiados e incentivados por uma ala ultraconservadora do clero. Assim sendo, “a internet pode unir as pessoas, mas também as pode dividir, tanto a nível individual como em grupos mutuamente suspeitos, separados por ideologias, políticas, posses, raças, etnias, diferenças de geração e até mesmo de religião” (EtIn, n. 9).

O objetivo desta pesquisa não é argumentar que a liberdade de expressão seja inerentemente prejudicial. Pelo contrário, reconhece-se que a liberdade de expressão é um direito humano fundamental e um pilar da democracia, valores amplamente apreciados em nossa sociedade contemporânea. No contexto online, no entanto, estamos apresentando a liberdade de expressão como um desafio em relação à elaboração de conteúdo cristão disponibilizado na rede. Para minimizar os efeitos das publicações contrárias à fé ou em desacordo com a essência dos ensinamentos de Cristo, a instrução pastoral Igreja e Internet sugere a elaboração de um certificado local e nacional – sob a responsabilidade de representantes do Magistério – para as publicações na rede que tragam conteúdos doutrinários ou catequéticos. A própria instrução ressalta que essa iniciativa não teria “a intenção de impor uma censura, mas de oferecer aos usuários da internet uma orientação fidedigna da posição autêntica da Igreja” (IgIn, n. 10). Porém, este escrito não traz indicações práticas de como isso seria viabilizado, nem tampouco dos responsáveis diretos por tal empreitada.

1.2.5 A figura do influenciador digital “católico”

Essa dinâmica do cenário digital propicia não apenas o surgimento de grupos, mas também de influenciadores digitais⁴¹, indivíduos que, de forma independente, produzem conteúdos e os compartilham nas redes sociais, alcançando atualmente uma considerável visibilidade entre os usuários, como será evidenciado nos dados estatísticos que apresentaremos no tópico seguinte. Para um trabalho comunitário e orgânico de pastoral, esses influenciadores podem se tornar dificultadores desse processo para a Igreja Católica, pois, segundo Sbardelotto:

⁴¹ Sobre esta temática foi lançada a obra “Influenciadores digitais católicos: efeitos e perspectivas”, fruto de uma pesquisa realizada por cinco estudiosos (Fernanda de Faria Medeiros, Aline Amaro da Silva, Alzirinha Rocha de Souza, Moisés Sbardelotto e Vinícius Borges Gomes) interligando as áreas da Comunicação e Teologia. O texto, guiado por três eixos (comunicacional-cultural, sociopolítico e teológico-eclesial) traz uma análise crítica da atuação empírica de cinco influenciadores digitais católicos de grande destaque nas redes sociais (Bernardo Küster e os padres: Fábio de Melo, Júlio Lancellotti, Patrick Fernandes e Paulo Ricardo). MEDEIROS, Fernanda de Faria et al. *Influenciadores digitais católicos: efeitos e perspectivas*. São Paulo: Ideias & Letras; Paulus, 2024.

Muitos influenciadores digitais que se dizem católicos evitam toda e qualquer experiência de partilha comunitária da missão em rede, pois seu foco está apenas em sua própria visibilidade pessoal, convertida em elevadas métricas digitais, geralmente muito lucrativas. A perspectiva de um “nós” comunitário que não se centre em um único “eu” individual nem se referencie unicamente a ele é fortemente contracultural em tempos de redes digitais⁴².

A presença de influenciadores digitais no contexto católico apresenta outro desafio: o equilíbrio a ser alcançado entre a “popularidade” e a “integridade da mensagem proclamada”. Nas plataformas digitais, observa-se o rápido surgimento de indivíduos anônimos que conquistam a condição de celebridades, visto que “frequentemente a popularidade está mais ligada com a celebridade ou com estratégias de persuasão do que com a lógica da argumentação”⁴³. Um influenciador digital, por natureza, busca interação para suas postagens e canais nas redes sociais, procurando atender às preferências dos usuários da internet. O êxito de um influenciador no ambiente digital é determinado pela quantidade de visualizações, curtidas, seguidores e compartilhamentos que seus conteúdos conseguem gerar, fatores que, por sua vez, impactam diretamente a remuneração financeira recebida nas plataformas digitais. Neste sentido, observa Bento XVI:

Devemos estar cientes de que a verdade que procuramos partilhar não extrai seu valor de sua “popularidade” ou da quantidade de atenção que lhe é dada. Devemos nos esforçar mais em fazê-la conhecer em sua integridade do que em torná-la aceitável, talvez “mitigando-a”. Deve tornar-se alimento cotidiano, e não atração de um momento. A verdade do Evangelho não é algo que possa ser objeto de consumo ou de fruição superficial, mas dom que requer uma resposta livre. Mesmo se proclamada no espaço virtual da rede, aquela sempre exige ser encarnada no mundo real e dirigida aos rostos concretos dos irmãos e das irmãs com quem partilhamos a vida diária.⁴⁴

Ainda com relação à presença desses grupos e indivíduos na rede, o relatório resumido da primeira sessão da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, ocorrida de 4 a 29 de outubro de 2023, levanta outro importante desafio que é a questão da territorialidade. A Igreja Católica é dividida em (arqui)dioceses, entendidas como Igrejas Particulares, estabelecidas em um território geográfico específico, sob a administração de um (arce)bispo. Por outro lado, as iniciativas apostólicas – individuais ou em grupo – na internet têm alcance global, extrapolando os limites territoriais (arqui)diocesanos. A questão que se levanta é de

⁴² SBARDELOTTO, Moisés. *Missionários digitais: como conectar individualidade e sinodalidade?* 1 nov. 2023. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/633825-missionarios-digitais-como-conectar-individualidade-e-sinodalidade>. Acesso em: 3 nov. 2023.

⁴³ BENTO XVI, 2013. In: PAULO VI; JOÃO PAULO II; BENTO XVI; FRANCISCO, 2017, n. 3, p. 231.

⁴⁴ BENTO XVI, 2011. In: PAULO VI; JOÃO PAULO II; BENTO XVI; FRANCISCO, 2017, n. 7, p. 222-223.

como essas iniciativas “podem ser regulamentadas e qual autoridade eclesiástica é responsável pela supervisão”⁴⁵.

1.2.6 Formação dos cristãos e linguagem digital

Uma exigência imposta pela presença da internet para a Igreja institucional, a qual representa um significativo desafio, é a da promoção da formação dos fiéis cristãos. Este processo proporcionará o desenvolvimento de um senso crítico no uso da internet e a consciência clara a respeito das informações consumidas online. Como se trata de um tema que abrange todos os níveis de pastoral, a formação mencionada deveria contemplar seminaristas, clérigos, membros de ordens religiosas, animadores leigos, bem como professores, pais e estudantes (AN, n. 28). É relevante destacar que essa formação não deve se limitar ao mero ensino de habilidades técnicas e utilização de ferramentas e programas digitais, mas também deve abarcar a maneira pela qual os adeptos cristãos se inserem no ambiente digital, “discernir os juízos de acordo com critérios morais sólidos a respeito do que nele encontram e lançar mão das novas tecnologias para seu desenvolvimento integral e o benefício dos outros” (IgIn, n.7).

Outro aspecto que provoca a Igreja em sua efetiva inserção na internet é a adequação com a linguagem⁴⁶ digital sem prejuízo ao conteúdo essencial da mensagem do Reino. A presença efetiva no ambiente digital requer a compreensão e o domínio da linguagem específica desse meio. Neste contexto, o termo “linguagem” deve ser interpretado menos do ponto de vista semântico ou literário, e mais sob a perspectiva antropológica e cultural. O papa Paulo VI

⁴⁵ SÍNODO DOS BISPOS. *Relatório Resumido da Primeira Sessão da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos (4-29 de outubro de 2023) e Resultados da votação*. 28 out. 2023. Disponível em: <https://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2023/10/28/0751/01653.html>. Acesso em: 3 nov. 2023.

⁴⁶ Dom Joaquim Mol, durante sua participação em um painel intitulado “A Igreja desafiada pela comunicação”, no 1º Congresso Brasileiro de Teologia Pastoral, organizado pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), em 2022, aborda de maneira analítica alguns desafios contemporâneos enfrentados pela Igreja Católica. Em um dos tópicos de sua apresentação, o autor direciona sua atenção para a complexidade inerente ao desafio relacionado à prática de novas e múltiplas linguagens, sustentando a perspectiva de que “a linguagem é conteúdo, composto de vários itens, e não simplesmente um conjunto de palavras”. GUIMARÃES, Joaquim Giovanni Mol. *A Igreja desafiada pela comunicação*. In: DE MORI, Geraldo (org.). *Discernir a pastoral em tempos de crise: realidade, desafios, tarefas: contribuições do 1º Congresso Brasileiro de Teologia Pastoral*. São Paulo: Paulinas, 2022, p. 228. No decurso do referido congresso, Modino profere uma exposição temática que discute a relação entre a Igreja e os desafios inerentes à comunicação. O autor sistematiza uma lista de dez desafios comunicacionais específicos que a Igreja confronta. Estes desafios englobam a necessidade de instituir uma comunicação fundamentada na prática da escuta ativa, empregar uma linguagem de fácil compreensão, abordar aspectos da existência que frequentemente permanecem ocultos, direcionar a comunicação para as periferias, adotar uma abordagem profética, promover a transformação social, engajar-se em redes de comunicação, adotar uma perspectiva sinodal, efetuar a evangelização de maneira eficaz e gerar esperança. MODINO, Luis Miguel. *A Igreja e os desafios da comunicação*. In: DE MORI (Org.), 2022, p. 210-217.

destaca a necessidade, por parte de toda a Igreja, do empenho no anúncio do Evangelho “aos homens do nosso tempo” (EN, n.1). Quando se refere à importância da Igreja em adaptar sua linguagem à vida das pessoas, Paulo VI afirma que “a evangelização perderia algo da sua força e da sua eficácia se ela porventura não tomasse em consideração o povo concreto a que ela se dirige, não utilizasse a sua língua, os seus sinais e símbolos”. E sobre a fidelidade ao conteúdo, o mesmo papa lembra que “a evangelização correria o risco de perder a sua alma e de se esvaecer se fosse despojada ou fosse desnaturada quanto ao seu conteúdo, sob o pretexto de a traduzir melhor” (EN, n.63).

Com a necessidade da utilização de uma linguagem adequada às redes, descortina-se um novo território de missão – o “continente digital” – que requer missionários preparados para tal empreitada evangelizadora.

Esse “continente digital” é o centro de muitos estudos da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos. Sobre este tema, chama atenção o discurso proferido pelo cardeal Jean-Claude Hollerich, relator geral do Sínodo, na abertura dos trabalhos da oitava Congregação Geral. Depois de afirmar que o continente digital é um novo território de missão, Hollerich questiona: “será que nós, como Francisco Xavier, estamos prontos e preparados para viajar para esse novo continente?”. Em seguida, reconhece que a maioria dos bispos e outros participantes do sínodo “não podem ser guias nesses novos contextos de missão, mas precisam ser guiados por aqueles que habitam o continente digital”. Enfim, completa o cardeal: “nós, bispos, pelo menos a maioria de nós, não podemos ser pioneiros nessa missão, mas estamos aprendendo ao longo do caminho aberto pelos membros mais jovens do Povo de Deus”. O cardeal ainda ressalta a corresponsabilidade na missão de todos os batizados que “são chamados e têm o direito de participar da missão da Igreja”, com “uma contribuição insubstituível a dar”⁴⁷.

Este pensamento tem reflexo no relatório da primeira sessão do sínodo dos bispos, que afirma:

Não podemos evangelizar a cultura digital sem antes entendê-la. Os jovens, entre eles seminaristas, jovens sacerdotes e jovens consagrados, que muitas vezes têm uma profunda experiência direta dela, são os mais adequados para realizar a missão da Igreja no ambiente digital, bem como para acompanhar o resto da comunidade, incluindo os pastores, a uma maior familiaridade com a sua dinâmica⁴⁸.

⁴⁷ DI BUSSOLO, Alessandro. *Sínodo, Hollerich: A Internet é um novo território de missão, os jovens devem nos conduzir*. 13 out. 2023. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2023-10/sinodo-hollerich-oitava-assembleia-geral-13-outubro-2023.html>. Acesso em: 16 out. 2023.

⁴⁸ SÍNODO DOS BISPOS, 2023, n. 17d.

Portanto, neste processo de evangelização no continente digital, os jovens – geração dos “nativos digitais”⁴⁹ – são, reconhecidamente, os que mais potencial apresentam para este desafio. Porém, este pensamento traz, segundo Sbardelotto, um risco do ponto de vista pastoral. Afirma este pesquisador:

Segundo essa leitura, crianças, jovens e adolescentes contemporâneos estariam *naturaliter* inculturados digitalmente. O que, entretanto, é uma falácia: “cultura” é muito mais do que o uso de aparatos tecnológicos e o domínio de certas técnicas e/ou linguagens. Habitar a cultura digital não significa necessariamente compreendê-la. Há todo um universo simbólico, de valores, de sentidos e também de práticas que não surgem por processos espontâneos ou naturalmente, mas demandam formação e intercâmbio intergeracional, particularmente do ponto de vista de uma “Tradição viva” (como o próprio relatório reconhece desde suas primeiras páginas, nos itens 1f e 1o).⁵⁰

Ainda abordando o tema da linguagem, no âmbito religioso, existem termos consagrados no vocabulário teológico que, tradicionalmente, auxiliam na expressão e reflexão da fé cristã. Contudo, o advento da informática introduz no linguajar tecnológico cotidiano termos que são amplamente utilizados e valorizados na religião, tais como “salvar”, “comunidade”, “justificar”, “converter”, “compartilhar”, entre outros⁵¹. Dentre esses termos, merece destaque o paralelismo entre o entendimento que a linguagem religiosa e a linguagem informática possuem acerca da concepção da palavra “comunidade”, bem como os desafios que emergem dessa compreensão.

Tanto para a Igreja quanto para a rede, a expressão comunidade contempla a reunião de pessoas com interesses ou crenças compartilhadas. Porém, há diferenças significativas quanto à natureza, ao propósito e à forma como a comunidade se reúne na Igreja e na rede⁵².

⁴⁹ O termo “nativo digital” foi utilizado pela primeira vez em 2001, por Marc Prensky, escritor e palestrante americano em educação. Este conceito define pessoas que cresceram em uma cultura digital e que, por isso, tem habilidades diferenciadas, como processar múltiplas vias de informação e usar intuitivamente as ferramentas tecnológicas. Aqueles que nasceram antes do advento da internet, e por isso fazem um esforço em se adaptar a este novo meio, são os chamados “imigrantes digitais”. SEGMENTO INSTITUTO DE PESQUISAS. *As Gerações e suas características*. 24 mai. 2019. Disponível em: <https://www.segmentopesquisas.com.br/blog/2019/5/24/as-geracoes-e-suas-caracteristicas>. Acesso em: 10 out. 2023.

⁵⁰ SBARDELOTTO, 2023, não-paginado.

⁵¹ Neste estudo não abordaremos este tema por não ser nosso objetivo principal. Para um aprofundamento dele, conferir SPADARO, 2012, p.32-37.

⁵² Castells, em sua obra “A Galáxia da Internet”, traz um tópico intitulado “Comunidades, redes e a transformação da sociabilidade”, onde examina a significativa transformação nos padrões de sociabilidade em sociedades complexas, que se manifesta na substituição de comunidades espaciais, um conceito tradicional, por redes, entendidas como comunidades de escolha facilitadas pela internet, as quais se tornam formas fundamentais de sociabilidade. No contexto da compreensão das novas modalidades de interação social na era da Internet, o autor propõe uma redefinição do conceito de comunidade, destacando menos o seu componente cultural e enfatizando mais o seu papel de suporte a indivíduos e famílias. Além disso, ele sugere desvincular a existência social da comunidade de uma única base material. CASTELLS, Manuel, 2003, p. 105-108.

Para a Igreja, tradicionalmente, a comunidade denomina um grupo de fiéis que compartilham uma fé religiosa comum. Geralmente é formada em torno de paróquias locais, onde os membros se reúnem para praticar sua fé, através da celebração de sacramentos, estudo da doutrina católica e participação de atividades religiosas diversas⁵³. A comunidade pode também se referir a uma comunhão espiritual dos fiéis que compartilham os ensinamentos e crenças da Igreja, criando um senso de unidade e pertencimento a uma tradição religiosa⁵⁴. Geralmente, mostra-se mais homogênea em termos de fé e prática religiosa. Esse é um conceito muito importante e constitutivo da identidade eclesial, pois “a Igreja é comunidade! A comunidade torna visível a Igreja”⁵⁵.

Já para a internet, o conceito de comunidade se refere a grupos de pessoas que se reúnem online com base em interesses comuns, objetivos ou identidades compartilhadas. Essas comunidades podem se manifestar em várias formas, como fóruns de discussão, grupos de mídia social, comunidades de jogos, blogs e muito mais. São frequentemente mais acessíveis a um público global e podem ser muito maiores e mais diversas em termos de participantes. As pessoas que fazem parte de uma comunidade na internet podem estar geograficamente dispersas, mas se conectam digitalmente para compartilhar informações, discutir tópicos específicos, oferecer apoio mútuo ou simplesmente socializar. Barry Wellman propõe uma definição operacional para o termo comunidades, afirmando que elas “são redes de laços

⁵³ Este conceito de comunidade, embora tradicional, tem passado por reformulações, visto que atualmente se propõe uma mudança na estrutura paroquial, que é chamada a passar por uma conversão pastoral, tornando-se “comunidade de comunidades”. Para aprofundamento neste tema, conferir: CNBB. *Comunidade de Comunidades: uma nova paróquia – A conversão pastoral da paróquia*. São Paulo: Paulinas, 2014 (Documentos da CNBB, 100).

⁵⁴ Gasparetto, em sua tese doutoral sobre a midiatização da religião, pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, de São Leopoldo, analisa o fenômeno da construção de novas “comunidades de pertencimento” na instância telemidiática, resultante de uma reconfiguração que a técnica tem na sociedade contemporânea. Nesse sentido, o autor conclui que a técnica ultrapassa sua característica de meio e passa a ser uma instância de organização socioreligiosa, provocando alterações não apenas no modo como se forma o agrupamento social, mas também “mudanças de caráter simbólico, em que a própria experiência da organização da sociedade é modificada”. GASPARETTO, Paulo Roque. *Midiatização da religião: processos midiáticos e a construção de novas comunidades de pertencimento*. São Paulo: Paulinas, 2011. Em uma conferência dedicada à análise do discernimento pastoral em contextos de crise, Brighenti aborda a questão da pastoral secularista, introduzindo uma perspectiva crítica em relação à fusão entre mídia e religião na constituição de comunidades. Segundo este autor, “a mídia contribui para a banalização da religião não só a reduzindo à esfera privada como também a um espetáculo para entreter o público”, valorizando a subjetividade individual, o estético, o surgimento de “comunidades invisíveis”, compostas de “cristãos sem Igreja”, sem vínculos comunitários. É a “religião *a la carte*”, passando a adotar uma abordagem consumista, focalizando-se no indivíduo e na experiência sensorial do sagrado, situando-se em um espectro que transita entre elementos mágicos e esotéricos. BRIGHENTI, Agenor. *Discernir a pastoral em tempos de crise*. In: DE MORI, 2022, p. 38-39.

⁵⁵ CNBB, 2014, p. 7.

interpessoais que proporcionam sociabilidade, apoio, informação, um senso de integração e identidade social”⁵⁶.

Como já abordamos, a internet também possibilita a criação de grupos e comunidades religiosas online, desafiando a fé cristã no correto entendimento e vivência do conceito eclesial de comunidade.

1.2.7 A religião “na” e “pela” internet

Ao analisar as motivações que levam um fiel a buscar assuntos religiosos na internet, o estudioso Christofer Helland faz uma distinção entre *religion on-line* e *on-line religion*.

A *religion on-line* “é fundamentalmente informacional e hierárquica, serve para apresentar as igrejas ou temas relacionados com a religião. É uma espécie de catálogo on-line, ou vitrine, apenas para fornecer informações e subsídios sobre a religião off-line”⁵⁷. Nesta categoria enquadram-se basicamente todos os sites religiosos desenvolvidos pelas dioceses, paróquias, institutos e comunidades religiosas. O fiel busca este ambiente digital para se inteirar das notícias da instituição religiosa, programações de sua paróquia ou diocese, pesquisar a vida de um santo, buscar formação religiosa, dentre tantas outras possibilidades.

Já a *on-line religion* “é somente possível com a participação dos usuários da internet, e não tem um centro regulador. Toda a sua estrutura é on-line, com comunidades virtuais orientadas para a vivência e manifestação da fé”⁵⁸. O fiel internauta faz uso desse ambiente digital para a participação nas práticas religiosas, tais como missas, novenas, oração do terço, adoração ao Santíssimo, comunhão⁵⁹ etc.

Quanto à oportunidade oferecida aos fiéis de praticarem a religião “na” (*religion on-line*) e “pela” (*on-line religion*) internet, a Igreja Católica se vê desafiada a se relacionar com um novo público cristão que expressa o desejo de vivenciar sua fé de forma exclusiva, ou predominantemente, por meio da mediação digital. Essa tendência tomou grande força durante o período de disseminação da pandemia de COVID-19⁶⁰. Diante da impossibilidade da

⁵⁶ WELLMAN, 2001, p.1 apud CASTELLS, 2003, p. 106.

⁵⁷ HELLAND, 2000 apud ZANON, 2018, p. 48.

⁵⁸ HELLAND, 2000 apud ZANON, 2018, p. 48.

⁵⁹ A comunhão aqui é entendida num novo conceito. “Na Igreja Católica significa sobretudo participar da Eucaristia, comungar do Corpo de Cristo, o que seria impossível on-line. Mas comunhão significa também união com a comunidade, partilha, ligação afetiva, participação ativa etc. E nesse aspecto é perfeitamente viável on-line”. ZANON, 2018, p. 48.

⁶⁰ A pandemia foi um divisor de águas na relação da Igreja Católica com relação ao uso dos meios de comunicação digital. Este período trouxe alguns ensinamentos pastorais. Nesse sentido, apresentamos uma análise feita por

participação presencial em atividades religiosas, a própria instituição eclesiástica incentivou os fiéis a acompanharem tais práticas através da internet. Durante esse período, observou-se um significativo aumento na transmissão, pelas redes sociais, de missas, orações e programas de formação por parte de numerosas paróquias, grupos e movimentos religiosos. Muitos indivíduos se adaptaram a esse modo de vivenciar a fé e, seja por receio ou por conveniência, continuam a utilizar a rede para tal propósito mesmo após o término da pandemia⁶¹.

Embora a internet facilite certas atividades, como formações e reuniões, vale lembrar que:

A realidade virtual não substitui a Presença Real de Cristo na Eucaristia, a realidade ritual dos outros sacramentos e o culto compartilhado no seio de uma comunidade humana feita de carne e de sangue. Na Internet não existem sacramentos, e até mesmo as experiências religiosas, nela possíveis pela graça de Deus, são insuficientes, dado que se encontram separadas da interação do mundo real com outras pessoas na fé. Este é outro aspecto da Internet que exige estudo e reflexão. Ao mesmo tempo, os projetos pastorais deveriam pensar em como orientar as pessoas no espaço cibernético para a verdadeira comunidade e como, por meio do ensino e da catequese, a Internet pode

Paiva, num de seus artigos. O autor lembra que o contexto da pandemia impõe não apenas uma reflexão, mas também uma reconfiguração de práticas. A estrutura clericalista predominante na Igreja revela-se desafiadora, sendo que a crise trazida pela COVID provocou uma subversão da tradicional dinâmica entre padres e leigos, nivelando-os diante de problemáticas e desafios pastorais comuns. Neste cenário, propõe-se uma releitura da eclesiologia sob a perspectiva do “Povo de Deus” como um elemento crucial. A pandemia evidenciou a centralidade do templo nas atividades eclesiásticas, revelando a necessidade de repensar a compreensão e a prática da fé para além desse espaço. O caos pandêmico serviu como diagnóstico, revelando diferentes manifestações do cristianismo e apontando lacunas na formação da consciência cristã. O consumismo religioso e uma visão mágica dos sacramentos foram identificados como prejudiciais. A retirada das práticas litúrgicas tradicionais dos templos destacou a importância de uma consciência mais profunda sobre a relação entre fé e vida cotidiana. A liturgia não se limita ao espaço litúrgico, e a sacramentalidade da Palavra precisa ser redescoberta. Uma reeducação dos fiéis em relação à compreensão eucarística é preconizada, desafiando a supervalorização das espécies eucarísticas em detrimento da Palavra de Deus. A redescoberta da Igreja doméstica como a estrutura fundamental e original da Igreja é proposta como essencial. A compreensão da missão da Igreja também passou por uma transformação, migrando de uma abordagem programática (missão como movimento) para uma compreensão paradigmática (onde a missão é inerente e essencial à identidade da Igreja). A pandemia desafiou a Igreja Católica a fazer um esforço não apenas de adaptação, mas uma mudança substancial de mentalidade e postura em relação ao uso de recursos tecnológicos. PAIVA, Vanildo de. *Aprendizagens na pandemia*. In: DE MORI (Org.), 2022, p. 95-114.

⁶¹ Em artigo postado no site da Unisinos, em 2021 – período da pandemia da COVID – Guimarães e Sbardelotto, ao analisar a crescente influência da internet nas práticas religiosas no contexto pandêmico, afirmam que “não faria justiça à lógica da encarnação pensar num cristianismo monocultural e monocórdico (EG 116)”. E, como sugere o papa Francisco e reforça o Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil (n. 183), “as comunidades em redes digitais complementam e fortalecem as comunidades presenciais”. Segundo esses autores, “o desafio é reconhecer as ‘formas e valores positivos’ (EG 116) presentes na cultura digital e que podem enriquecer a evangelização, introduzindo-os na cultura eclesial. Trata-se de promover uma verdadeira inculturação digital que assuma as ‘categorias próprias da cultura [digital]’ no anúncio do Evangelho, permitindo que a força do próprio Evangelho ‘provoque uma nova síntese com essa cultura’ (EG 68)... Não se trata de viver a fé ‘ou’ no ambiente digital ‘ou’ nos demais ambientes sociais, mas sim de sair ao encontro das pessoas no ambiente digital ‘e’ nos demais ambientes sociais, isto é, onde quer que elas estejam, para assim gerar comunhão e construir comunidade, como fez Jesus com os discípulos de Emaús (Lc 24,13-35). GUIMARÃES, Edward; SBARDELOTTO, Moisés. *Igreja doméstica e em saída digital: horizontes novos para a vivência da fé cristã*. 2 jan. 2021. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/605811-igreja-domestica-e-em-saida-digital-horizontes-novos-para-a-vivencia-da-fe-crista-artigo-de-edward-guimaraes-e-mois-es-sbardelotto>. Acesso em: 30 nov. 2023.

vir a ser utilizada a fim de apoiá-las e enriquecê-las em seu compromisso cristão (IgIn, n.9).

1.2.8 Tecnologia Espiritual

O espaço digital viabiliza-se mediante a utilização de dispositivos tecnológicos, sendo comumente concebido como um ambiente impessoal, subjugado pela técnica⁶². Contudo, é crucial reconhecer que a tecnologia é idealizada e desenvolvida por seres humanos, refletindo, de certa maneira, aspirações e traços inerentemente humanos. Uma faceta relevante da internet reside em seu componente espiritual.

Spadaro, em seu livro “Quando a fé se torna social”, apresenta um conceito de “tecnologia espiritual” observando que, historicamente, o ser humano modela a tecnologia à sua imagem e semelhança. Sendo assim, a torna espiritual. Afirma o autor: “a tecnologia se torna um dos modos corriqueiros de que o homem dispõe para exprimir a sua natureza espiritual”⁶³. Bento XVI retoma este conceito em sua Mensagem para o 45º Dia Mundial das Comunicações Sociais, em 2011: as novas tecnologias quando “usadas sabiamente, podem contribuir para satisfazer o desejo de sentido, verdade e unidade que permanece a aspiração mais profunda do ser humano”⁶⁴. Na encíclica *Caritas in Veritate*, de 2009, o mesmo papa afirma que a “a técnica é um dado profundamente humano, ligado à autonomia e à liberdade do homem. Nela exprime-se e confirma-se o domínio do espírito sobre a matéria. O espírito... pode facilmente elevar-se ao culto e à contemplação do Criador”⁶⁵. Sendo assim, o cristão é convidado a esforçar-se na compreensão das tecnologias digitais com relação à vida do espírito, experimentando, no campo divino-humano, o entrelaçamento entre espiritualidade e tecnologia⁶⁶.

⁶² Papa Francisco, alerta que o tempo em que vivemos “corre o risco de ser rico em técnica e pobre em humanidade... Somente dotando-nos dum olhar espiritual, apenas recuperando uma sabedoria do coração é que poderemos ler e interpretar a novidade do nosso tempo e descobrir o caminho para uma comunicação plenamente humana”. FRANCISCO, 2024, não-paginado.

⁶³ SPADARO, Antonio. *Quando a fé se torna social: o Cristianismo no tempo das novas mídias*. São Paulo: Paulus, 2016, p. 11. Coleção Temas de Atualidade.

⁶⁴ BENTO XVI, 2011. In: PAULO VI; JOÃO PAULO II; BENTO XVI; FRANCISCO, 2017, n. 2, p. 221.

⁶⁵ BENTO XVI. *Carta Encíclica Caritas in Veritate: sobre o desenvolvimento humano integral na caridade e na verdade*. 29 jun. 2009. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html. Acesso em: 10 nov. 2023.

⁶⁶ SPADARO, 2016, p. 11-12.

1.3 Enfrentamentos da pastoral da Igreja Católica diante da cultura digital

Após termos feito um recuo histórico-analítico para compreendermos melhor o fenômeno de alcance global, que é a internet, e abordado alguns desafios e perspectivas apresentadas por ela à Igreja Católica, agora abordaremos algumas provocações mais específicas da cultura digital para o trabalho pastoral dessa mesma Igreja. Pastoral que é chamada a atualizar a prática evangelizadora de Jesus, sob a ação do Espírito Santo⁶⁷. São desafios, a nosso ver, significativos, que requerem atenção e reflexão por parte de toda Igreja.

Para isso, iremos seguir a linha reflexiva de uma conferência proferida por Antonio Spadaro, num encontro dos bispos responsáveis pela comunicação social das Conferências Episcopais da Europa. Considerando a afirmação de Bento XVI que “as redes sociais são alimentadas por aspirações radicadas no coração do homem”⁶⁸, esse autor elenca seis desafios impostos pela comunicação digital à pastoral da Igreja Católica⁶⁹. Abordaremos esses desafios neste tópico de nosso estudo.

1.3.1 Da pastoral da resposta à pastoral da questão

No ambiente digital, a humanidade está exposta a um excesso de informações. Os motores de busca, disponíveis em tal ambiente, fornecem respostas a quase tudo. Neste contexto cultural, não é mais viável impor ideias a um indivíduo; em vez disso, é imperativo, a partir das interrogações que emergem de sua realidade, elucidar e interpretar essas ideias, utilizando categorias acessíveis ao interlocutor.

Dessa maneira, a Igreja Católica é desafiada a promover uma transição da abordagem pastoral centrada em fornecer respostas para uma abordagem pastoral que se concentra nas perguntas, mantendo a abertura para a comunicação divina. Pois há o risco de se dar respostas a perguntas que não mais são feitas. Como afirma o papa Francisco: “nunca se deve responder a perguntas que ninguém se põe” (EG, n. 155).

⁶⁷ BOMBONATO, Vera Ivanise. *Evangelizar é comunicar: fundamentação bíblico-teológica da Pastoral da Comunicação*. São Paulo: Paulinas, 2009, p.36.

⁶⁸ BENTO XVI, 2013. In: PAULO VI; JOÃO PAULO II; BENTO XVI; FRANCISCO, 2017, n. 2, p. 231.

⁶⁹ SPADARO, Antonio. *Le 6 grandi sfide della comunicazione digitale alla pastorale*. 2014. Disponível em: <http://www.cyberteologia.it/2014/11/le-6-grandi-sfide-della-comunicazione-digitale-alla-pastorale>. Acesso em: 13 jul. 2023. Há uma versão desta mesma conferência de Spadaro traduzida ao português como prefácio do autor italiano ao livro “E o Verbo se fez rede”. Conferir: SBARDELLOTTI, Moisés. *E o verbo se fez rede: religiosidade em reconstrução no ambiente digital*. São Paulo: Paulinas, 2017.

Para uma pastoral eficiente e frutuosa, o importante é reconhecer e abordar as perguntas cruciais e fundamentais da vida humana. O autor sugere que, no contexto do anúncio cristão, é crucial apresentar o Evangelho não como uma resposta entre muitas, mas como o catalisador de perguntas significativas.

O conceito de discernimento espiritual é resgatado como a habilidade de reconhecer as questões importantes em meio às múltiplas respostas. Para enfrentar essa empreitada, a Igreja Católica, em seu trabalho pastoral, deve “ter uma verdadeira sensibilidade espiritual para saber ler nos acontecimentos a mensagem de Deus” (EN, n. 43), compreendendo as expectativas, dúvidas e esperanças das pessoas.

1.3.2 Da pastoral centrada no conteúdo à pastoral centrada nas pessoas

A cultura digital tem provocado uma transformação substancial nos padrões de busca e consumo de conteúdo por parte das pessoas. Em contraste com épocas recentes, em que a programação televisiva era a principal fonte de conteúdo, atualmente, esse conteúdo é disponibilizado e acessado por meio de ferramentas digitais. Ao contrário da televisão, a internet proporciona ao usuário a capacidade de selecionar o que será visualizado, além de permitir interações diretas. Essa dinâmica também acontece no tocante à fé, onde os fiéis buscam por aquilo que lhes interessa. Assim, há uma relação entre a fé e a comunicação, deixando transparecer uma crise na apresentação ordenada da fé e a necessidade de a Igreja adotar novos métodos comunicativos.

O desafio é o desenvolvimento, por parte da Igreja Católica, de novas formas de comunicação, indo além do modelo tradicional – conteudista –, tornando-se mais comunicativa e participativa para envolver e convencer seus interlocutores. Spadaro cita o discurso do Mons. Claudio Maria Celli, presidente do Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais, por ocasião do Sínodo dos Bispos sobre a Nova Evangelização:

A hierarquia eclesial, assim como a hierarquia política e social, deve encontrar novos caminhos para desenvolver sua própria comunicação, para que sua contribuição para este fórum receba a devida atenção. Estamos aprendendo a ir além do modelo do púlpito e da assembleia ouvindo por respeito à nossa posição. Somos obrigados a nos expressar de uma forma que envolva e convença os outros que, por sua vez, compartilham nossas ideias com seus amigos, seguidores e parceiros de diálogo.⁷⁰

⁷⁰ SPADARO, 2014, não-paginado.

1.3.3 Da pastoral da transmissão à pastoral do testemunho

O ambiente digital tem natureza de rede social, de onde emergem relacionamentos. Comunicar não se restringe ao oferecimento de conteúdos para as pessoas. Pois a sociedade digital é compreendida não apenas através do conteúdo, mas principalmente pelas relações e trocas de conteúdo entre as pessoas. A comunicação agora é menos sobre transmissão e mais sobre compartilhamento.

O testemunho, portanto, torna-se crucial na era digital, onde a confiança nas opiniões e experiências compartilhadas é fundamental. Exige-se uma autenticidade do cristão nas redes sociais, conectando sua vida com sua capacidade de comunicação. Pois, “o conteúdo compartilhado está sempre intimamente ligado à pessoa que o oferece, ... não há informação ‘neutra’ nessas redes: o homem está sempre diretamente envolvido no que comunica”⁷¹. Esta ideia está de acordo com o pensamento de Castells⁷² e também com o que afirma o papa Francisco: “A rede digital pode ser um lugar rico de humanidade: não uma rede de fios, mas de pessoas humanas. A neutralidade dos *mass media* é só aparente; só pode constituir um ponto de referimento quem comunica colocando a si mesmo em jogo”⁷³.

A importância do testemunho também é relacionada à missão cristã de compartilhar a experiência do encontro com Cristo, pois a fé não é apenas “transmitida”, mas pode ser despertada em encontros pessoais e relações autênticas.

Francisco recorda que testemunhar a fé na rede digital não se resume em postar ou divulgar um excesso de mensagens religiosas, “mas com a vontade de se doar aos outros através da disponibilidade para se deixar envolver, pacientemente e com respeito, em suas questões e dúvidas, no caminho de busca da verdade e do sentido da existência humana”⁷⁴.

1.3.4 Da pastoral da propaganda à pastoral da proximidade

A perspectiva da evangelização na era digital destaca que evangelizar não é simplesmente propagandear o Evangelho, mas compartilhá-lo. O Papa Francisco enfatiza a

⁷¹ SPADARO, 2014, não-paginado.

⁷² CASTELLS, Manuel. *O poder da comunicação*. 5.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021, p. 34.

⁷³ FRANCISCO, 2014. In: PAULO VI; JOÃO PAULO II; BENTO XVI; FRANCISCO, 2017, n. 7, p. 238.

⁷⁴ FRANCISCO, 2014. In: PAULO VI; JOÃO PAULO II; BENTO XVI; FRANCISCO, 2017, n. 9, p. 238.

ampla dimensão dessa partilha na internet, vendo-a como um dom de Deus que oferece oportunidades de encontro e solidariedade⁷⁵.

O trabalho pastoral é desafiado a descobrir e transmitir a mística da convivência, do encontro e da solidariedade por meio das novas tecnologias de comunicação. O papa Francisco define o poder dos “meios de comunicação” como “proximidade” e questiona como essa proximidade se manifesta no novo ambiente criado pelas tecnologias digitais. Ele usa a parábola do Bom Samaritano como uma imagem de referência para o comunicador, indicando a importância de estar próximo no ambiente digital, pois, “na realidade, quem comunica se faz próximo”⁷⁶.

1.3.5 Da pastoral das ideias à pastoral da narrativa

As redes sociais transformaram a experiência de compartilhar e documentar a vida. Fotos, atualizações de status, postagens em blogs e interações online compõem um “álbum de fotos ao vivo” que reflete não apenas os eventos, mas também os pensamentos e estados emocionais das pessoas. O streaming da vida ocorre não apenas através do que é postado, mas também do que é “curtido” e compartilhado, criando, talvez, “uma narrativa individualista e autorreferencial, mas que também pode ser polifônica e aberta”⁷⁷.

Em contraste com o passado, onde as histórias extraordinárias eram mais prováveis de serem aprendidas através de jornais do que vividas pessoalmente, as redes sociais oferecem uma oportunidade de tornar as experiências mais significativas ao compartilhá-las em uma rede de relações.

A narrativa em rede é destacada como uma maneira de devolver os sujeitos do conhecimento à densidade simbólica e vivencial do mundo, enfatizando a necessidade contemporânea de contar histórias dentro de laços e relacionamentos. Plataformas digitais permitem a interconexão de materiais compartilhados em diferentes redes sociais, destacando a interatividade como a característica radical do mundo digital.

1.3.6 Uma pastoral atenta à interioridade e à interatividade

⁷⁵ FRANCISCO, 2014. In: PAULO VI; JOÃO PAULO II; BENTO XVI; FRANCISCO, 2017, n. 2, p. 236.

⁷⁶ FRANCISCO, 2014. In: PAULO VI; JOÃO PAULO II; BENTO XVI; FRANCISCO, 2017, n. 5, p. 237.

⁷⁷ SPADARO, 2014, não-paginado.

A experiência digital – marcada pela interação e imersão – influencia a vida espiritual do homem contemporâneo, levando este a internalizar experiências que permitam uma relação viva e participativa. Análises da dinâmica da internet apontam uma tendência da “superfície em vez de profundidade, velocidade em vez de reflexão, sequências em vez de análise, navegação em vez de análise aprofundada, comunicação em vez de expressão, multitarefa em vez de especialização”⁷⁸. Assim, levantam-se questões sobre uma possível oposição entre interioridade e interatividade na vivência da fé. Spadaro sugere que a profundidade pode coexistir com a imersão na internet⁷⁹.

Já apontamos que o homem contemporâneo valoriza experiências que exigem sua participação ativa, desafiando a ideia de superficialidade associada à interatividade. No contexto da web, descrita como um lugar antropológico, não há profundezas a serem exploradas, mas “nós” a serem navegados e conectados. Essas experiências são importantes à espiritualidade do homem atual.

Acompanhar a dinâmica da espiritualidade daqueles cujo modo de pensar está mudando devido à vida no ambiente digital e alcançar o devido equilíbrio entre interioridade e interatividade são desafios apresentados pela sociedade em rede – repleta de ambiguidades e utopias – à pastoral e à compreensão da fé cristã.

Uma pastoral organizada de modo a incluir todas as pessoas, sem exceções, deve concentrar seu anúncio “no essencial, no que é mais belo, mais importante, mais atraente e, ao mesmo tempo, mais necessário... sem com isso perder profundidade e verdade”, tornando-se, dessa forma, “mais convincente e radiosa” (EG, n.35).

1.4 Rumo à infopastoral

Observamos até então o processo de profunda mudança cultural na sociedade, que vem sendo desencadeado pela popularização do uso da internet, e os desafios eclesiais que daí emergem. Esse novo universo digital – a infosfera – apresenta uma nova configuração da

⁷⁸ SPADARO, 2014, não-paginado.

⁷⁹ A superficialidade presente nas ideias e interações online, derivada da excessiva carga de informações e intensa interação social, constitui um tema de análise na reflexão pastoral feita pelo Dicastério para a Comunicação. Esta reflexão identifica a nossa crescente incapacidade de realizar pensamentos profundos e objetivos como um desafio cognitivo significativo na era da cultura digital. Além disso, conforme delineado nesse documento, a ausência de momentos de silêncio e espaço para reflexão lenta, profunda e objetiva pode resultar não apenas na perda das habilidades cognitivas, mas também na diminuição da profundidade das nossas interações, sejam elas de natureza humana ou espiritual. DICASTÉRIO PARA A COMUNICAÇÃO, 2023, n. 32-34.

maneira de ser e estar dos seres humanos, isso inclui o aspecto da fé. Nesse mundo de novidades, emerge um novo crente. Conseqüentemente, para acompanhar esse fiel, colocando-se a serviço dele na totalidade de sua existência, a pastoral da Igreja Católica precisa encontrar caminhos que possibilitem uma interação eficiente entre a internet e seu projeto evangelizador. Atento a este novo horizonte que se descortina, “cada teólogo é desafiado a oferecer pistas, respostas ou perspectivas teológicas que auxiliem na construção da identidade cristã que nunca está fora de seu contexto, mas acontece justamente na relação dialógica com ele”⁸⁰. Para uma mentalidade nova, uma teologia renovada; para um novo mundo, uma nova pastoral.

Nesta perspectiva desafiadora para o contexto eclesial, Andréia Gripp desenvolve a proposta da “infopastoral”⁸¹. Segundo a própria autora:

A proposta da *infopastoral*⁸² nasce da percepção sobre a grande necessidade de mudar a visão instrumentalista acerca do agir da Igreja *nas e pelas* mídias, sejam elas tradicionais ou digitais, para uma ação concreta na cultura digital e na sociedade da informação. Por se tratar de práxis cristã, o foco não pode ser a técnica, mas o ser humano; e por estar localizada temporalmente no pós-Concílio Vaticano II, o agente da comunicação pastoral é todo o povo de Deus e não apenas uma categoria de fiéis.⁸³

Não se trata de uma proposta pastoral com foco apenas no ambiente digital, mas no ser humano habitante da infosfera, onde não há separação entre o físico e o digital. Ciente do papel central desempenhado pela internet na vida das pessoas, a infopastoral reconhece a importância do envolvimento ativo da Igreja Católica no âmbito digital no intuito de alcançar os fiéis e a sociedade em geral. Ela busca promover a integração da mensagem do Reino à cultura digital na realidade da infosfera. Segundo a autora, a infopastoral baseia-se na compreensão de povo de Deus contida na *Lumen Gentium*⁸⁴, a constituição dogmática do Vaticano II sobre a Igreja, que destaca “o sacerdócio profético e real comum a todos os membros da Igreja, bem como a ação que esses desenvolvem como sujeitos ativos e corresponsáveis, e não como receptores

⁸⁰ MARCHI, Welder Lancieri; MORÁS, Francisco. Apresentação à segunda edição da Coleção Iniciação à Teologia. In: BRIGHENTI, Agenor. *Teologia Pastoral: a inteligência reflexiva da ação evangelizadora*. Petrópolis: Vozes, 2021, p. 8. (Coleção Iniciação à Teologia).

⁸¹ Esta proposta é fruto de um trabalho de doutorado, na PUC-RJ, adaptado para um livro, cujo título é “Infopastoral: o agir pastoral numa sociedade em transformação”, publicado pela Paulus, em 2023.

⁸² Conceito cunhado pela própria autora, surgido a partir do diálogo com os estudos dos autores Luciano Floridi – o mesmo que cunhou os termos “infosfera” e “onlife” – e Máximo Di Felice, em detrimento ao uso dos conceitos “ciberpastoral” ou “pastoral digital” (ambos reducionistas, pois indicam uma dualidade da ação pastoral entre um ambiente físico e outro digital). GRIPP, 2023, p. 17.

⁸³ GRIPP, 2023, p. 16.

⁸⁴ Constituição Dogmática *Lumen Gentium*: sobre a Igreja. In: CONCÍLIO VATICANO II. *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos e declarações*. 29.ed. Coordenação de Frederico Vier. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 50-53, n. 10-12.

passivos do serviço do ministério ordenado”⁸⁵. O perfil esperado para o cristão, atuando como agente eclesial, na infopastoral é:

O cristão, sujeito na Igreja e no mundo, é discípulo missionário, seguidor e testemunha de Jesus Cristo. É o cristão maduro na fé, que experimentou o encontro pessoal com Jesus Cristo e se dispôs a segui-lo com todas as consequências dessa escolha. É o cristão que adere ao projeto do Mestre e busca identificar-se sempre mais com Ele, com seu ser e agir. É o cristão que se coloca na escuta do Espírito e se percebe enviado à edificação da comunidade e à transformação do mundo como lugar do Reino de Deus, já iniciado, até a sua consumação definitiva.⁸⁶

A proposta da infopastoral abrange duas dinâmicas pastorais, para dentro (*ad intra*) e para fora (*ad extra*) da Igreja.

No movimento *ad intra*, propõe a reflexão e aplicação de uma metodologia referente “à relação e à promoção da comunidade eclesial, envolvendo os aspectos formativos de seus membros e comunicativos de suas atividades”⁸⁷. No movimento *ad extra*, busca possibilitar a comunicação da Igreja “com o mundo em acelerada transformação, através de sua ação profética na sociedade e em favor do ser humano integral”⁸⁸.

Na prática, a infopastoral, ao propor os movimentos pastorais *ad intra* e *ad extra*, engloba um conjunto diversificado de instrumentos e estratégias que objetivam a utilização otimizada das tecnologias de informação e comunicação para a promoção da evangelização, formação espiritual e construção de comunidades solidárias, missionárias e inclusivas. Isso compreende a utilização de websites, redes sociais, podcasts, vídeos, blogs e outros recursos digitais para a propagação da mensagem religiosa, compartilhamento de ensinamentos, promoção de eventos e criação de espaços para diálogo e reflexão. Também enfatiza que a presença online da Igreja Católica não se restringe à mera transmissão de informações, mas busca estabelecer uma presença pastoral ativa, acompanhando os fiéis em suas jornadas de fé, entre luzes e sombras. Isso pode envolver a oferta de recursos online para catequese, a realização de transmissões ao vivo de celebrações litúrgicas, a disponibilização de materiais de formação e a criação de fóruns de discussão para promover a interação entre os membros da comunidade. Além disso, busca lidar com os desafios éticos e pastorais associados ao mundo digital, dialogando com os fiéis sobre o uso responsável da tecnologia, promovendo um

⁸⁵ GRIPP, 2023, p. 77.

⁸⁶ CNBB. *Cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade: Sal da Terra e Luz do Mundo (Mt 5,13-14)*. São Paulo: Paulinas, 2016, p. 85, n. 132. (Documentos da CNBB, 105).

⁸⁷ GRIPP, 2023, p. 18.

⁸⁸ GRIPP, 2023, p. 18.

ambiente online seguro e construtivo, e respondendo aos desafios éticos emergentes, como a disseminação de notícias falsas e a manipulação da informação.

Segundo Gripp, a dinamização da infopastoral compreende a valorização da comunicação comunitária, com protagonismo e corresponsabilidade dos leigos⁸⁹; criação e estímulo de canais paroquiais em conformidade com os planos de pastoral paroquial e diocesano, buscando o desenvolvimento de atividades on-line e presenciais de forma equitativa; redescoberta e fortalecimento da igreja doméstica; modernização das pastorais, integrando material de teor digital e utilizando recursos tecnológicos, com ampla reflexão pastoral, tendo Cristo como princípio e fim da ação evangelizadora; compromisso com a verdade⁹⁰.

Atualmente, a Igreja Católica reconhece o desenvolvimento de um trabalho pastoral na infosfera como uma extensão intrínseca da sua missão evangelizadora, ajustando-se aos meios de comunicação contemporâneos com o propósito de alcançar novas audiências e estabelecer um diálogo contínuo com a sociedade. Nesse processo, faz-se necessário a compreensão do ser humano com o qual se está comunicando, buscando a linguagem adequada e o método eficaz para a interação com ele. Ao acolher as oportunidades proporcionadas pela era digital, a Igreja Católica busca construir pontes de entendimento, visando promover os valores do Evangelho de maneira pertinente e acessível aos desafios e dinâmicas inerentes à sociedade contemporânea.

Em síntese, diante dos desafios e oportunidades apresentados pela internet à Igreja Católica, delinea-se um cenário complexo e dinâmico, demandando uma abordagem reflexiva e adaptativa. A análise da breve história da internet, desde sua origem até os notáveis indicadores estatísticos que a caracterizam, fornece um contexto essencial para compreendermos a magnitude e a influência desta rede global. Entretanto, ao aprofundarmos nossa compreensão dos desafios da comunicação digital para a pastoral católica, torna-se evidente a necessidade premente de adaptação. A transição da pastoral da resposta para a pastoral da questão, a mudança do foco centrado no conteúdo para uma abordagem centrada nas pessoas, bem como outras transformações propostas, delineiam um movimento essencial para que a Igreja não apenas se ajuste, mas também atue de maneira eficaz em sua missão de

⁸⁹ A proposta da infopastoral, elaborada por Gripp, incorpora os fundamentos essenciais da visão sinodal da Igreja, tal como proposta e promovida pelo papa Francisco. Este conceito abarca uma prática de escuta intencional e cuidadosa dos interlocutores, conferindo-lhe uma dimensão dialógica intrínseca em seu desenvolvimento, ao mesmo tempo em que reconhece e promove o protagonismo dos agentes envolvidos, fomentando assim um espírito de corresponsabilidade na condução das atividades propostas.

⁹⁰ GRIPP, 2023, p. 85-86.

propagar o Reino de Deus na cultura digital. Por fim, a proposta da infopastoral, destacada neste capítulo, emerge como um caminho promissor, apontando para uma perspectiva integrada que valoriza a importância da interioridade e interatividade na comunicação religiosa. Neste contexto, é imperativo que a Igreja Católica adote estratégias inovadoras e sensíveis à complexidade da cultura digital. A pastoral do testemunho, da proximidade e da narrativa se configura como um chamado para uma presença autêntica no ambiente digital, onde a verdadeira essência da mensagem cristã pode e deve ser transmitida de maneira produtiva. Neste cenário desafiador a proposta da infopastoral não se concentra apenas no ambiente digital, mas no ser humano imerso na infosfera. Esta abordagem reconhece a importância da internet na vida das pessoas e busca integrar a mensagem do Evangelho à cultura digital. Baseada na compreensão do povo de Deus, a infopastoral envolve toda a comunidade eclesial, promovendo tanto a comunicação interna quanto externa da Igreja. Isso inclui uma variedade de estratégias digitais para a evangelização, formação espiritual e construção de comunidades inclusivas. Além disso, a infopastoral enfrenta os desafios éticos e pastorais do mundo digital, promovendo um uso responsável da tecnologia. Em última análise, ao incorporar a infopastoral e enfrentar os desafios da comunicação digital com sabedoria e discernimento, a Igreja Católica não apenas poderá lidar com os dilemas contemporâneos, mas também descobrirá novas oportunidades para expandir sua missão e alcançar um público cada vez mais conectado, diversificado e sedento pelo sagrado.

Após analisar a internet – sua história, principais características e desafios para a Igreja Católica – e situá-la também como um meio de comunicação, faz-se imperativo adentrar no próximo estágio de nossa pesquisa, focado na intersecção entre a Igreja Católica e a comunicação ao longo da história. Assim, no capítulo subsequente, procederemos a uma análise retrospectiva, abordando a progressão dos pronunciamentos emitidos pelo Magistério Pontifício em resposta à evolução e desafios suscitados pelos meios de comunicação social na Igreja Católica, desde a invenção da imprensa até o advento da internet. A análise histórica proposta apresentará contribuições significativas para a compreensão das bases que fundamentam as interações da Igreja Católica com os meios de comunicação e os critérios de discernimento que daí emergem, desempenhando um papel crucial na inspiração teórica para analisarmos a inserção da cultura digital na elaboração das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil, objeto de estudo do terceiro e último capítulo deste trabalho.

2 IGREJA, COMUNICAÇÃO E EVANGELIZAÇÃO: CAMINHO HISTÓRICO

A evangelização está na raiz da formação da Igreja, sendo sua principal razão de existir e um mandato do próprio Jesus (Mt 28, 19-20). A Igreja ecoa em toda a sua existência as palavras do apóstolo Paulo: “Ai de mim se eu não anunciar o Evangelho” (1Cor 9,16). Para tal fim utiliza-se, historicamente, dos meios disponíveis e mais eficazes para cumprir sua missão. Neste contexto, os meios de comunicação são, por excelência, importantes recursos utilizados na execução dessa tarefa. Porém os meios de comunicação trazem em si um potencial intrínseco pois, além de divulgarem notícias ou ideias com eficácia, influenciam a opinião pública e criam cultura. No entanto, se utilizados de forma inadequada, podem prejudicar a sociedade. Por esta razão, o Magistério Pontifício sempre observou esses meios com cautela, considerando-os, não raras vezes, como ameaça ao poder eclesiástico e à moral e bons costumes dos cristãos.

Assim, neste estudo da evangelização na contemporaneidade, caracterizada pela rede digital, e seu impacto nas DGAE, convém perfazermos o caminho trilhado pelo Magistério eclesial em relação aos meios de comunicação, sobretudo em tempos mais recentes. Para analisar com maior clareza o cenário atual e a posição das lideranças da Igreja Católica diante dos desafios trazidos pelos meios digitais para a evangelização, é necessário compreender as adversidades enfrentadas pela delicada relação estabelecida entre o mundo eclesial e o da comunicação ao longo do tempo. Para isso, traremos uma análise dos pronunciamentos dos sumos pontífices nos períodos mais recentes e seu posicionamento em relação aos meios de comunicação. Destacaremos a evolução desses pronunciamentos à medida que os meios de comunicação também evoluem, demonstrando as tentativas, muitas vezes infrutíferas, de a Igreja se adaptar e se posicionar diante das mudanças tecnológicas. Isso se fará através da apresentação de citações e análises de documentos oficiais da Igreja Católica, bem como de comentários de especialistas no assunto. Devido à relevância para a reflexão católica sobre a comunicação, daremos um enfoque especial no decreto *Inter Mirifica*, do Concílio Vaticano II, e na instrução pastoral pós-conciliar *Communio et Progressio*, do Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais. Neste estudo, abordaremos o período que se estende do século XV, caracterizado pela invenção da imprensa, até o início do século XXI, durante o pontificado de João Paulo II. As contribuições de Bento XVI e Francisco ao tema são apresentadas no decorrer dos outros capítulos deste trabalho. Ao final deste capítulo, apresentaremos, em linhas gerais, como esse processo comunicacional foi recebido pelo Magistério latino-americano e seus primeiros desdobramentos a partir do Vaticano II. Para isso, nos utilizaremos, sobretudo, dos documentos finais das Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano e do Caribe.

2.1 A Igreja Católica e a comunicação a partir do século XV

A missão primordial da Igreja é evangelizar. Anunciar a Boa Nova do Reino é a razão de sua existência, em obediência ao mandato do mestre Jesus: “Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura” (Mc 16,15). Assim a Igreja tem empregado os meios de comunicação a fim de cumprir essa missão, reconhecendo a importância deles no processo de evangelização e seu poder de influência sobre as pessoas e a sociedade. Há assim, uma íntima ligação entre a Igreja e a comunicação. Uma vez que Deus comunica à humanidade o seu projeto de salvação por meio de Jesus, deve também haver um diálogo fecundo entre a teologia e os fenômenos comunicacionais relativos aos avanços tecnológicos, visto que a comunicação se situa no centro do cristianismo.

Desde o seu estabelecimento inicial, a Igreja Católica tem testemunhado o surgimento, evolução e disseminação de diversos meios de comunicação, empenhando-se no processo de assimilação de sua operação e nas adaptações necessárias para lidar com as transformações sociais decorrentes dessas tecnologias.

Na origem do cristianismo a comunicação era feita de forma oral, sendo as primeiras comunidades o próprio instrumento comunicativo da Boa Nova do Reino. A fé difundia-se pelo testemunho fraterno e pregação dos discípulos (At 2, 42-47). Como a comunicação se dava de pessoa a pessoa, o diálogo e o debate eram favorecidos. E na impossibilidade de se fazer presente pessoalmente, a comunicação entre as comunidades se dava através de cartas, geralmente com caráter normativo e exortativo, como podemos observar na atuação das comunidades do apóstolo Paulo.

À medida que se desenvolve, o cristianismo sofre transformações e, sob influência da sociedade da época, a comunidade cristã se organiza num modelo pautado na hierarquia, tendo o clero como figura principal. Entender essa autoridade eclesiástica “que dita normas e fixa padrões de comportamento”¹ é fundamental para se compreender o relacionamento da Igreja Católica com a comunicação. Neste modelo – em vigência durante vários séculos, até os movimentos de renovação do séc. XX, que culminaram no Concílio Vaticano II – há uma divisão entre os membros da comunidade em termos de importância e prioridade. Quem

¹ SOARES, Ismar de Oliveira. *Do Santo Ofício à Libertação: o discurso e a prática do Vaticano e da Igreja Católica no Brasil sobre a Comunicação Social*. São Paulo: Paulinas, 1988, p. 30.

comunica é a autoridade, privando a comunicação de seu aspecto dialógico, fazendo-a fluir num único sentido, para uma massa de fiéis impossibilitados de questionar ou interagir.

A partir daí a Igreja Católica começa seus pronunciamentos sobre comunicação. Enrico Baragli, padre jesuíta e escritor italiano, tendo trabalhado na publicação de *La Civiltà Cattolica* por 50 anos, faz referência a 87 documentos oficiais nos quase 1500 anos que vão desde a época apostólica da Igreja até a invenção da imprensa, por Gutenberg². “Estes visam ditar normas a imperadores, reis, bispos e fiéis, a fim de orientá-los sobre como se posicionar diante dos escritos, livros e teatro”³. Poucos destes documentos abordam a liberdade de pensamento e o direito de expressão. A Igreja Católica, neste período, conforme pontua Soares:

Esteve vigilante quanto à publicação de livros heréticos, condenando ao fogo, de preferência em lugares públicos, os escritos, entre outros, de Ario (julgado pelo Concílio de Nicéia, em 325, e pelo Segundo Concílio de Constantinopla, em 553), Nestório (julgado pelo papa Celestino, no ano 431), Fócio (condenado pelo Concílio de Constantinopla, em 869), Pedro Abelardo e Arnaldo de Brescia (condenados por Inocêncio II, em 1140), João Wyclif e João Hus (condenados pelo Concílio de Constança, em 1415)⁴.

A partir do século XV, o grande avanço da técnica possibilita o rápido surgimento e propagação dos meios de comunicação e, conseqüentemente, o aumento gradativo de seu alcance e influência junto às pessoas e à sociedade. Nesse processo de evolução técnica, antes mesmo do desenvolvimento das teorias da comunicação, o Magistério católico também começa a se pronunciar a respeito desses meios, num esforço analítico e orientador de seu uso, alertando para suas potencialidades e perigos. Isso é feito em nome de um zelo pastoral por parte dos sumos pontífices, sendo fruto do contexto e mentalidade da época em que tais pronunciamentos foram promulgados. Constata-se que o olhar mais atento do Magistério eclesial aos meios de comunicação inicia-se depois da invenção da tipografia e da descoberta da imprensa por Johannes Gutenberg, que possibilita uma grande produção de publicações e a rápida circulação e difusão de ideias.

Em síntese, nota-se que desde essa época – século XV – até a atualidade, a Igreja Católica atentamente observa as evoluções surgidas na área comunicativa, faz uso dos meios de comunicação para seu projeto de evangelização e emite um juízo a respeito do uso desses meios por parte das pessoas. No entanto, esse olhar tem evoluído historicamente. A seguir,

² BARAGLI, Enrico. *Comunicazione, comunione e Chiesa*. Roma: Studio Romano della Comunicazione Sociale, 1973, p. 54-113.

³ PUNTEL, Joana T. *Cultura midiática e Igreja: uma nova ambiência*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 118.

⁴ SOARES, 1988, p. 31.

traremos sucintamente alguns elementos históricos constituintes da relação entre a Igreja Católica e os meios de comunicação social desde o século XV até o Concílio Vaticano II.

2.1.1 Evolução da técnica e comunicação

Comunicação é definida como:

Processo que permite às pessoas colocarem-se em relação com sua realidade e, a partir dela, dialogarem com o mundo que as cerca por meio de todas as linguagens que se aperfeiçoam a cada dia. Essas relações mediadas pela comunicação permeiam todo o tecido social em suas interações na família, no trabalho, no lazer, na comunidade, na escola, na sociedade, na Igreja, permitindo ao ser humano sua afirmação como pessoa ativa em uma sociedade em mudança.⁵

Ela é algo intrínseco ao ser humano, faz parte de sua natureza, uma necessidade básica até mesmo para a sobrevivência.

Ao longo da história, a evolução da comunicação tem sido acompanhada pelo desenvolvimento da humanidade, enriquecendo a cultura e ampliando as possibilidades de progresso⁶. Um avanço significativo na comunicação ocorre quando nossos ancestrais desenvolvem a habilidade de falar, seguido pelo registro dessa fala por meio da escrita. Bem mais tarde, grande revolução comunicacional e cultural a humanidade presencia no séc. XV, quando o alemão Gutenberg inventa a imprensa, modificando profundamente os hábitos de leitura e a divulgação de escritos. A Igreja Católica foi pioneira na adesão a tal recurso, utilizando-o, ainda na década de 1440, para a impressão de cópias da bíblia. Antes disso, é notório e de reconhecida valia o trabalho feito nas *scriptorias* dos conventos e universidades, onde foram copiados e preservados para a história numerosos clássicos da literatura greco-romana.

Quando se analisa o desenvolvimento dos meios de comunicação, é imprescindível fazer um paralelo com a evolução da técnica. Pois o aperfeiçoamento desta influencia diretamente o avanço daquela. Neste sentido, o século XIX entra para a história como um marco na comunicação. Em 1837, o físico americano Samuel Morse inventa o telégrafo elétrico, possibilitando o envio de mensagens codificadas – código morse – pela corrente elétrica; o cientista norte-americano de origem escocesa Alexander Graham Bell, em 1876, cria o telefone,

⁵ CNBB. *Directorio de Comunicação da Igreja no Brasil*. Brasília: Edições CNBB, 2014, p. 181. (Documentos da CNBB, 99).

⁶ MCLUHAN, Marshall. *A galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipográfico*. São Paulo: Editora Nacional: Editora da USP, 1972.

permitindo a transmissão da voz em tempo real por meio elétrico; e o rádio é desenvolvido pelo físico italiano Guglielmo Marconi⁷, em 1896, viabilizando a propagação do som por ondas eletromagnéticas. São três inovações técnicas na área da eletrônica e das ciências inter-relacionadas à automatização de sistemas que modificam e ampliam substancialmente o poder da comunicação, inaugurando um novo conceito, o de telecomunicação. Iniciada pelo prefixo grego “tele”, cujo significado está relacionado com “distância” ou “longe”, esta forma de comunicar promoveu uma verdadeira revolução cultural.

No entanto, a tecnologia continua seu processo de aprimoramento, permitindo que o ano de 1927 fosse marcado por outra grande evolução das telecomunicações: o inventor estadunidense Philo Farnsworth cria a televisão nos moldes conhecidos atualmente.

É importante ressaltar que existe um intervalo de tempo entre a invenção desses dispositivos de telecomunicação e sua disseminação e popularização. Esse processo geralmente é lento. Para ilustrar esta consideração, um fato: a primeira transmissão televisiva no Brasil ocorre em 1950, em duzentas televisões importadas dos Estados Unidos – cerca de 23 anos após sua invenção. O evento foi realizado pelo jornalista Francisco de Assis Chateaubriand, durante a inauguração da TV Tupi, na cidade de São Paulo. Anos depois, numa transmissão experimental, chega ao Brasil a TV em cores, em 1963.⁸

Neste mesmo ano, no Vaticano, encontrava-se em pleno andamento um evento que mudaria os rumos da Igreja Católica, o Concílio Vaticano II, convocado e iniciado em outubro de 1962, por João XXIII e encerrado por Paulo VI, em dezembro de 1965. Porém, foi em dezembro deste mesmo ano de 1963, que o decreto *Inter Mirifica* – sobre os Meios de Comunicação Social (MCS) – foi promulgado como documento integrante deste concílio. Esse

⁷ Porém, diversos estudos sugerem que o padre brasileiro Landell de Moura foi pioneiro na realização da primeira transmissão de sinais via rádio em 1893. Posteriormente, em 16 de julho de 1899, ele efetuou a transmissão de áudio entre o Colégio Santana, onde era pároco, localizado na zona norte de São Paulo, e a Ponte das Bandeiras, situada a aproximadamente quatro quilômetros de distância. No entanto, não existem registros oficiais desse feito, e o mérito de sua realização nunca foi devidamente reconhecido, apesar de Landell de Moura ter patenteado sua invenção tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos. Conferir: BRASIL. Ministério das Comunicações. *Rádio no Brasil: há mais de 100 anos criando e contando histórias*. 31 out. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/mcom/pt-br/noticias/2021/setembro/radio-no-brasil-ha-mais-de-100-anos-criando-e-contando-historias>. Acesso em: 17 jan. 2024. FERREIRA, Luiz Claudio. Cem anos do rádio no Brasil: o padre brasileiro que inventou o rádio. *Agência Brasil*. 31 mai. 2022. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2022-05/cem-anos-do-r%C3%A1dio-no-brasil-o-padre-brasileiro-que-inventou-o-radio>. Acesso em: 17 jan. 2024.

⁸ PERUCH, Thiago. *História da Televisão*. 18 jan. 2022. Disponível em: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/historia-da-televisao/#:~:text=Philo%20Farnsworth%2C%20em%201927%2C%20criou,de%20inventor%20tamb%C3%A9m%20ocorre%20aqui>. Acesso em: 20 mar. 2023.

olhar da Igreja Católica sobre os meios de comunicação é o objeto de estudo de nosso próximo subtítulo.

2.1.2 Período de autodefesa, condenação e proibição

A princípio, nesta relação com os meios de comunicação⁹, as lideranças eclesiais assumem uma postura de precaução, censura e oposição, pelo fato de considerar esses meios como uma ameaça aos princípios cristãos. Já no século XV, no ano de 1487, o papa Inocêncio VIII, perante a disseminação da invenção de Gutenberg, escreve a bula *Inter Multiplices*, primeiro documento da Igreja Católica sobre a imprensa, onde expressa a preocupação com impacto que a disseminação da tipografia poderia ter sobre os princípios morais da sociedade, ameaçando o controle eclesiástico, e dá orientações com relação ao material a ser publicado pela Igreja e o controle dos escritos – apontados como heréticos – que iam contra os ensinamentos cristãos. Argumenta o papa nesta bula: “No campo do Senhor, deve-se semear apenas aquilo que possa alimentar espiritualmente as almas fiéis, sabendo-se arrancar o joio e cortar a estéril oliveira selvagem”¹⁰. Lembramos que nesta época o cenário eclesial vivia sob o contexto da Inquisição, “nome dado ao tribunal eclesiástico encarregado de punir todas as pessoas consideradas culpadas de ofensas contra a ortodoxia católica”¹¹.

Em 1515, o papa Leão X, no período de realização do V Concílio de Latrão, escreve a constituição *Inter Sollicitudines*. Segundo Soares, é um documento de referência obrigatória para os estudiosos das relações entre a Igreja e a comunicação social. Nele, o papa expressa a

⁹ Gomes, ao analisar a visão da comunicação presente nos documentos eclesiais e sua respectiva evolução, observa que esses escritos refletem uma constante preocupação pastoral, orientada para a educação do senso crítico. Para esse autor, a trajetória dessa abordagem revela uma evolução em três fases distintas na relação da Igreja com os meios de comunicação, evoluindo do enfoque no “saber” para o “fazer” e culminando no “pensar”. No primeiro período, o importante era o “saber” e a ênfase recaía nos conteúdos, compreendendo a comunicação como transmissão unidirecional de informações e valores entre gerações. A preocupação central era a qualidade das mensagens, resguardando a moral, os bons costumes e o pensamento cristão. O segundo modelo, por sua vez, não condenava os meios de comunicação, mas destacava suas potencialidades como instrumentos de difusão de ideias, privilegiando o “fazer” e visando persuadir os receptores. O terceiro modelo avança para uma compreensão mais abrangente da comunicação, focando na transformação das pessoas e comunidades. Este modelo prioriza a interação dialética, o desenvolvimento intelectual e a consciência social, adotando o método Ação-Reflexão-Ação e valorizando o pensamento. Nessa perspectiva, a concepção da comunicação é bilateral, reconhecendo o ser humano como emissor e receptor simultaneamente, com esforços para garantir o direito fundamental à comunicação e compreender os mecanismos sociais que limitam a atuação ativa dos indivíduos, grupos ou comunidades. Notavelmente, as diferentes fases dessas compreensões coexistem na abordagem contemporânea da Igreja Católica em relação à comunicação social, carecendo de uma diretriz clara. GOMES, Pedro Gilberto. *Da Igreja Eletrônica à sociedade em midiatização*. São Paulo: Paulinas, 2010, p. 130-142.

¹⁰ INOCÊNCIO VIII. *Inter Multiplices*. In: DALE, Romeu (org.). *Igreja e Comunicação Social*. São Paulo: Paulinas, 1973, p. 34.

¹¹ PUNTEL, 2005, p. 118.

resposta da Igreja Católica à liberdade da imprensa referente aos temas da fé e dos costumes, bem como as relações políticas que implicavam as autoridades eclesiais. Entende que a Igreja tem autoridade sobre a produção cultural e escreve: “decretamos e ordenamos, para todo o sempre, que ninguém imprima nem ouse mandar imprimir livro ou qualquer outra matéria escrita, tanto em Roma como nas outras cidades e dioceses, sem exame prévio”¹². Na parte final do texto ainda informa as penas aos que não obedecerem ao que foi decretado:

Quem, no entanto, presumir outra coisa, além da apreensão dos livros impressos, que serão queimados em praça pública, e o pagamento de cem ducados à Fábrica da Basílica de São Pedro em Roma, sem esperança de perdão, terá sua licença de impressor suspensa por um ano e ficará sujeito à pena de excomunhão. Finalmente, havendo a agravante de contumácia, seja de tal forma castigado por seu bispo ou pelo nosso Vigário, respectivamente, com todos os remédios canônicos, que ninguém mais tenha a ousadia de imitar-lhe o exemplo.¹³

Nesta época há um clima de contestação ao poder da Igreja Católica. A constituição *Inter Sollicitudines* veio para conter esse movimento. Porém, conforme observa Soares, o resultado foi desastroso. Como consequência da aplicação da constituição, Martinho Lutero foi excomungado e, em 1517, publica as 95 teses da Reforma Protestante, revelando-se um grande comunicador social, desarticulando o poder político e religioso da Igreja de Roma.¹⁴

Se já havia uma batalha para a proibição da circulação das obras impressas heréticas, agora começa outra luta ferrenha contra as obras que difundiam as ideias protestantes. Em julho de 1542, o papa Paulo III criou a Congregação da Inquisição Romana, com o objetivo de julgar assuntos concernentes à doutrina da fé e dos costumes, bem como a proscrição de livros e nomeação de inquisidores em toda a Igreja. A atuação dessa congregação potencializa a perseguição às publicações. Essa mentalidade proibitiva, frente às obras escritas, tem seu máximo expoente em 1559, quando o papa Paulo IV promulga o índice dos livros proibidos, a primeira versão do *Index Librorum Prohibitorum*, organizado pelo Ofício da Sacra Romana e Universal Inquisição, trazendo uma lista de autores e as obras consideradas impróprias pela Igreja Católica por serem heréticas e contra seus ensinamentos. Esses livros tinham leitura proibida e várias obras foram destruídas. Esse index foi atualizado com o tempo, sendo aprovado por Pio IV, através da constituição apostólica *Dominici Gregis*, de 1564, normatizado pelo Concílio de Trento – que publicou dez regras a respeito do “Índice” – e abolido

¹² LEÃO X. *Inter Sollicitudines*. In: SOARES, 1988, p. 39.

¹³ LEÃO X. *Inter Sollicitudines*. In: DALE, Romeu (org.). *Igreja e Comunicação Social*. São Paulo: Paulinas, 1973, pp. 40-41.

¹⁴ SOARES, 1988, p. 41.

definitivamente somente em 1966, pela Congregação da Doutrina da Fé. Esta congregação é instituída pelo papa Paulo VI, em 1965, pelo motu próprio *Integrae Servande*, pelo qual também extingue a Congregação da Inquisição Romana, de 1542¹⁵.

Em 1753, o papa Bento XIV, promulga a constituição *Sollicita ac Provida*, onde retoma e completa a legislação a respeito da proibição e censura de livros. Neste documento lança um olhar sobre a “opinião pública”, um fenômeno sociocultural que surge e cresce proporcionalmente ao advento da publicação dos materiais impressos. Com relação aos livros proibidos ou liberados, nesta constituição, o papa defende a maturidade e prudência da atuação dos membros da Congregação da Inquisição Universal e da Congregação do Índice. Informa também como se dão os trâmites do processo de análise das obras que chegam até essas congregações.

Dando seguimento à explanação desta postura do Magistério da Igreja – de defesa e ao mesmo tempo ataque –, em 1776, o papa Clemente XIII publica a encíclica *Christianae Reipublicae*, a primeira sobre a comunicação social da Igreja. Nela, fazendo uso de um linguajar forte e incisivo, Clemente condena as obras tidas como anticristãs, de cunho imoral e herético. “Se não colocarmos a foice na raiz e não empacotarmos os maus brotos para jogá-los no fogo, pouco faltará senão os espinhos da maldade”, pondera Clemente já no início do texto¹⁶. Em outro ponto convoca: “É preciso lutar ferozmente, como a própria circunstância exige, com todas as forças, para erradicar a praga mortal dos livros”¹⁷. Usando essa mesma postura e dureza nas palavras, o papa Gregório XVI, em 1832, promulga a encíclica *Mirari Vos*¹⁸, onde trata de vários temas que, segundo ele, ameaçam a fé e a unidade da Igreja. Dentre esses temas, recebe destaque a “execrada e abominada ‘liberdade de imprensa’”¹⁹. O papa condena tal liberdade, acusando-a de aumentar o indiferentismo contra a fé cristã. Também reconhece o grande potencial apresentado pelos materiais impressos em alcançar as pessoas e se diz horrorizado com a “monstruosidade portentosa de erros” espalhados por todos os lugares com a “infindável multidão de livros, panfletos e escritos, pequenos certamente em tamanho, mas muito grandes

¹⁵ PAULO VI. *Integrae Servandae*. In: DALE, Romeu (org.). *Igreja e Comunicação Social*. São Paulo: Paulinas, 1973, pp. 179-182.

¹⁶ CLEMENTE XIII. *Encíclica Christianae Reipublicae*. 25 nov. 1766. n. 1. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/clemens-xiii/it/documents/enciclica-christianae-reipublicae-25-novembre-1766.html>. Acesso em: 22 mar. 2023.

¹⁷ CLEMENTE XIII, 1766, n. 2.

¹⁸ GREGORIO XVI. *Encíclica Mirari Vos*. 11 ago. 1832. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/gregorius-xvi/it/documents/encyclica-mirari-vos-15-augusti-1832.html>. Acesso em: 22 mar. 2023.

¹⁹ GREGORIO XVI, 1832, não-paginado.

em malícia, dos quais vemos com lágrimas nos olhos a maldição de inundar toda a face da terra”²⁰. O papa Pio IX, sucessor de Gregório XVI, promulga a encíclica *Quanta Cura*²¹, em 1864, onde também faz duras críticas à imprensa. Nela afirma que as opiniões e doutrinas ímpias e depravadas “difundidas pelos inimigos de toda verdade e justiça com livros, panfletos e jornais” sejam “reprovadas, proscritas e condenadas”²². Vale ressaltar que três anos antes dessa encíclica, em 1º de julho de 1861, a Santa Sé publica pela primeira vez o seu jornal “*L’Osservatore Romano*” – importante e renomado veículo de comunicação do Vaticano –, existente até hoje.

2.1.3 Período de abertura e receptividade

Na relação com os meios de comunicação, após esse primeiro período, a Igreja passa por uma fase de certa abertura a eles. Esse processo começa com o papa Leão XIII, inaugurador da Doutrina Social da Igreja. Historicamente, este pontificado constitui um período de grande desenvolvimento para a Igreja Católica em várias áreas, onde o mundo torna-se o foco de direção da vida eclesial. Este período, segundo Dale, não traz grandes mudanças com relação ao conteúdo dos escritos pontifícios sobre a comunicação. Estes mantêm as afirmações doutrinárias e condenações de seus predecessores. Porém, notam-se avanços no diálogo e uma certa receptividade da Igreja em relação à imprensa, principal meio de comunicação da época²³. Em seus escritos, o papa reconhece a expressiva importância dos periódicos publicados na época – cerca de 23 mil. Em 1879, Leão XIII é o papa que concede, pela primeira vez na história, uma audiência a um grupo de jornalistas. Em sua encíclica *Etsi nos*, de 1882, o pontífice fala da importância da ampla divulgação da “boa imprensa”, do reto uso da liberdade e conclama os fiéis ao desenvolvimento do “mais prudente discernimento sobre as coisas a serem lidas”²⁴. O mesmo tom de abordagem o papa apresenta nas encíclicas *Immortale Dei*, de 1885, e *Libertas Praestantissimum*, de 1888, onde aprofunda a temática dos limites da liberdade de imprensa e de expressão²⁵. Este pontífice, no decorrer de seus 25 anos de pontificado, trata

²⁰ GREGÓRIO XVI, 1832, não-paginado.

²¹ PIO IX. *Encíclica Quanta Cura*. 8 dez. 1864. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/pius-ix/it/documents/encyclica-quanta-cura-8-decembris-1864.html>. Acesso em: 23 mar. 2023.

²² Pio IX, 1864, não-paginado.

²³ DALE, Romeu (org.). *Igreja e Comunicação Social*. São Paulo: Paulinas, 1973, p. 74.

²⁴ LEÃO XIII. *Carta Encíclica Etsi nos*. 15 fev. 1882. Disponível em: https://www.vatican.va/content/leo-xiii/it/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_15021882_etsi-nos.html. Acesso em: 24 mar. 2023.

²⁵ BARBEIRA, Francisco Pereira. *Magistério da Igreja e meios de comunicação social: no Vaticano II e em João Paulo II*. Lisboa: Paulus, 2010, p. 26.

o tema da imprensa em pelo menos 40 documentos. Puntel observa que a característica marcante de Leão XIII com relação aos meios de comunicação “foi sua abordagem, que ia além das lamentações oficiais do passado”²⁶. Segundo ele era preciso combater a imprensa má com a boa imprensa, opondo “escrito a escrito”, “publicação a publicação”. Neste sentido, já que não podia contar com o apoio dos governantes, o papa faz numerosas exortações aos episcopados do mundo, inclusive ao brasileiro, em 1899. Nessa exortação, direcionada à formação do clero, o pontífice ressalta o zelo e a prudência que se deve ter na escrita e publicação de jornais católicos, visto que formam opinião e os costumes do povo. Diz o papa: “é preciso, portanto, refinar o estilo e usar as letras para que a vaidade ceda à verdade e, pouco a pouco, as mentes se rendam à voz da razão sã e da justiça”²⁷. Este pontífice emite também um apelo à organização do povo católico, lançando o embrião da futura Ação Católica, regulamentada por Pio X e consolidada por Pio XI²⁸. Ressaltamos que Leão XIII foi o primeiro papa a ter sua voz gravada e, em 1896, o primeiro a ser filmado por uma câmera de cinema.

O papa Pio X, no tocante à imprensa, mantém o tom conservador. Na encíclica *Pieni d'Animo*, de 1906, frente ao problema do espírito de insubordinação e independência apresentada pelo clero em alguns países, propõe um maior rigor na escolha e formação dos seminaristas. Dentre as várias sugestões apresentadas pelo papa, no tocante a atitudes a serem tomadas nos seminários, está o impedimento aos seminaristas da leitura de jornais e revistas, além de lembrar aos sacerdotes a proibição de dirigir jornais ou periódicos, bem como escrever sobre qualquer tema nessas publicações sem a autorização do seu Ordinário²⁹. No entanto, havia um desenvolvimento da imprensa católica em vários lugares. Segundo Soares, neste período, ela “era o retrato do povo católico: estava praticamente à margem da vida social em transformação”³⁰.

No pontificado do papa Bento XV há um maior interesse pelos meios de comunicação pois, no contexto bélico vivido na época, estes são vistos como determinantes para se buscar a paz. Após o fim da Primeira Guerra Mundial (1918), este papa publica a encíclica *Pacem Dei Munus*, em 1920, reconhecendo o papel e poder dos meios de comunicação como instrumentos

²⁶ PUNTEL, 2005, p. 115.

²⁷ “Occorre dunque, rifinire lo stile e usare delle lettere in modo che la vanità ceda alla verità, e poco per volta le menti si arrendano alla voce della sana ragione e della giustizia”. Leão XIII, *Carta Paternae providaeque*, In: BARAGLI, 1973, pág. 362.

²⁸ SOARES, 1988, p.65.

²⁹ PIO X. *Encíclica Pieni d'Animo*. 28 jul. 1906. Disponível em: https://www.vatican.va/content/pius-x/it/encyclicals/documents/hf_p-x_enc_28071906_pieni-l-animo.html. Acesso em: 26 mar. 2023.

³⁰ SOARES, 1988, p. 67.

de reconciliação e reestruturação dos povos que “estão unidos pelo duplo vínculo natural da miséria comum e da benevolência comum, dado o grande progresso da civilização e o maravilhoso aumento das comunicações”³¹.

O papa Pio XI, a 12 de fevereiro de 1931, inaugura a rádio vaticana, instalada pelo próprio inventor do rádio – Marconi –, e profere o primeiro discurso de um pontífice transmitido por meio radiofônico. Este pontífice demonstra um interesse pessoal pelo cinema e seus impactos sociais, chegando a criar, em 1928, a Organização Católica Internacional do Cinema (OCIC). Esse interesse do papa se concretiza, em 1936, na publicação da carta encíclica *Vigilanti cura*, sobre o cinema. Entre outros aspectos da sétima arte, Pio XI aborda a relação dela com a moral cristã e sua grande ingerência sobre as pessoas, chegando a classificar o cinema como o “meio mais poderoso para exercer influência sobre as massas” daquela época³². O texto apresenta muitas ressalvas ao cinema, porém destaca o seu potencial positivo em relação à educação das pessoas, fonte de lazer e entretenimento, divulgação de conhecimentos gerais, capacidade para difundir o amor e a justiça na sociedade humana. O papa chega a idealizar um mercado católico de produção cinematográfica, com a organização de produtoras de cinema e abertura de salas de exibição de filmes nas paróquias e associações. Um pouco do reflexo disso no Brasil é a presença, em anos atrás, de muitos cinemas paroquiais, até mesmo em localidades muito pequenas do interior. De modo geral, em seus escritos, Pio XI dá grande ênfase à liberdade de expressão, pois testemunha a supressão desta para o povo em geral e, especialmente para a Igreja Católica, na União Soviética e na Alemanha nazista de seu tempo, além de experimentar esta perseguição de forma próxima, na Itália, sob o regime fascista. Este papa institui São Francisco de Sales como o padroeiro dos jornalistas e escritores católicos. Neste pontificado também se inicia a ideia da necessidade do uso dos meios de comunicação na ação pastoral da Igreja.

Já Pio XII, na opinião de Barbeira, foi até aquele momento “o mais importante promotor de um magistério referente aos meios de comunicação, assim como do crescente interesse por fomentar a ação pastoral da Igreja através dele, destacando os seus valores positivos, incluindo a televisão”³³. Num pronunciamento a profissionais do rádio, em 1944, Pio XII afirma: “pelo

³¹ BENTO XV. *Carta Encíclica Pacem Dei Munus*: sobre a restauração cristã da paz. 23 mai. 1920. n. 11. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xv/es/encyclicals/documents/hf_ben-xv_enc_23051920_pacem-dei-munus-pulcherrimum.html. Acesso em: 24 mar. 2023.

³² PIO XI. *Carta Encíclica Vigilanti cura*: sobre o cinema. 29 jun. 1936. Disponível em: https://www.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_29061936_vigilanti-cura.html. Acesso em: 21 mar. 2023.

³³ BARBEIRA, 2010, p. 28.

grau de perfeição que atingiu, o rádio é uma obra-prima do espírito inventivo do homem, uma maravilha da técnica, um prodígio da criação artística”³⁴. Aliás, este pontífice, no dia da Páscoa de 1949, entra para os registros históricos como o primeiro papa a ter um discurso televisionado, organizado pela Radiotelevisão francesa, sendo transmitido para a França. Em 1957, um ano antes de sua morte, promulga a carta encíclica *Miranda Prorsus* (MP), considerada a primeira grande síntese da doutrina da Igreja Católica sobre a comunicação social. Segundo Soares, esta encíclica fornece um programa para uma pastoral dos meios de comunicação³⁵. Nela, o papa analisa e dá instruções para a Igreja sobre o cinema, o rádio e a televisão, evidenciando, já na introdução do texto, as maravilhas trazidas pelos progressos técnicos e reconhecendo-os como dons de Deus. Porém, observa que estes meios “têm poderoso influxo no modo de pensar e agir dos indivíduos e comunidades”³⁶. Ressaltamos que a Igreja Católica, neste momento, volta seu interesse aos meios de comunicação surgidos, na época, pelo avanço da técnica. Para isso, basta observar que a imprensa e jornalismo, tão discutidos outrora, ficam fora deste documento. Nesta encíclica, Pio XII traz uma doutrina cristã a respeito da comunicação: Deus, “antes de se comunicar a Si mesmo na visão beatífica, comunica-se na fé e na caridade que ‘foi difundida nos nossos corações pelo Espírito Santo, que nos foi dado’ (Rm 5,5)”³⁷. Esta fundamentação bíblico-teológica contribui na avaliação e aprofundamento das possibilidades e vantagens no consentimento da Igreja em relação aos meios de comunicação no processo de evangelização. Ainda na *Miranda Prorsus*, Pio XII informa sobre a criação, na Cúria Romana, da Comissão Pontifícia para o Cinema, o Rádio e a TV, em 1954, com o encargo de estudar os problemas relativos a esses meios de comunicação, referentes à fé e à moral. Segundo análise de Soares, esta comissão produz as reflexões que originam a encíclica *Miranda Prorsus*, “com a síntese pré-conciliar do pensamento da Igreja sobre a comunicação social, bem como boa parte das sugestões que formaram o corpo da primeira redação do decreto *Inter Mirifica*, do Vaticano II, dedicado ao tema”³⁸. Ainda com relação à encíclica de 1957, o papa institui São Gabriel

³⁴ “... per il grado di perfezionamento al quale è giunta, la radio è un capolavoro dello spirito inventivo dell'uomo, una meraviglia della tecnica, un prodigio di creazione artistica”. Pio XII, *Con intenso gaudium*, In: BARAGLI, 1973, p. 535.

³⁵ SOARES, 1988, p. 87-88.

³⁶ PIO XII. *Carta Encíclica Miranda Prorsus*: sobre a cinematografia, a rádio e a televisão. 8 set. 1957. Disponível em: https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_08091957_miranda-prorsus.html. Acesso em: 21 mar. 2023.

³⁷ MP, 1957, não-paginado.

³⁸ SOARES, 1988, p. 87.

Arcanjo como padroeiro do telégrafo, do telefone, do rádio e da televisão, pois, nas palavras do pontífice, este arcanjo “levou ao gênero humano ... a tão desejada boa nova da Redenção”³⁹.

Sucedendo Pio XII, temos o papa João XXIII. Este demonstra uma atitude de acolhida e reverência à importância dos meios de comunicação e um incentivo ao seu uso pela Igreja, evidenciados em suas encíclicas *Mater et Magistra*, 1961, e *Pacem in Terris*, 1963.

Até aqui, na relação histórica com os meios de comunicação, observamos uma lenta, mas gradual abertura por parte da Igreja Católica a estes meios, percebendo neles uma eficaz ferramenta para difundir sua missão. Essa relação torna-se mais lúcida e fecunda a partir do Concílio Vaticano II. É o que analisaremos a seguir.

2.2 A comunicação no Magistério Pontifício a partir do Vaticano II

O Concílio Vaticano II é o 21º Concílio Ecumênico da Igreja Católica, sendo convocado por João XXIII, através da bula papal “*Humanae salutis*”⁴⁰, em 25 de dezembro de 1961 e inaugurado por este mesmo papa, em 11 de outubro de 1962. É realizado em quatro sessões, e encerrado no dia 8 de dezembro de 1965, pelo papa Paulo VI.

Este concílio é considerado um marco importante para a atualização da presença e atuação da Igreja Católica na sociedade atual. Como fruto documental desse concílio são publicados 16 documentos, sendo 4 constituições, 3 declarações e 9 decretos. Dentre esses, cinco (a constituição *Gaudium et Spes*, a declaração *Gravissimum Educationis* e os decretos *Ad Gentes*, *Christus Dominus* e *Optatam Totius*), além do decreto *Inter Mirifica*, trazem em seu conteúdo abordagens sobre os meios de comunicação social e sua importância para a sociedade e a missão evangelizadora da própria Igreja. Essas abordagens demonstram, a princípio, uma certa tomada de consciência da Igreja no tocante à relevância e ao potencial dos meios de comunicação na ação pastoral e evangelizadora.

³⁹ MP, 1957, não-paginado.

⁴⁰ JOÃO XXIII. *Constituição Apostólica Humanae Salutis*: para a convocação do Concílio Vaticano II. 25 dez. 1961b. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/apost_constitutions/1961/documents/hf_j-xxiii_apc_19611225_humanae-salutis.html. Acesso: 21 mar 2023.

2.2.1 O Concílio Vaticano II e os meios de comunicação: o decreto *Inter Mirifica*

Observamos que até a realização desse concílio, a comunicação social carecia de um estudo mais profundo e analítico acerca de sua relevância para a pastoral da Igreja Católica. Este cenário passa por uma mudança após a publicação, em 1963, do decreto conciliar *Inter Mirifica* (IM) – o primeiro do Magistério eclesial a versar sobre os meios de comunicação social – e, mais tarde, em 1971, da instrução pastoral *Communio et Progressio* (CP), do Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais. De certa forma, a partir de então, um estudo mais efetivo e uma atenção mais apurada foram dados a este tema no tocante à sua importância estratégica para o projeto evangelizador da Igreja Católica.

Embora o decreto *Inter Mirifica* seja o documento mais breve do Concílio Vaticano II, composto por apenas 24 artigos (dois artigos introdutórios, dez destinados à doutrina, dez à ação pastoral e dois à conclusão)⁴¹, ele é amplamente reconhecido como um marco na comunicação da Igreja. No entanto, conforme observa Soares, sua aprovação foi conturbada e seu texto sofreu ataques de três correntes opositoras – francesa, americana e alemã –, compostas por alguns membros do clero, jornalistas e peritos do concílio. Alguns padres conciliares aderiram ao protesto contrário ao texto, fazendo com que esse decreto fosse, dentre todos os documentos votados no concílio, o que mais recebeu votos contrários à sua aprovação: 503 num total de 2.112⁴². Isso demonstra que ainda havia resistências diante de uma maior abertura e relação mais harmoniosa entre a Igreja Católica e os meios de comunicação. Segundo Puntel, o valor imprescindível deste decreto se deve à aceitação oficial da comunicação por parte da Igreja Católica e à legitimação do uso de seus meios por ela⁴³. Nele é reconhecida a grande importância dos meios de comunicação para o debate no ambiente religioso, bem como o amplo alcance e a significativa influência exercida por esses meios na vida individual, nas multidões e na sociedade em geral. Daí o emprego, em sua introdução, do termo “instrumentos (ou meios) de comunicação social⁴⁴”, integrando o conceito de tecnologia aos atos humanos decorrentes

⁴¹ A intenção originária era de que o concílio promulgasse uma “Constituição” sobre os meios de comunicação; o texto original era composto por 114 artigos. Após estudos e debates, o texto foi resumido em 24 artigos, tornando-se um “Decreto”. BARBEIRA, 2010, p. 33.

⁴² DALE, 1973, p. 165.

⁴³ PUNTEL, Joana T. *Inter Mirifica: recordar por quê?* 14 dez. 2019. Disponível em: <https://pascombrasil.org.br/inter-mirifica-recordar-por-que/>. Acesso em: 23 mar. 2023.

⁴⁴ Em seu trabalho de pesquisa no âmbito da pós-graduação em Comunicação da Unisinos, Gomes ressalta que a expressão “comunicação social” introduzida pela *Inter mirifica* “supera as conotações quanto aos aspectos meramente técnicos, dadas por outras denominações como ‘instrumentos audiovisuais’, *mass media*, ‘técnicas de difusão’, ‘comunicação de massa’ etc”. GOMES, 2010, p. 119.

de seu uso, preocupação primordial da Igreja Católica no serviço pastoral. Assim, a Igreja Católica assume “uma visão mais otimista da comunicação frente às ‘questões sociais’, pois a comunicação não pode reduzir-se a simples instrumentos técnicos de transmissão, mas deve ser considerada como um processo de relacionalidade entre as pessoas”⁴⁵. O decreto também ressalta o direito e a obrigação no uso dos instrumentos de comunicação social por parte da Igreja em seu exercício pastoral, bem como o ensino de sua boa utilização. Afirma o texto:

A Igreja Católica, ...impelida pela necessidade de evangelizar, considera como sua obrigação pregar a mensagem de salvação, com o recurso também dos instrumentos de comunicação social, e ensinar aos homens o seu reto uso. Portanto, compete à Igreja o direito nativo de empregar e possuir toda sorte destes instrumentos, enquanto necessários e úteis à educação cristã e a toda a sua obra de salvação das almas; e aos Sagrados Pastores cabe a tarefa de instruir e dirigir os fiéis, de forma que, também eles, com o auxílio destes meios, logrem seu próprio bem-estar e perfeição, assim como o de toda a família humana⁴⁶.

O *Inter Mirífica* está estruturado em dois capítulos. O primeiro, estabelece diretrizes para a utilização apropriada dos meios de comunicação, delineando as responsabilidades dos destinatários, realizadores, autores e autoridades civis em relação a esses meios. O segundo capítulo, mais centrado na dimensão pastoral, explora a temática “os meios de comunicação social e o apostolado”, promovendo o estímulo ao emprego desses meios por parte de todos os membros da comunidade eclesial.

Segundo análise de Puntel, dentre os avanços trazidos por esse decreto conciliar, podemos citar: apresentação de certa cidadania e independência ao tema da comunicação na Igreja; reconhecimento, por parte da Igreja, do direito da sociedade à informação⁴⁷; valorização da escolha livre e pessoal do fiel ao invés da censura proibitiva; incentivo à necessidade de formação na área da comunicação para sacerdotes, religiosos e leigos; promoção dos meios de comunicação como indispensáveis ao Magistério ordinário e ao serviço da evangelização, incluindo a necessidade de um bom investimento financeiro por parte da Igreja; incentivo ao estabelecimento de um dia anual de formação e oração pelas comunicações; instrução para a

⁴⁵ PUNTEL, 2019, não paginado.

⁴⁶ CONCÍLIO VATICANO II. *Decreto Inter Mirífica*. In: CONCÍLIO VATICANO II. Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos e declarações. 29.ed. Coordenação de Frederico Vier. Petrópolis: Vozes, 2000, n. 1-3.

⁴⁷Esse reconhecimento que aparece no parágrafo 5, configura-se como a mais importante afirmação do decreto, pois entende que o direito à informação é um bem social e denota o início de uma postura de tolerância e abertura da Igreja ao mundo moderno. SOARES, 1988, p. 98.

criação de um secretariado na Santa Sé especializado na questão da comunicação⁴⁸; motivação dos episcopados à implementação da pastoral dos meios de comunicação⁴⁹.

Apesar dos avanços apresentados pela IM, devemos pontuar que esse decreto apresenta um discurso instrumentalista e regulador sobre o uso dos meios de comunicação, bem recorrente ao longo da história da Igreja Católica, não adentrando na complexidade da comunicação em si. Outra crítica recebida pelo decreto é o de ser “clericalista”. Diferentemente de outras comissões do concílio, que convocam especialistas para auxiliá-las, até mesmo fora do catolicismo, a comissão preparatória do IM conta com a presença apenas de padres e bispos, nenhum leigo foi convidado. Soares analisa esse fato levantando a suposição de que isso ocorre pelo motivo de que a Igreja, na necessidade de apresentar um documento sobre os meios de comunicação, julga não ter especialistas que o façam com segurança. Então opta em “falar pouco, sem comprometer-se e delegar a uma comissão a elaboração de uma instrução pastoral mais substancial”⁵⁰. Essa é a gênese da *Communio et Progressio*, tema de análise do próximo tópico.

2.2.2 A instrução pastoral *Communio et Progressio*

Após a realização do Vaticano II e sua proposta de abertura da Igreja à sociedade contemporânea, os debates acerca da comunicação continuam. Como mencionado anteriormente, a mudança no panorama comunicativo da Igreja é atribuída principalmente ao decreto conciliar *Inter Mirifica* e à instrução pastoral *Communio et Progressio*, do Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais. Esta instrução, notável por ser a primeira da Igreja Católica a abordar os meios de comunicação social, foi promulgada pelo papa Paulo VI em 1971, em conformidade com as disposições estabelecidas no número 23 do próprio decreto *Inter Mirifica*:

Para que todos os princípios deste sagrado Concílio e as normas acerca dos meios de comunicação social se levem a efeito, publicar-se-á, por expresse mandato do Concílio e com a colaboração de peritos de várias nações, uma instrução pastoral; a sua publicação ficará a cargo do organismo da Santa Sé, de que se fala no número 19.⁵¹

⁴⁸ Este órgão é criado em 1964, por Paulo VI, através de um *motu proprio* com o nome de Comissão Pontifícia de Comunicações Sociais. PAULO VI. In *Fructibus Multis*. In: DALE, Romeu (org.). *Igreja e Comunicação Social*. São Paulo: Paulinas, 1973, pp. 190-193.

⁴⁹ PUNTEL, 2019, não paginado.

⁵⁰ SOARES, 1988, p. 104-105.

⁵¹ IM, 1963, n. 23.

A instrução pastoral em questão, cujo nome completo é “Instrução pastoral para a aplicação do Decreto do Concílio Ecumênico Vaticano II sobre os meios de comunicação social”, é substancialmente maior do que o decreto conciliar que a determinou. Consta de 187 artigos organizados em três partes.

Em sua introdução e em sua conclusão, esta instrução reconhece que o domínio da comunicação social está sujeito a contínuas mudanças e avanços. Em virtude dessa dinâmica evolutiva, o documento não busca realizar análises pormenorizadas sobre o tema, limitando-se a apresentar, de maneira fundamental, alguns princípios doutrinários e orientações pastorais⁵².

Este escrito apresenta avanços importantes em relação ao decreto IM, tais como: leva em consideração a diversidade de pensamentos contemporâneos e evita discursos moralistas e dogmáticos na abordagem ao tema, deixando transparecer esperança e otimismo; exprime um olhar positivo sobre os meios de comunicação e não como iminente ameaça para a fé e a Igreja; examina o cenário vivido na época, apontando questões sobre o papel das tecnologias da comunicação na sociedade, considerando-as aliadas importantes no entendimento da realidade e na busca de respostas para as questões levantadas:

... deve a Igreja “ler os sinais dos tempos”, ... saber como reagem os nossos contemporâneos, católicos ou não, aos acontecimentos e correntes de pensamento atual. Os meios de comunicação social contribuem para esse conhecimento que a Igreja deseja ter, na medida em que referem e divulgam estas respostas.⁵³

Outro atributo distintivo do referido documento é a exposição de uma análise específica de cada meio de comunicação – imprensa, cinema, rádio, televisão, teatro – delineada no capítulo terceiro da terceira parte. Nessa seção, são apresentados os compromissos e contribuições que os cristãos devem desempenhar em cada um desses meios⁵⁴. Com relação à postura pastoral a ser adotada, orienta:

O lugar que os meios de comunicação social ocupam na vida dos homens, os recursos de que desfrutam, os problemas e interrogações que levantam à consciência cristã, todos estes fatores exigem, por parte da pastoral, atenta consideração; e não só consideração que oriente, mas, sobretudo ação que aproveite e assumam tantas possibilidades.⁵⁵

⁵² CP, 1971, n. 3, 183.

⁵³ CP, 1971, n. 122.

⁵⁴ CP, 1971, n. 135-161.

⁵⁵ CP, 1971, n. 162.

Por outro lado, há críticas ao documento. Estudiosos ressaltam o caráter idealista, apresentado no texto, em relação ao desenvolvimento tecnológico: “trata a mídia como se ela fosse destinada a desenvolver-se em uma sociedade na qual não há tensão interna”⁵⁶. Não há também nesta instrução uma análise sobre a função ideológica dos meios de comunicação, capazes de manipular a opinião pública e exercer influência em favor dos detentores do poder.

2.2.3 *Redemptoris missio* e a transformação de pensamento

Observamos, até então, uma lenta, porém progressiva evolução do pensamento do Magistério da Igreja acerca dos meios de comunicação. No entanto, essa reflexão restringe a comunicação como “meio” ou “instrumento” de divulgação de materiais, notícias, ideias etc.

Segundo Puntel, esse cenário de compreensão passa por uma verdadeira “revolução” com a publicação da carta encíclica *Redemptoris Missio* (RM)⁵⁷, que não é um documento sobre comunicação, mas aborda a validade permanente do mandato missionário da Igreja no mundo atual⁵⁸. Neste documento, de autoria do papa João Paulo II, é dado um importante passo na compreensão da relação entre a Igreja Católica e os meios de comunicação. Esta encíclica oferece uma perspectiva da comunicação não meramente como um “meio”, mas como um “ambiente” no qual os indivíduos estão imersos, formando assim uma cultura distinta – a cultura midiática. Ao designar as comunicações como o principal areópago dos tempos modernos, enfatiza a importância desse domínio na sociedade, reconhecendo-o como um ambiente a ser evangelizado.

O primeiro areópago dos tempos modernos é o *mundo das comunicações*, que está a unificar a humanidade, transformando-a – como se costuma dizer – na “aldeia global”. Os meios de comunicação social alcançaram tamanha importância que são para muitos o principal instrumento de informação e formação, de guia e inspiração dos comportamentos individuais, familiares e sociais. Principalmente as novas gerações crescem num mundo condicionado pelos mass-mídia. Talvez se tenha descuidado um pouco este areópago: deu-se preferência a outros instrumentos para o anúncio evangélico e para a formação, enquanto os mass-mídia foram deixados à iniciativa de

⁵⁶ PUNTEL, 2005, p. 128.

⁵⁷ Lembramos que em 1989, ano anterior à publicação da RM, a CNBB propõe para o Brasil a Campanha da Fraternidade com o tema “A Fraternidade e a comunicação”, e o lema “Comunicação para a verdade e a paz”. Esta campanha traz como objetivo geral: “Despertar a consciência crítica do receptor no uso da mídia, como atitude interior necessária para a comunicação da verdade e da paz. Quer também conscientizar os receptores sobre seu papel de agentes de influência na orientação de programas nos meios de comunicação”. CNBB, *Campanha da Fraternidade 1989*. Disponível em: <https://campanhas.cnbb.org.br/campanha/fraternidade1989>. Acesso em: 15 out. 2023. Esta campanha é importante, pois coloca a comunicação na pauta de discussão da Igreja Católica, no Brasil, apresentando a necessidade de se estabelecer uma relação sólida entre comunicação e Igreja.

⁵⁸ PUNTEL, 2005, P. 131-132.

particulares ou de pequenos grupos, entrando apenas secundariamente na programação pastoral. O uso dos mass-mídia, no entanto, não tem somente a finalidade de multiplicar o anúncio do Evangelho: trata-se de um fato muito mais profundo porque a própria evangelização da cultura moderna depende, em grande parte, da sua influência. Não é suficiente, portanto, usá-los para difundir a mensagem cristã e o Magistério da Igreja, mas é necessário integrar a mensagem nesta “nova cultura”, criada pelas modernas comunicações. É um problema complexo, pois esta cultura nasce, menos dos conteúdos do que do próprio fato de existirem novos modos de comunicar com novas linguagens, novas técnicas, novas atitudes psicológicas. O meu predecessor Paulo VI dizia que “a ruptura entre o Evangelho e a cultura é, sem dúvida, o drama da nossa época”; e o campo da comunicação moderna confirma plenamente este juízo...⁵⁹

Esse novo entendimento passa a nortear os documentos eclesiais a partir de então. Há uma ampliação do foco de atuação da Igreja Católica no campo comunicacional, passando de uma fase de concepção de “uso” para uma fase de busca de aquisição do modo de “habitar” esse novo ambiente, fazendo uso da linguagem presente na cultura digital.

2.2.4 As mensagens para o Dia Mundial das Comunicações Sociais

Após a publicação da *Communio et Progressio*, em 1971, a Igreja Católica passou mais de duas décadas sem publicar documentos sobre a temática da comunicação. Isso ocorre somente em 1992, quando o papa João Paulo II promulga a instrução pastoral *Aetatis novae*⁶⁰, escrita pelo Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais em comemoração aos 20 anos da CP.

Neste período, porém, ocorrem profundas transformações no campo da tecnologia e dos meios de comunicação. Com a evolução da engenharia computacional, houve a passagem da era analógica para a era digital, provocando grandes avanços nesta área.

Como mencionado anteriormente, apesar de não haver publicações de documentos sobre a comunicação, é possível acompanhar parte do posicionamento oficial da Igreja Católica em

⁵⁹ RM, 1990, n. 37c.

⁶⁰ Esta instrução pastoral traz elementos de atualização da CP. Mostra a relevância da comunicação para todo o trabalho de evangelização da Igreja; incentiva e encoraja as dioceses e conferências episcopais a tratarem os meios de comunicação em seus planos de pastorais; apresenta princípios e perspectivas pastorais para uma eficiente pastoral da comunicação. PONTIFÍCIO CONSELHO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS. *Instrução Pastoral Aetatis Novae: sobre as Comunicações Sociais no vigésimo aniversário da Communio et Progressio*. 22 fev. 1992, n.21. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_22021992_aetatis_po.html#. Acesso em: 20 mar. 2023. Esta abordagem da *Aetatis Novae*, foi inspiração, no Brasil, para o reconhecimento da Pascom (Pastoral da Comunicação) – no Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil – como eixo transversal de todas as pastorais da Igreja, tendo como missão animar, articular e irradiar ações próprias do campo da comunicação com sentido pastoral voltadas para a ação evangelizadora eclesial. Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil, 2023, n. 323-343.

relação a este assunto por meio da análise das Mensagens para o Dia Mundial das Comunicações Sociais. Este dia comemorativo foi proposto pelo decreto *Inter Mirifica*, do Concílio Vaticano II⁶¹. Assim, a cada ano, por ocasião deste dia, desde 1967, o papa escreve uma mensagem abordando algum aspecto importante dos meios de comunicação. Analisaremos, em linhas gerais, estes escritos a seguir. Nesta parte da pesquisa, focaremos exclusivamente nas contribuições advindas das mensagens de Paulo VI e João Paulo II. Devido a considerações metodológicas, as perspectivas de Bento XVI e Francisco presentes em suas Mensagens para o Dia Mundial das Comunicações Sociais são apresentadas no decorrer deste estudo⁶².

2.2.4.1 Paulo VI – 1967 a 1978

O papa Paulo VI inaugura as mensagens para o Dia Mundial das Comunicações Sociais em 1967. Este pontífice escreve ao todo 12 mensagens, indo até o ano 1978⁶³. Característica que perpassa todos estes escritos é o contraponto entre a perspectiva positiva dos MCS e, respectivamente, seus desafios. Este papa entende os MCS como um avanço e desígnio de Deus, colocando-os como a característica mais marcante da civilização atual. Admite que afetam a convivência humana, superam a questão do tempo e espaço, são iniciadores de uma transformação social e cultural que também interfere no modo de viver a fé. Devido ao fato de exercerem influência na opinião pública, no modo de pensar e agir das pessoas, são motivo também de preocupação e incerteza, devendo ser empregados com responsabilidade e reta intenção.

Com relação à escolha dos temas dessas mensagens, Paulo VI escreve sobre perspectivas singulares da vasta gama de problemáticas da comunicação, abordando assuntos bem práticos da vivência humana. Assim, traz para o debate a relação dos MCS com: o progresso humano, a família, a juventude, a unidade dos homens, o serviço à vida, a promoção

⁶¹ IM, 1963, n. 18.

⁶² O papa Bento XVI escreve 8 mensagens, entre os anos de 2006 a 2013. Ressaltamos que em 2009, pela primeira vez, com a mensagem intitulada “Novas tecnologias, novas relações. Promover uma cultura de respeito, de diálogo, de amizade”, Bento XVI escreve sobre a tecnologia digital, onde reconhece sua importância e influência transformadora na sociedade, sobretudo entre os jovens, a quem denomina “geração digital”. BENTO XVI, 2009. In: PAULO VI; JOÃO PAULO II; BENTO XVI; FRANCISCO, 2017, p. 210-214. Já o papa Francisco inicia a escrita dessas mensagens no ano de 2014, mantendo a tradição de seus antecessores de publicar uma mensagem a cada ano.

⁶³ PAULO VI; JOÃO PAULO II; BENTO XVI; FRANCISCO, 2017, p. 13-63.

dos valores espirituais, a evangelização no mundo contemporâneo, a reconciliação, os direitos e deveres do homem, a publicidade e os receptores da comunicação.

Alguns aspectos que chamam a atenção nessas mensagens: já na década de 60, ao analisar a questão da família, o papa alerta que os MCS podem isolar as pessoas em vez de uni-las, profetizando que “na sociedade do futuro o poder da influência destas novas técnicas crescerá sempre mais”⁶⁴; observa uma tensão entre a cultura tradicional (família, escola, Igreja) e as novas fontes de cultura na formação da sociedade; apela para a responsabilidade dos destinatários da comunicação no sentido de se formarem, desenvolverem um sentido crítico e uma postura ativa diante do que lhes é apresentado; alerta para o risco do consumismo incentivado pela publicidade. No contexto da evangelização, embora reconheça que os MCS não desempenham exclusivamente uma função instrumental, é sob essa perspectiva que os aborda. Apresenta um estímulo à Igreja para que faça uso de todas as ferramentas disponíveis com o intuito de alcançar esse propósito, reconhecendo a inviabilidade de realizar a evangelização na contemporaneidade sem a utilização desses meios⁶⁵. Contudo, o papa também admite as dificuldades enfrentadas pelo clero e pelos profissionais católicos, decorrentes da novidade desse setor de comunicação e das restrições financeiras para investimentos.

2.2.4.2 João Paulo II – 1979 a 2005

O papa João Paulo II até então é o que mais mensagens escreveu para o Dia Mundial das Comunicações Sociais. Ao todo foram 27 mensagens, compreendendo os anos de 1979 a 2005⁶⁶.

O pontificado desse papa passou por um período de grande e veloz evolução tecnológica na qualidade e alcance dos instrumentos de comunicação. Foi o período do surgimento e rápida

⁶⁴ PAULO VI. *3º Dia Mundial das Comunicações Sociais: Comunicações sociais e família*. 7 abr. 1969. In: PAULO VI; JOÃO PAULO II; BENTO XVI; FRANCISCO. *Mensagens Dia Mundial das Comunicações Sociais: 1967-2017*. Brasília: Edições CNBB, 2017, n. 8, p. 23.

⁶⁵ Em 1974, a Igreja Católica realiza o Sínodo dos Bispos sobre a Evangelização. Neste ano, Paulo VI destina a mensagem do 8º DMSC ao tema: “As comunicações sociais e a evangelização no mundo contemporâneo”. Como desdobramento das deliberações do Sínodo, o Papa Paulo VI promulgou, em 8 de dezembro de 1975, a Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* (EN), coincidindo com o décimo aniversário da *Gaudium et Spes*. A Igreja reitera que a evangelização constitui uma parte intrínseca de sua missão. O documento destaca que o cerne da evangelização é a fidelidade à mensagem da qual a Igreja é servidora e às pessoas às quais ela deve transmitir de forma íntegra e vibrante esta mensagem. Ainda sobre a evangelização na EN, o papa afirma: “importa evangelizar, não de maneira decorativa, como que aplicando um verniz superficial, mas de maneira vital, em profundidade e isto até às suas raízes, a civilização e as culturas do homem” (EN, n. 20).

⁶⁶ PAULO VI; JOÃO PAULO II; BENTO XVI; FRANCISCO, 2017, p. 64-196.

popularização do telefone celular, passando de uma fase analógica (1G) nos anos 1980, para a tecnologia 2G (geração dos chips), em 1990, e 3G (acesso a funções digitais), início dos anos 2000; atualmente experimentamos a tecnologia 4G e estamos presenciando a implantação e uso da 5G, sendo que as pesquisas para o desenvolvimento da geração 6G das redes móveis já tiveram início. Época também da popularização das antenas parabólicas, a partir de 1990, possibilitando a recepção de TV via satélite. Com o intuito de ilustrar a rápida evolução desses dispositivos, João Paulo II, em 1993, dedicou sua mensagem ao 27º DMCS ao tema “Videocassete e audiocassete na formação da cultura e da consciência”, analisando os então considerados “novos meios” de comunicação audiovisuais⁶⁷. Esses meios, ainda antes dos anos 2000, foram substituídos pelo DVD (*Digital Versatile Disc*) e CD (*Compact Disc*), os quais, por sua vez, praticamente desapareceram do mercado atual, que é agora predominantemente dominado por plataformas digitais de streaming⁶⁸ para filmes, séries e músicas. Durante o pontificado de João Paulo II, também se observou um significativo progresso na informática, marcado pelo início da expansão da internet.

O papa, através de suas mensagens, acompanha esse desenvolvimento dos MCS⁶⁹. Retoma algumas temáticas abordadas por seu antecessor, como juventude, família, progresso e unidade. Traz assuntos novos para a discussão, como o papel dos meios de comunicação para o desenvolvimento da criança, promoção da mulher, a liberdade do homem, os idosos, a formação da opinião pública, evangelização, fé e religião, entre outros.

João Paulo II apresenta uma perspectiva otimista e esperançosa em relação às potencialidades dos meios de comunicação para a Igreja, definindo-os como “maravilhosos instrumentos para a difusão do Evangelho”. Contudo, ele também ressalta os riscos associados

⁶⁷ JOÃO PAULO II. 27º *Dia Mundial das Comunicações Sociais: Videocassete e audiocassete na formação da cultura e da consciência*. 24 jan. 1993. In: PAULO VI; JOÃO PAULO II; BENTO XVI; FRANCISCO, 2017, pp. 137-140.

⁶⁸ “Streaming é a tecnologia instantânea que permite assistir a vídeos e escutar música sem a necessidade de download. Ou seja, a transmissão de dados de áudio ou vídeo é feita em tempo real do servidor para o dispositivo, como celular, notebook ou smart TV... Entre os principais, destacam-se Netflix, Spotify, Globoplay, HBO Max, Disney+, Discovery+, Amazon Prime Video”, entre outros. (FIRMINO, Jonathan; FARIA, Arícia. *O que é streaming? Saiba o que significa e quais plataformas existem*. 5 set. 2023. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/guia/2023/09/o-que-e-streaming-saiba-o-que-significa-e-quais-plataformas-existem-streaming.ghtml>. Acesso em: 6 set. 2023).

⁶⁹ Corazza e Puntel, na obra “Os papas da comunicação”, observam que João Paulo II tinha uma acentuada relação com a mídia, abordando o tema da comunicação em outros escritos no decurso de seu pontificado. As autoras ressaltam que foi durante o seu papado que o “Pontifício Conselho para as Comunicações publicou os documentos: Pornografia e Violência nas Comunicações Sociais - uma Resposta Pastoral (1989); *Redemptoris Missio* (Papa João Paulo II, 1990); *Aetatis Novae* (1992); Ética da Publicidade (1997); Ética nas Comunicações Sociais (2000); Igreja e Internet e Ética e Internet (2002); O Rápido Desenvolvimento (Papa João Paulo II, 2005)”. CORAZZA, Helena; PUNTEL, Joana T. *Os papas da comunicação: estudo sobre as mensagens do Dia Mundial das Comunicações*. São Paulo: Paulinas, 2019, p. 66. (Coleção Pastoral da Comunicação: teoria e prática).

a uma utilização inadequada desses meios. Nesse contexto, o pontífice faz um apelo aos responsáveis pelos meios de comunicação, instando-os a estar conscientes da significativa influência que exercem sobre a população, e os encoraja a desempenhar sua missão como promotores dos valores de liberdade, justiça, paz e verdade. Adicionalmente, o papa convoca os receptores da comunicação a desenvolverem discernimento e espírito crítico, capacitando-se a adotar uma postura ativa e lúcida diante do conteúdo apresentado, em vez de assimilarem passivamente a mensagem transmitida.

O pontífice traz contribuições muito pertinentes e interessantes na interação entre comunicação, Igreja e sociedade. Afirma que o futuro de nossa civilização depende da relação estabelecida entre cultura, fé e comunicação. Em sua mensagem de 1985, “As comunicações sociais e a promoção cristã da juventude”, João Paulo II afirma estar na época tecnocrônica, indicando a crescente interação entre tecnologia e eletrônica. Concomitantemente à menção do jornal, livro, disco, filme, rádio, televisão e videocassete, o papa introduz, pela primeira vez em uma mensagem para o Dia Mundial das Comunicações Sociais, o computador como uma fonte significativa, através da qual os jovens estabelecem contato com a realidade externa e vivenciam seu cotidiano. Desde esse período, ele já alerta para a emergência de uma “vídeo dependência”, expressão utilizada para descrever o aumento da “influência que os meios de comunicação social, com sua carga de sugestão e modernidade, têm sobre os jovens”⁷⁰.

De acordo com João Paulo II, a Igreja e seus agentes devem acolher o desafio das novas descobertas tecnológicas e expandir seus esforços de comunicação, utilizando de maneira criativa as novas tecnologias e explorando linguagens mais eficazes, a fim de maximizar o impacto da mensagem evangélica. Com base na exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi*, de Paulo VI, afirma que os cristãos possuem o direito e o dever de utilizar, para fins de evangelização, todos os novos meios de comunicação que caracterizam a nossa época. Observa também que as telecomunicações computadorizadas proporcionam uma comunicação mais ágil, acesso amplo e imediato ao conhecimento, fortalecimento dos laços de unidade e permitem à Igreja aprofundar o diálogo com a sociedade contemporânea, ouvir mais claramente a opinião pública e debater com o mundo ao seu redor.

Ampliando a visão do uso simplesmente instrumentalista dos meios de comunicação social pela Igreja, João Paulo II constata que eles emergem como o novo e mais importante “areópago” do mundo contemporâneo, um fórum amplo que, quando utilizado de maneira

⁷⁰ JOÃO PAULO II. *19º Dia Mundial das Comunicações Sociais: As comunicações sociais e a promoção cristã da juventude*. 15 abr. 1985. In: PAULO VI; JOÃO PAULO II; BENTO XVI; FRANCISCO, 2017, n.4, p. 99.

eficaz, possibilita a troca de informações precisas, ideias construtivas e valores saudáveis, promovendo assim a formação de comunidades. Este é um desafio para a Igreja, que deve não apenas utilizar os meios de comunicação para disseminar o Evangelho, mas também integrar a mensagem evangélica à “nova cultura”. Cultura em constante evolução, criada pela comunicação moderna, com suas “novas linguagens”, técnicas inovadoras e novas abordagens psicológicas⁷¹. O papa reconhece que, na Igreja, esse areópago foi negligenciado: outros instrumentos foram priorizados para o anúncio evangélico e para a formação, enquanto os MCS foram deixados à iniciativa de indivíduos ou pequenos grupos, desempenhando apenas um papel secundário na programação pastoral.

Em sua mensagem de 2002, cujo título é “Internet: um novo foro para a proclamação do Evangelho”, o pontífice inaugura o termo “internet” nas mensagens para o Dia Mundial das Comunicações Sociais, apresentando importantes contribuições ao debate sobre o tema. Reconhece o espaço cibernético como uma nova fronteira aberta no início do milênio e exorta ao uso de seu imenso potencial na evangelização. Adverte sobre os riscos associados à prática exclusiva da fé por meio da internet, embora reconheça o potencial auxílio oferecido por ela nesse contexto:

É óbvio que, apesar de a internet nunca poder substituir aquela profunda experiência de Deus, que só a vida concreta, litúrgica e sacramental da Igreja pode oferecer, ela pode certamente contribuir com um suplemento e um apoio singulares, tanto preparando para o encontro com Cristo na comunidade, como ajudando o novo crente na caminhada de fé, que então tem início⁷².

Assim, a Igreja Católica chega ao terceiro milênio tendo plena consciência da importância que a mídia alcança na vida humana e de seu impacto na sociedade atual, reconhecendo seu papel fundamental na formação da opinião pública e na disseminação de informações. Os MCS não apenas influenciam profundamente as culturas, mas são capazes de criá-las. Assim, o Magistério da Igreja Católica está ciente da necessidade de estabelecer um diálogo construtivo com eles, baseado no respeito mútuo e na busca pelo bem comum, para promover valores positivos e contribuir para o bem-estar da sociedade.

⁷¹ JOÃO PAULO II. *32º Dia Mundial das Comunicações Sociais: Sustentados pelo Espírito, comunicar a esperança*. 24 jan. 1998. In: PAULO VI; JOÃO PAULO II; BENTO XVI; FRANCISCO, 2017, n.5, p. 163.

⁷² JOÃO PAULO II. *36º Dia Mundial das Comunicações Sociais: Internet, um novo foro para a proclamação do Evangelho*. 24 jan. 2002. In: PAULO VI; JOÃO PAULO II; BENTO XVI; FRANCISCO, 2017, n.3, p. 180.

2.3 O Magistério episcopal latino-americano e caribenho sobre a comunicação

A América Latina, área preponderantemente cristã, é caracterizada por uma história permeada por episódios intensos e dolorosos de opressão, que abrangem manifestações de injustiça social, pobreza e miséria. Ademais, a região vivenciou períodos de regimes autoritários, notadamente as ditaduras civil-militares, as quais exerceram restrições severas sobre as liberdades civis e coletivas, contrariando os princípios democráticos. Em virtude dessas circunstâncias, a evangelização orientada para a transformação social e a tradição eclesial profética e libertadora têm sido características marcantes do engajamento da Igreja Católica na América Latina ao longo de décadas.

Devido a estas características bem peculiares, todo esse movimento comunicacional provocado pelo Vaticano II também encontra eco na Igreja Católica latino-americana, apresentando, porém, contornos bem específicos.

Puntel, ao examinar a história da comunicação da Igreja Católica, identifica cinco fases⁷³. Nesta análise da autora, ela afirma que a quarta fase dessa divisão refere-se à América Latina, depois de Puebla e:

...distingue-se pelo “reencontro do povo pela Igreja”. Revela uma “redescoberta da comunicação, em toda a sua plenitude”. Acontece, então, a superação do “deslumbramento ingênuo”. A Igreja adota uma postura crítica, iniciando por repensar a comunicação e por deixar de “acreditar que a tecnologia pode resolver os problemas da ação evangélica”. A Igreja busca novos padrões (é o tempo forte das comunidades eclesiais de base) pelos quais incentiva e respalda experiências de comunicação do próprio povo, providenciando e facilitando para que seus próprios meios sejam a voz dos que não têm voz. É o momento em que se estimula a criação de meios populares de comunicação, pois vivia-se sob a ditadura militar.⁷⁴

Analisando os cinco documentos conclusivos das conferências gerais do Conselho Episcopal Latino-Americano (Celam)⁷⁵, Alvarenga identifica “indicações bastante claras sobre as perspectivas que sustentam a compreensão geral e o pensamento da Igreja Católica a respeito

⁷³ 1ª fase (a partir da invenção da imprensa, século XV): confronto da instituição eclesial com os meios de comunicação, caracterizado pelo uso da censura e repressão; 2ª fase: aceitação desconfiada, por parte da Igreja Católica, dos novos meios de comunicação; 3ª fase (Vaticano II): devido à velocidade das transformações sociais e tecnológicas, há um esforço de adaptação ao mundo contemporâneo por parte da instituição religiosa, assumindo a ideia da necessidade de utilização dos meios de comunicação para a evangelização; 4ª fase: refere-se à América Latina, depois da conferência do episcopado latino-americano, em Puebla; 5ª fase (após encíclica *Redemptoris missio*, 1990): mudança profunda na reflexão do Magistério eclesial em relação ao mundo da comunicação. PUNTEL, 2005, p. 130-131.

⁷⁴ PUNTEL, 2005, p.130-131.

⁷⁵ Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano: 1955 – Rio de Janeiro (Brasil); 1968 – Medellín (Colômbia); 1979 – Puebla (México); 1992 – Santo Domingo (República Dominicana); 2007 – Aparecida (Brasil).

da comunicação na América Latina e no Caribe”⁷⁶. Segundo este autor, pelo menos três tendências ou visões comunicacionais se destacam:

A primeira tendência está ligada à dinâmica da comunicação para a transformação social, com foco no protagonismo e engajamento em questões sociais. A segunda diz respeito à comunicação na perspectiva instrumental e de massa, a serviço das atividades de evangelização e promoção da doutrina católica, e a terceira tendência corresponde à comunicação como prática de construção da imagem organizacional da instituição⁷⁷.

A primeira tendência compreende a comunicação como um processo social, muito além do uso de técnicas e meios. Essa tendência comunicacional, presente nos documentos do Celam, “é um processo de diálogo e debate que tem suas bases na tolerância, no respeito, na equidade e na justiça social, onde a participação ativa de todos é indispensável”⁷⁸. Segundo esse entendimento, o foco está na comunicação participativa, e o receptor da comunicação não é totalmente passivo, pois há uma iniciativa por parte dele de resistência à manipulação. A comunicação é vista como uma chave para a transformação social, primando pela valorização das comunidades locais, promovendo a democratização. Alvarenga, em seu estudo, identifica três núcleos de sentido nos documentos do Celam: movimentos em grupo, comunidades de base e meios de comunicação grupais; processos de formação e educação popular para o uso crítico dos meios de comunicação; e debates sobre os processos de democratização e descentralização dos meios de comunicação⁷⁹.

A segunda tendência de comunicação na América Latina é a utilização dos meios de comunicação para a propagação da fé. Essa tendência parte da identificação, por parte da Igreja institucional, do impacto causado pelas novas tecnologias comunicacionais na sociedade – sobretudo na formação da opinião pública – e do reconhecimento da importância e necessidade dos meios de comunicação para a missão evangelizadora e difusão da doutrina católica. Essa tendência caracteriza-se pela abordagem instrumental e massiva desses meios. O Documento de Aparecida (DA), quando trata da Pastoral da Comunicação Social, cita, dentre os compromissos dos bispos nesta área:

Apoiar e otimizar, por parte da Igreja, a criação de meios de comunicação social próprios, tanto nos setores televisivos e de rádio, como nos sites de Internet e nos meios impressos;

⁷⁶ ALVARENGA, Ricardo. *A Comunicação da Igreja Católica na América Latina: o que nos ensinam os documentos do Celam*. São Paulo: Paulus, 2023, p. 17. (Coleção *Ecclesia Digitalis*).

⁷⁷ ALVARENGA, 2023, p. 17.

⁷⁸ ALVARENGA, 2023, p.93.

⁷⁹ ALVARENGA, 2023, p. 94-106.

Estar presente nos meios de comunicação de massa: imprensa, rádio e TV, cinema digital, sites de Internet, fóruns e tantos outros sistemas para introduzir neles o mistério de Cristo. (DA, n.486d e 486e)

Ainda em relação a esta segunda tendência, segundo Alvarenga, ao analisar os cinco documentos conclusivos das conferências latino-americanas, é possível identificar elementos homogêneos que apontam para a presença de dois núcleos de significado: aspiração permanente da Igreja Católica no emprego dos meios de comunicação como meio de expansão da abrangência de sua mensagem; e motivação à capacitação técnica de padres, seminaristas, religiosos e agentes de pastoral, visando a utilização mais eficaz dos meios de comunicação⁸⁰.

Por fim, a terceira tendência ou visão comunicacional da Igreja latino-americana está relacionada à comunicação para a construção da imagem organizacional. Essa tendência analisa a comunicação como um processo dinâmico e contínuo – reflete a interação constante entre os indivíduos e a sociedade – que permeia as atividades de qualquer organização. Assim, não é apenas um elemento dentro de uma organização, mas uma parte indissociável dela.

As conferências latino-americanas revelam, na visão de Alvarenga, três núcleos de sentido com relação a esta terceira tendência comunicacional: potencialização da comunicação entre os bispos e as igrejas do território; preocupação com o impacto dos meios de comunicação na formação da opinião pública sobre a instituição; e a importância da integração entre as ações de comunicação da Igreja⁸¹.

Concluindo este capítulo, nota-se que a análise do histórico envolvimento da Igreja Católica com a comunicação e a evangelização revela uma evolução notável de postura ao longo do tempo. A transição gradual da condenação e autodefesa para uma abertura receptiva destaca-se como uma característica marcante desse percurso. No entanto, ao examinar os documentos, é evidente uma preocupação recorrente em todos os pronunciamentos da Igreja Católica: a maneira como as pessoas utilizam os meios de comunicação. A Igreja tem ressaltado a ambivalência dos meios de comunicação social, destacando tanto sua possibilidade para o bem quanto para o mal. Essa temática é recorrente em todos os textos eclesiais ao longo dos anos, embora a abordagem dessa questão tenha evoluído ao longo do tempo. Enquanto no passado a Igreja recorreu a métodos considerados inaceitáveis nos dias de hoje, como a censura, atualmente adota uma abordagem mais conciliatória, procurando conscientizar a sociedade sem impor seus valores. Ao seguir essa análise, torna-se claro que o foco do julgamento da Igreja

⁸⁰ ALVARENGA, 2023, p. 118-119.

⁸¹ ALVARENGA, 2023, p. 129-145.

sempre recai sobre as mensagens veiculadas e não sobre os meios em si. Portanto, é importante destacar que seria inadequado avaliar a relação da Igreja com os meios de comunicação apenas à luz da censura e das proibições do passado.

Mesmo em períodos de embate, a Igreja Católica nunca deixou de empregar a comunicação como elemento essencial à sua existência, manifestando-se através das estruturas físicas dos templos, na liturgia e na transmissão de tradições ao longo dos séculos. Ao explorar o Magistério Pontifício, observamos o impacto significativo do Concílio Vaticano II e a transformação de pensamento impulsionada por documentos como o decreto *Inter Mirifica*, a instrução pastoral *Communio et Progressio* e a *Redemptoris Missio*. As mensagens para o Dia Mundial das Comunicações Sociais, destacando os pronunciamentos de Paulo VI e João Paulo II, fornecem uma compreensão mais aprofundada da visão da Igreja em relação aos meios de comunicação. Além disso, a atenção dedicada ao Magistério episcopal latino-americano e caribenho enriquece nossa compreensão, evidenciando perspectivas e contribuições específicas dessa região na dinâmica da comunicação eclesial. Em suma, este capítulo destaca a complexidade e riqueza da interação entre Igreja, comunicação e evangelização, sublinhando como esses elementos são moldados ao longo do tempo, influenciando a missão e presença da Igreja no contexto contemporâneo.

O próximo e último capítulo de nossa investigação assume uma relevância central ao examinar a abordagem da cultura digital nas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora (DGAE) 2019-2023, destacando os desafios particulares enfrentados pela pastoral católica na Igreja do Brasil nesse contexto. Visa apresentar luzes e aprofundar a compreensão para que a Igreja Católica, em contexto brasileiro, possa enfrentar de forma eficaz os desafios de evangelização concernentes à cultura digital.

3 A INFOPASTORAL: UM EXAME A PARTIR DAS DGAE

No transcurso da presente dissertação, os capítulos anteriores foram dedicados à análise da interseção entre a Igreja Católica e os meios de comunicação, em geral, e a cultura digital, em particular, destacando os desafios e oportunidades inerentes a esse contexto dinâmico. Neste terceiro e último capítulo, voltaremos nossa atenção para a abordagem das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (DGAE) à cultura digital.

As DGAE constituem um instrumento significativo que orienta a ação pastoral da Igreja no Brasil, fundamentando-se em um estudo aprofundado do contexto histórico em que estão inseridas. Essa análise cuidadosa da realidade fornece subsídios para identificar os desafios e perspectivas da evangelização ao longo de um período de quatro anos, além de sugerir orientações práticas para as Igrejas particulares.

Inicialmente, apresentamos uma abordagem histórica sobre o surgimento das DGAE. Em seguida, à luz dos elementos destacados nos capítulos anteriores e em diálogo com teóricos da “infopastoral”, enfatizamos alguns apelos para a ação evangelizadora da Igreja no Brasil, emergentes da nova cultura digital. Este processo ocorre por meio de um estudo que examina como as atuais DGAE 2019-2023 abordam – ou deixam de abordar – o ambiente digital na missão evangelizadora da Igreja Católica no Brasil, um tema de grande relevância para a ação pastoral. Ao analisar a estrutura, dinâmica e, especialmente, a presença do mundo digital nas DGAE, este capítulo oferece uma compreensão mais profunda e uma análise mais abrangente e contextualizada das orientações eclesiais frente ao desafio da cultura digital.

Na seção subsequente, concentramos nosso estudo no planejamento pastoral na cultura digital, destacando sua relevância estratégica para a atuação da Igreja Católica no cenário digital contemporâneo.

3.1 Breve histórico

A gênese da história das DGAE acontece antes mesmo da realização do Concílio Vaticano II. Sua inspiração vem de um discurso proferido pelo papa João XXIII aos cardeais, arcebispos e bispos participantes na terceira reunião do Conselho Episcopal Latino-Americano, datado de 15 de novembro de 1958. Na ocasião, o papa, analisando os desafios enfrentados pela Igreja neste território, conclama o episcopado a empreender um esforço conjunto e ordenado

de estudos para viabilizar a elaboração de um programa de ação consistente no intuito de dar uma resposta eficaz a tais desafios¹. Tal empreitada deveria ter como elementos:

Uma visão clara da realidade das coisas, em todos os seus aspectos, no seu progresso e nas suas possíveis regressões; dos objetivos a propor; das possibilidades, das dificuldades, dos caminhos mais adequados para alcançá-las; (...) um plano de ação que adere à realidade, prudente nas suas intenções, racional na escolha dos meios a utilizar; (...) sem se deixar desarmar pelas dificuldades; sem desanimar pela lentidão do sucesso ou da desilusão parcial; prontos a rever os programas para os adaptar a situações alteradas ou corrigir quaisquer defeitos².

Somado ao conteúdo deste discurso de 1958, o Papa João XXIII, em 8 de dezembro de 1961, escreve uma carta ao episcopado da América Latina pedindo uma ação concreta dos bispos frente aos “perigos que ameaçam a fé e a vida católicas destas nações”³.

Atendendo a este anseio de João XXIII em preparar a Igreja para uma transformação profunda, é elaborado para o nosso país um Plano Emergencial⁴, fruto da V Assembleia Ordinária da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), ocorrida de 2 a 5 de abril de 1962, no Rio de Janeiro. Embora tenha sido considerado “uma tentativa rápida e meio amadora de plano”⁵, é reconhecido como o primeiro documento de planejamento pastoral elaborado pela CNBB para todo o Brasil. Este plano lança um olhar sobre a realidade paroquial e o ministério sacerdotal, trazendo ainda orientações para as escolas católicas, a Pastoral de Conjunto e o contexto socioeconômico. Nesta época, a CNBB tem dom Hélder Câmara como secretário-geral e dom Jaime de Barros Câmara como presidente⁶.

Entre os anos de 1962 e 1965, acontece o Concílio Vaticano II, 21º Concílio Ecumênico da Igreja Católica. Convocado pelo papa João XXIII, no intuito de promover uma profunda

¹ JOÃO XXIII, Papa. *Discurso do Papa João XXIII aos cardeais, arcebispos e bispos participantes na terceira reunião do Conselho Episcopal Latino-Americano*. 15 nov. 1958. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-xxiii/it/speeches/1958/documents/hf_j-xxiii_spe_19581115_america-latina.html. Acesso em: 17 mar 2023.

² JOÃO XXIII, 1958.

³ JOÃO XXIII. *Carta do Papa João XXIII ao Episcopado da América Latina*. 8 dez. 1961a. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-xxiii/es/letters/1961/documents/hf_j-xxiii_let_19611208_ad-dilectos.html. Acesso em: 22 mar. 2023.

⁴ Este plano é considerado um marco histórico na pastoral de conjunto da Igreja no Brasil e da própria história dos planejamentos pastorais e da vida da CNBB. Devido a isso, para torná-lo mais conhecido e acessível a todos, a CNBB reeditou, em 2004, o texto original destes escritos na série dos seus documentos, sendo ele o de número 76.

⁵ QUEIRÓS, Dom Antônio Celso de. *Compreendendo as diretrizes*. nov-dez 2008. Disponível em: <https://www.vidapastoral.com.br/artigos/documentos-e-concilios/compreendendo-as-diretrizes/>. Acesso em: 17 mar 2023.

⁶ CÂMARA, Hélder. Apresentação. In: CNBB. *Documento 76: Plano de Emergência para a Igreja do Brasil*. p. 10. Disponível em: https://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20130906183649.pdf. Acesso em 18 mar. 2023.

atualização da Igreja com a realidade vivida⁷, este concílio é um marco renovador para a Igreja Católica. Diante dessa grande riqueza conciliar, os bispos do Brasil decidem fazer um plano para sintonizar o agir da Igreja e viabilizar a prática das novas perspectivas abertas pelo concílio. Assim, em 1966, a CNBB lança o Plano de Pastoral de Conjunto (PPC) – 1966-1970⁸. Sua elaboração acontece ainda em Roma, no decurso da VII Assembleia Geral Extraordinária da Conferência, durante os três meses da última sessão conciliar. “A proposta deste Plano era que a Igreja no Brasil se ajustasse rápida e plenamente à imagem da Igreja do Concílio Vaticano II”⁹.

De fato, as diretrizes do primeiro Plano de Pastoral de Conjunto foram inspiradas pelos grandes Documentos do Concílio, dando origem às seis grandes “linhas” de trabalho da Igreja: **1) Unidade visível da Igreja Católica** (*Lumen Gentium, Christus Dominus, Presbyterorum Ordinis, Optatum Totius, Perfectae Caritatis, Apostolicam Actuositatem*); **2) Ação Missionária** (*Lumen Gentium, Ad Gentes*); **3) Ação Catequética, aprofundamento doutrinal, reflexão teológica** (*Dei Verbum*); **4) Ação Litúrgica** (*Sacrosanctum Concilium*); **5) Ação Ecumênica** (*Unitatis Redintegratio*); **6) Ação da Igreja no mundo** (*Gaudium et Spes, Dignitatis Humanae, Nostra Aetate, Gravissimum Educationis, Inter Mirifica*)¹⁰.

Contando com um grupo especializado de assessores e a experiência oriunda da elaboração do Plano Emergencial de 1962, o PPC é considerado “a primeira aplicação da técnica e pedagogia do planejamento à pastoral”¹¹, apresentando um objetivo, diretrizes gerais e programas de ação para a execução em cinco anos. Ao final do período de sua vigência, ano de 1970, o PPC passa por uma avaliação onde é constatada a dificuldade em se definir um plano concreto para as dioceses. A partir de então passou-se a distinguir diretrizes e planos de pastoral. “As diretrizes valem para um período maior (quatro anos) e são da Igreja no Brasil em todos os níveis. Os planos são diversos, conforme os níveis: nacional, regional e sobretudo local, isto é, de Igreja Particular”¹². A partir de então, as Diretrizes Gerais foram sendo estabelecidas a cada quatro anos. As DGAE de 2011-2015 trazem em sua introdução a definição, diferenciação e interação entre diretrizes e planos de pastoral:

⁷ JOÃO XXIII, Papa. *Constituição Apostólica Humanae Salutis*: para a convocação do Concílio Vaticano II. 25 dez. 1961b. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/apost_constitutions/1961/documents/hf_j-xxiii_apc_19611225_humanae-salutis.html. Acesso: 21 mar 2023.

⁸ Assim como o Plano de Emergência para a Igreja do Brasil, este Plano de Pastoral de Conjunto também teve seu texto reeditado em 2004, sendo o Documento 77 da CNBB.

⁹ SCHERER. Dom Odilo Pedro. Apresentação da Edição de 2004. In: CNBB. *Documento 77: Plano de Pastoral de Conjunto – 1966-1970*. 2004, p.2. Disponível em: https://portal.pucminas.br/imagdb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20130906183626.pdf. Acesso em 21 mar 2023.

¹⁰ SCHERER, 2004, p.2.

¹¹ QUEIRÓS, 2008, não paginado.

¹² QUEIRÓS, 2008, não paginado.

Diretrizes são rumos que indicam o caminho a seguir, abordando aspectos prioritários da ação evangelizadora, princípios norteadores e urgências irrenunciáveis. Os planos de pastoral das Igrejas Particulares percorrem um roteiro específico, contendo estudo e iluminação da realidade à luz da fé, objetivos, critérios e meios para a sua concretização na própria realidade... Na interação entre as Diretrizes e os planos, o objetivo geral é assumido por todos os Bispos do Brasil em suas Igrejas Particulares, preservando-se a unidade e a diversidade¹³.

As diretrizes, portanto, são o resultado de um apurado estudo, onde a atuação da Igreja no Brasil é avaliada e confrontada com o cenário atual, destacando suas luzes e desafios, trazendo objetivos a serem alcançados, inspirações pastorais a serem animadas e cultivadas e indicações de caminhos a serem trilhados. Elas devem ser acolhidas e adaptadas à realidade de cada Igreja particular a fim de responder à demanda local de evangelização, visto que o território do país tem dimensões continentais. O estudo sequencial das Diretrizes Gerais traça um perfil detalhado e lúcido do caminhar pastoral da Igreja no Brasil nestes últimos sessenta anos¹⁴.

Ainda com relação às Diretrizes, Queirós observa:

Após o concílio, as *Diretrizes* têm sido, para o Brasil, também instrumento de incorporação das riquezas das assembleias gerais dos bispos da América Latina e dos documentos do papa. É assim que, após Medellín, Puebla e a “Evangelização do mundo de hoje” (Sínodo de 1974), as *Diretrizes* começaram a marcar seu objetivo geral com a palavra evangelizar. Outros dois elementos que passaram a fazer parte constante da formulação são a opção pelos pobres e a atuação na sociedade.¹⁵

O PPC, inicialmente aprovado para os anos 1966-1970, foi confirmado para os anos 1971-1974¹⁶. Desde então a CNBB começa a propor as Diretrizes Gerais da Ação Pastoral da Igreja no Brasil a cada quatro anos. Esse nome prevaleceu até as diretrizes do quadriênio 1991-1994. A partir daí, com a proximidade do jubileu do ano 2000, elas mudam seu título para Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil. “Longe de ser simples troca de palavras, essa modificação marca a consciência de que nossa realidade está em rápido processo de mudança, obrigando nossas igrejas a partir sempre mais para a missão de evangelizar”¹⁷. Na apresentação das DGAE 1995-1998, dom Raymundo Damasceno, então secretário-geral da

¹³ CNBB. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2011-2015*. São Paulo: Paulinas, 2011. (Documentos da CNBB, 94), n. 2.

¹⁴ Conferir Documentos da CNBB números 4, 15, 28, 38, 45, 54, 61, 71, 76-77 (reedição), 87, 94, 102, 109.

¹⁵ QUEIRÓS, 2008, não paginado.

¹⁶ CNBB. *Documento 4: Diretrizes Gerais da Ação Pastoral da Igreja no Brasil – 1975/1978*. 1975, p.1. Disponível em: <https://efosm.files.wordpress.com/2013/02/cnbb-doc-04-diretrizes-gerais-da-ac3a7c3a30-evangelizadora-da-igreja-no-brasil-e28093-1975e280931978.pdf>. Acesso: 22 mar 2023.

¹⁷ QUEIRÓS, 2008, não paginado.

CNBB, fundamenta a mudança do nome das diretrizes no aspecto missionário proposto para a Igreja, presente na Encíclica *Redemptoris Missio*, do papa João Paulo II: “a ação evangelizadora refere-se ao grupo de batizados que perderam o sentido vivo da fé, conduzindo a vida distante de Cristo e do seu Evangelho. A ação pastoral é a que se destina às comunidades cristãs que possuem sólidas e adequadas estruturas eclesiais...”¹⁸.

A partir de então as DGAE continuam sendo elaboradas a cada quatro anos, até chegarmos à mais recente, objeto de nosso estudo neste capítulo: as DGAE 2019-2023.

3.2 As Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (2019-2023)

As DGAE 2019-2023, conforme seu próprio texto de apresentação, são concebidas num processo de estreita continuidade com as duas diretrizes anteriores, as DGAE 2011-2015 e 2015-2019¹⁹. Portanto, é imprescindível realizar uma apresentação sucinta dessas duas diretrizes anteriores antes de examinarmos as diretrizes em questão, objeto deste estudo, a fim de compreender a trajetória percorrida na elaboração das mesmas.

Sob um visível influxo missionário das reflexões trazidas pela V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, ocorrida em Aparecida, no ano de 2007, as DGAE aprovadas na 49ª Assembleia dos Bispos, para o quadriênio 2011-2015, trazem como objetivo geral:

Evangelizar, a partir de Jesus Cristo e na força do Espírito Santo, como Igreja discípula, missionária e profética, alimentada pela Palavra de Deus e pela Eucaristia, à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres, para que todos tenham vida (cf. Jo 10,10), rumo ao Reino definitivo²⁰.

Pretendem ser uma “tentativa de escutar os sinais dos tempos e os desafios que neles se manifestam”²¹ e apontam cinco urgências na ação evangelizadora: Igreja em estado permanente de missão; Igreja: casa da iniciação à vida cristã; Igreja: lugar de animação bíblica da vida e da pastoral; Igreja: comunidade de comunidades; Igreja a serviço da vida plena para todos²². Essas diretrizes, citando a exortação apostólica *Verbum Domini*, chamam a atenção para a necessidade

¹⁸ ASSIS. Dom Raymundo Damasceno. Apresentação. In: CNBB. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 1995-1998*. São Paulo: Paulinas, 1995. p. 8. (Documentos da CNBB, 54).

¹⁹ CNBB. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023*. Brasília: CNBB, 2019. (Documentos da CNBB, 109), p. 9.

²⁰ DGAE 2011-2015, p.7.

²¹ DGAE 2011-2015, p.9.

²² DGAE 2011-2015, p.31-61.

do uso da internet para a evangelização e alertam para a não substituição do mundo real pelo virtual:

Importa saber utilizar o espaço “dos novos meios de comunicação social, especialmente a internet com inúmeras redes sociais, que constituem um novo fórum onde fazer ressoar o Evangelho”, ainda com o cuidado para que o mundo virtual jamais substitua o mundo real, pois “o encontro pessoal permanece insubstituível”²³.

Ao tratar as urgências na ação evangelizadora, no tópico “Igreja: comunidade de comunidades”, as diretrizes em questão afirmam que a “comunidade implica necessariamente convívio, vínculos profundos, afetividade, interesses comuns, estabilidade e solidariedade nos sonhos, nas alegrias e nas dores”. Devido a esta concepção, o ambiente virtual é apontado no texto como um desafio significativo para a evangelização, uma vez que a “rapidez da comunicação e a superação das distancias geográficas tornam-se grande atrativos”²⁴.

No capítulo sobre as perspectivas de ação, essas DGAE, em referência ao Documento de Aparecida, abordam no parágrafo 117, a necessidade da formação de indivíduos com capacidade de reflexão e que ocupem posições de decisão, dedicando-se à tarefa de evangelização, sobretudo, nos três denominados “novos areópagos”. Além do mundo universitário e da presença pastoral junto aos empresários, políticos, formadores de opinião no mundo do trabalho, dirigentes sindicais e comunitários, destaca-se como novo areópago o mundo da comunicação. Com relação a ele, as diretrizes afirmam ser inadiáveis “mais investimentos tecnológicos e qualificação pessoal, para o uso adequado dos meios de comunicação, uma ousada pastoral da comunicação, garantindo a presença da Igreja no diálogo com a mentalidade e cultura contemporâneas, à luz dos valores do Evangelho”²⁵.

Em 2013, inaugura-se o pontificado do papa Francisco. Com a publicação da exortação apostólica “*Evangelii Gaudium*” (EG), o início de seu magistério traz um apelo vigoroso para “uma Igreja em saída”, em um caminho de conversão pastoral e missionária. Tal apelo influencia e enriquece as DGAE para o período de 2015 a 2019. Estas, atualizadas pela EG, dão continuidade às DGAE 2011-2015 e mantêm o mesmo objetivo geral e as mesmas urgências na ação evangelizadora. De acordo com o texto introdutório das diretrizes em questão, a continuidade do processo é motivada pela necessidade de prosseguir com a implementação do

²³ DGAE 2011-2015, n. 95.

²⁴ DGAE 2011-2015, n. 59.

²⁵ DGAE 2011-2015, n. 117.

Documento de Aparecida, que constitui a principal referência para as DGAE 2011-2015²⁶. No contexto da utilização da internet, não se observa avanço nessas diretrizes em comparação com as anteriores – DGAE 2011-2015. Inclusive a redação dos parágrafos referentes ao meio digital mantém-se substancialmente inalterada²⁷.

Por fim, chega-se então às DGAE 2019-2023. É o principal documento aprovado pelo episcopado brasileiro durante a 57ª Assembleia Geral, realizada em Aparecida (SP), de 1º a 10 de maio de 2019. A publicação dessas diretrizes integra a série Documentos da CNBB sob o nº 109. Elas são estruturadas a partir da “Comunidade Eclesial Missionária”, apresentada com a imagem da “casa”, “construção de Deus” (1Cor 3,9), convidando todas as comunidades de fé a abraçarem e vivenciarem a missão como escola de santidade²⁸.

Como esboçado anteriormente, destacamos que essas diretrizes não rompem com as anteriores, mas são uma continuidade dessas, contemplando as urgências da Igreja no Brasil analisadas e contempladas nos planos de pastoral das dioceses e paróquias desde 2011. No entanto, nelas não são diretamente nomeadas as cinco urgências na ação evangelizadora presentes nas duas diretrizes anteriores. Essas urgências foram reagrupadas em quatro “pilares” que sustentam a evangelização: Palavra (iniciação à vida cristã e animação bíblica), Pão (liturgia e espiritualidade), Caridade (serviço à vida plena) e Ação Missionária (estado permanente de missão)²⁹.

3.2.1 Estrutura das diretrizes

O texto das DGAE 2019-2023 é organizado em quatro capítulos. O primeiro, intitulado “O anúncio do Evangelho de Jesus Cristo”³⁰, trata da essência da missão cristã: a evangelização. Afirma a presença de Deus na cultura do mundo urbano, cuja mentalidade está presente tanto na cidade quanto no campo; insiste na fidelidade a Jesus Cristo e, conseqüentemente, ao projeto do Reino de Deus; mostra a Igreja como comunidade de discípulos missionários de Jesus, destacando a importância do testemunho do amor fraterno; apresenta Deus como fonte e origem de toda missão eclesial; identifica a cultura urbana como um desafio urgente à missão

²⁶ CNBB. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2015-2019*. São Paulo: Paulinas, 2015. (Documentos da CNBB, 102), n. 2.

²⁷ Observar similaridade textual entre: DGAE 2011-2015, n. 59 e DGAE 2015-2019, n. 59; DGAE 2011-2015, n. 95 e DGAE 2015-2019, n. 100; DGAE 2011-2015, n. 117 e DGAE 2015-2019, n. 118.

²⁸ DGAE 2019-2023, n. 4.

²⁹ DGAE 2019-2023, n. 8.

³⁰ DGAE 2019-2023, n. 10-40.

evangelizadora da Igreja; propõe a formação de pequenas comunidade eclesiais missionárias como importante iniciativa para a conversão pastoral no contexto urbano.

Com o título “Olhar de discípulos missionários”, o segundo capítulo³¹ relembra o compromisso da Igreja em evangelizar a realidade na qual está inserida, buscando compreendê-la e dialogar com ela, e faz um convite a sair em missão num mundo em transformação; reconhece a crescente influência das grandes cidades na vida das pessoas e seu significativo papel cultural no contexto contemporâneo. Tais centros urbanos são apresentados como imagem para a compreensão da mudança de época que vivenciamos, além de serem considerados como uma referência para a ação evangelizadora; elenca características observadas na grande cidade mundial, tais como, individualismo, redução da função social do Estado, consumismo, corrupção, drogas, violência, enfraquecimento das instituições e das tradições, pluralidade em vários aspectos – cultural, ético, religioso –, alta mobilidade das pessoas, pobreza acentuada, crise de sentido da vida, desafio ambiental etc; reconhece a presença de Deus no ambiente atual através de atitudes e iniciativas de resistência e resiliência observadas na sociedade e no seio da própria Igreja; reconhece a necessidade de investimento no discipulado e na missionariedade por parte da ação evangelizadora.

“A Igreja nas casas” é o título do terceiro capítulo das diretrizes³². Inspirado no ministério de Jesus, apresenta a casa como lugar privilegiado de encontro com Ele, local onde as relações transcendem os laços familiares e possibilita ao cristianismo primitivo organizar-se em pequenas comunidades cuja credibilidade baseia-se no testemunho de comunhão fraterna; sob a motivação do Documento de Aparecida³³, mostra as pequenas comunidades eclesiais missionárias como ambiente de vivência da fé e valores do Reino, devendo constituir uma rede em comunhão com a Igreja local; aponta os quatro pilares que sustentam a Igreja nas casas: Palavra, Pão, Caridade, Ação Missionária.

O quarto capítulo, intitulado “Igreja em Missão”³⁴, apresenta a comunidade dos primeiros cristãos como modelo da ação missionária; elenca desafios e propõe encaminhamentos práticos para as comunidades configurarem-se como Casa da Palavra, do Pão, da Caridade e da Ação Missionária. Dentre os desafios, chama a atenção sobre a

³¹ DGAE 2019-2023, n. 41-72.

³² DGAE 2019-2023, n. 73-123

³³ CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida*: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe: 13-31 de maio de 2007. São Paulo: Paulus, 2007.

³⁴ DGAE 2019-2023, n. 124-202.

necessidade dessa Igreja, como “casa”, ser lugar: do encontro, da ternura, das famílias, de portas sempre abertas.

3.2.2 Dinâmica do texto

Embora não seja o objetivo principal deste estudo, consideramos relevante apresentar algumas observações feitas por especialistas no momento da publicação dessas diretrizes, a fim de entender sua profundidade e limitações em relação à abordagem da realidade e às propostas para a ação evangelizadora da Igreja.

As diretrizes são elaboradas no intuito de tornar mais eficaz a ação evangelizadora da Igreja. Segundo Aquino Junior, este processo de evangelização “implica compreensão da realidade (ver), clareza na missão (julgar) e discernimento de caminhos para a realização da missão nesse mundo/contexto (agir)”³⁵. Baseado nessas três premissas – ver, julgar, agir – o autor tece seus comentários.

As DGAE 2019-2023 centram sua atenção na cultura urbana e as profundas transformações no contexto atual ocasionadas por ela. Aquino Junior analisa que neste ponto está a riqueza e o limite dessas diretrizes.

Riqueza porque toca num aspecto fundamental do mundo em que vivemos e que desafia a missão da Igreja. Limite, porque, embora reconhecendo que as cidades são “construídas a partir do encontro de estruturas físicas com as relações humanas e sociais” (2019a, n. 29), acaba focando no aspecto das “relações” e, mesmo sem negar, deixando na penumbra o aspecto das “estruturas físicas”. Isso conduz a uma leitura culturalista da realidade em prejuízo da dimensão socioestrutural³⁶.

Aquino Junior reconhece a presença de referências à dimensão socioestrutural nas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora (DGAE). No entanto, ele observa um deslocamento do foco de atenção devido à ênfase atribuída aos aspectos culturais. O autor destaca como mérito das diretrizes o reconhecimento da urbanização na sociedade brasileira. Contudo, ele relata que o termo “urbano”, frequentemente mencionado com as expressões “mundo urbano” e “cultura urbana”, é complexo e apresenta uma compreensão limitada no texto, carecendo de uma visão mais analítica e global³⁷.

³⁵ AQUINO JUNIOR, Francisco de. Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja do Brasil 2019-2023. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 51, n. 3, p. 542, set./dez. 2019.

³⁶ AQUINO JUNIOR, 2019, p. 543.

³⁷ AQUINO JUNIOR, 2019, p. 548.

Concordamos com a crítica de Aquino Junior em relação ao enfoque excessivo proporcionado por estas diretrizes às relações humanas na análise das cidades, relegando a dimensão socioestrutural a um plano secundário. Uma abordagem que não abarca de maneira adequada a importância das estruturas físicas e socioestruturais na compreensão das dinâmicas urbanas impõe certas limitações na análise pastoral. O exame da realidade urbana necessita de uma abordagem mais holística, que conduza a uma compreensão integral e que considere tanto as interações sociais quanto as estruturas físicas que fundamentam a existência urbana. Desconsiderar essa dualidade pode comprometer a capacidade de compreender e reagir de maneira apropriada aos desafios complexos apresentados pelo ambiente urbano, potencialmente enfraquecendo a eficácia das ações evangelizadoras e pastorais no contexto das cidades.

Godoy³⁸, em suas considerações sobre as diretrizes em questão, identifica no objetivo geral, ao compará-lo com preceitos de diretrizes anteriores, uma perda do elemento profético na atuação da CNBB. No âmbito dos objetivos gerais delineados, inclui-se aquele presente nas diretrizes publicadas em 1979 – “Evangelizar a sociedade brasileira em transformação, a partir da opção pelos pobres, pela libertação integral do homem, numa crescente participação e comunhão, visando à construção de uma sociedade fraterna, anunciando assim o Reino definitivo” – e o das diretrizes publicadas em 1980:

Evangelizar, a partir do encontro com Jesus Cristo, como discípulos missionários, à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres promovendo a dignidade da pessoa, renovando a comunidade, participando da construção de uma sociedade fraterna, “para que todos tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10).³⁹

Para o autor, “a Igreja das Diretrizes gira em torno de si mesma e perdeu, aparentemente, o horizonte da ‘libertação integral do homem’ (1979) e da ‘construção de uma sociedade justa e solidária’ (2008) de outros tempos”⁴⁰.

Com relação à análise de Godoy, é válido considerar que, diante das transformações sociais, políticas e eclesiais ao longo do tempo, as prioridades e desafios também se alteram. O entendimento da missão da Igreja pode sofrer ajustes em resposta às novas realidades, mas há pontos que são essenciais e não devem ser negligenciados no horizonte de atuação cristã. Assim, a crítica de Godoy é pertinente e destaca a importância de manter um compromisso ativo com

³⁸ GODOY, Manoel José de. Observações críticas sobre as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil – 2019-2023. *Annales FAJE*, Belo Horizonte, v.4, n.2, p. 42-52, 2019.

³⁹ GODOY, 2019, p. 50.

⁴⁰ GODOY, 2019, p. 50.

a justiça social, a libertação integral e a construção de uma sociedade fraterna, princípios que historicamente nortearam – e devem nortear – a atuação da CNBB. Assim, a reflexão teológica a partir desse pensamento ressalta a necessidade constante de reavaliação e autocrítica para assegurar que a Igreja mantenha sua relevância e fidelidade aos valores evangélicos na complexidade do contexto contemporâneo.

3.2.3 O mundo digital nas DGAE 2019-2023

Diante da consideração de que as diretrizes desempenham um papel orientador nas atividades pastorais da Igreja no Brasil, e ciente da significativa influência da infosfera na vivência da fé, este subtópico do estudo se dedica à exploração da abordagem dessas diretrizes no âmbito da cultura digital, no contexto do processo de evangelização. Tal enfoque encontra justificação no princípio de que “todo projeto pastoral deve considerar as conexões entre a linguagem da fé, as novas linguagens midiáticas e as novas formas de relacionamento”⁴¹.

Traremos, a seguir, partes deste escrito que interessarão nossa posterior análise.

Na seção introdutória dessas diretrizes, tradicionalmente dedicada à apresentação panorâmica do escrito, a comunidade e a missão são apontadas como os seus eixos inspiradores, evidenciando a consciência da necessidade de renovação das forças missionárias para a evangelização de um mundo cada vez mais urbano, que experimenta profundas transformações em várias de suas dimensões. O processo de urbanização em questão não se restringe exclusivamente ao resultado do êxodo rural; trata-se, antes, de uma mentalidade urbanizada que permeia o pensamento e comportamento das pessoas, abrangendo tanto as grandes metrópoles quanto as cidades de menor porte e mesmo áreas rurais, independentemente de sua localização geográfica ou densidade demográfica.

As diretrizes são concebidas com base na metáfora da casa, fundamentando-se nos princípios orientadores da comunidade e da missão. A representação da casa é utilizada para ilustrar o que o texto denomina de “Comunidades Eclesiais Missionárias”. Essa concepção de comunidade é sustentada por quatro elementos fundamentais, denominados pilares: Palavra, Pão, Caridade e Ação Missionária.

No primeiro capítulo, ao abordar a cultura urbana e os desafios que ela impõe à missão evangelizadora, as DGAE fazem alusão à exortação apostólica *Evangelii Gaudium*. Nesse

⁴¹ CNBB. *A comunicação na vida e missão da Igreja no Brasil*. São Paulo: Paulus, 2011, n. 100, p. 71. (Estudos da CNBB, 101).

documento, o papa Francisco destaca que no mandato missionário conferido por Jesus “estão presentes os cenários e os desafios sempre novos da missão evangelizadora da Igreja, e hoje todos somos chamados a esta nova ‘saída’ missionária” (EG, n. 20). O texto das diretrizes descreve este cenário como caracterizado por elementos como pluralidade, globalização, secularismo, relativismo, liquidez, indiferentismo, cultura urbana etc. Ademais, evidencia que “a transformação integral da fé no interior de uma cultura, em rápidas e profundas transformações” é um desafio intrinsecamente ligado à missão da Igreja Católica.

O segundo capítulo inicia mediante a afirmação de que a Igreja Católica somente será capaz de “fazer com que o Evangelho chegue aos corações das pessoas, às estruturas sociais e às diversas culturas” por meio do diálogo, caracterizado pela compreensão e interação, com a realidade em constante mutação. Este reconhecimento é acompanhado da constatação de que tanto o mundo contemporâneo quanto o Brasil atravessam profundas transformações, caracterizando uma mudança de época⁴². Referindo-se à EG, há um explícito reconhecimento de que a influência abrangente do estilo de vida urbano na sociedade atual é em grande parte atribuída à incursão dos meios de comunicação. Em decorrência desse cenário, afirma que “a cidade se torna uma imagem importante para a ação evangelizadora em nossos dias”⁴³. Ainda neste segundo capítulo, as diretrizes enfatizam a necessidade de um maior investimento no discipulado e na missionariedade. O texto exalta os esforços empreendidos pelos agentes de pastoral ao percorrerem extensas distâncias com o propósito de promover a evangelização⁴⁴.

O capítulo terceiro apresenta o conceito de “casa” sob uma perspectiva territorial-geográfica, salientando que “a casa, enquanto espaço familiar, foi um dos lugares privilegiados para o encontro e o diálogo de Jesus e seus seguidores”⁴⁵. Os desdobramentos desta abordagem sobre o termo “casa” fundamentam a compreensão das pequenas comunidades eclesiais missionárias, portanto, não contemplam o ambiente digital. Entretanto, este último é mencionado no capítulo como um dos desafios – “as problemáticas que envolvem os meios de comunicação social e as novas mídias digitais”⁴⁶ – impostos à Igreja Católica em sua missão de promover a vida. Ainda com relação a esses desafios, as diretrizes analisam a ausência de sentido para a vida em muitas pessoas na sociedade atual, o que gera “cansaço, depressão, pânico, transtornos de personalidade e até suicídio”. O texto atribui parte da responsabilidade

⁴² DGAE 2019-2023, n. 41, 43, p. 33-34.

⁴³ DGAE 2019-2023, n. 47, p. 35.

⁴⁴ DGAE 2019-2023, n. 71, p. 45.

⁴⁵ DGAE 2019-2023, n. 73, p. 47.

⁴⁶ DGAE 2019-2023, n. 109, p. 61.

desse fenômeno à internet, ao afirmar que “essa situação ocorre porque se vive em uma sociedade que sustenta tudo ser possível, especialmente com o avanço das novas tecnologias”⁴⁷.

No contexto do terceiro capítulo, ao abordar o pilar da ação missionária, as diretrizes ampliam sua perspectiva para incluir o mundo digital. No parágrafo 118, ao citar o documento da CNBB intitulado “Cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade”, o escrito afirma que “para ser missionária, a comunidade eclesial necessita também se inserir ativa e coerentemente nos novos aerópagos (CNBB, Doc. 105, n. 250-273), dentre os quais se encontram as redes sociais”⁴⁸.

O referido parágrafo 118 alerta ainda para a necessidade do reconhecimento, por parte da Igreja Católica, das diversas possibilidades apresentadas pela cultura midiática, incluindo recursos, linguagens e meios, para a missão evangelizadora. Contudo, o texto adverte sobre o dever de agir com discernimento diante da possibilidade de consumo de informação superficial e comunicação virtual, alertando para o risco de alienação do sofrimento humano e a disseminação de notícias falsas.

Neste ponto do texto, as diretrizes, em contraste com as informações apresentadas anteriormente, reconhecem a viabilidade do encontro entre pessoas por meio das redes. O papa Francisco, em sua mensagem para o 53º DMCS, utiliza a metáfora da rede – colocada como fundamento da internet – comparando-a, numa dimensão antropológica, com a figura da comunidade. Explica o papa:

A rede funciona graças à participação de todos os elementos... Uma comunidade é tanto mais forte quando mais for coesa e solidária, animada por sentimentos de confiança e empenhada em objetivos compartilháveis. Como rede solidária, a comunidade requer a escuta recíproca e o diálogo, baseado no uso responsável da linguagem... A rede é uma oportunidade para promover o encontro com os outros.⁴⁹

Inspirada nesta mensagem de Francisco, as diretrizes reconhecem que “é necessário restituir à comunicação uma perspectiva ampla, baseada na pessoa, onde a interação é entendida sempre como diálogo e oportunidade de encontro com o outro. Uma comunidade é uma rede entre as pessoas em sua totalidade”⁵⁰. Embora não aprofunde esse conceito de comunicação a partir da ótica da pessoa, essa é uma importante afirmação das diretrizes acerca do ambiente digital numa perspectiva antropológica.

⁴⁷ DGAE 2019-2023, n. 110, p. 61.

⁴⁸ DGAE 2019-2023, n. 118, p. 65.

⁴⁹ FRANCISCO, 2019b, não-paginado.

⁵⁰ DGAE 2019-2023, n. 118, p. 65.

No capítulo quarto, o documento reconhece que a ação evangelizadora não pode ser concebida de maneira homogênea, dada a vasta extensão territorial do Brasil e a diversidade de realidades presentes nesse país. No texto, a comunidade dos primeiros cristãos é eleita como modelo permanente da ação pastoral.

Neste capítulo, ao propor os encaminhamentos práticos para os quatro pilares – Palavra, Pão, Caridade e Ação Missionária –, as DGAE fazem referência ao mundo digital na atividade evangelizadora. Para o pilar da Palavra, uma das sugestões de ação prática é “utilizar o potencial das redes sociais, desenvolver e difundir aplicativos, para que a Palavra alcance todas as pessoas em todas as situações”⁵¹. No pilar do Pão é proposto “reconhecer que o trabalho dos meios de comunicação social de inspiração católica é um dom de Deus para a Igreja no Brasil”⁵². Aqui é ressaltado, sobretudo, o grande potencial de atingir os fiéis demonstrado pelas transmissões das missas. Nos encaminhamentos práticos para o pilar da Caridade são propostos, dentre outras ações, a promoção da solidariedade junto aos sofredores e excluídos, desenvolvimento de grupos de apoio às vítimas de violência, encorajamento do laicato em seu empenho apostólico, promoção da paz.

Para o pilar da Ação Missionária, as diretrizes, citando a exortação apostólica *Christus vivit*, do papa Francisco, propõem “abrir espaços para que os jovens criem novas formas de missão, por exemplo nas redes sociais”⁵³. Além disso, para esse mesmo pilar, há uma advertência de que “investir na presença nos Meios de Comunicação Social, especialmente nas redes sociais, deve ser um constante desafio aceito pelas comunidades e vivenciado de modo testemunhal e missionário”. As diretrizes também reconhecem que “as redes sociais constituem uma extraordinária oportunidade de diálogo, encontro e intercâmbio entre as pessoas”⁵⁴.

As seções selecionadas destas diretrizes, acima mencionadas, proporcionam uma fundamentação para a análise da abordagem adotada pela Igreja Católica da cultura digital no processo evangelizador. A seguir, procederemos a tal análise.

As DGAE 2019-2023 abordam o fenômeno de urbanização do mundo. Um dos fatores mais preponderantes para a ocorrência deste fenômeno é o advento dos meios de comunicação social, sobretudo a internet. Segundo afirmação de Bento XVI: “não existe âmbito da experiência humana, sobretudo se enquadrada no vasto fenômeno da globalização, onde os

⁵¹ DGAE 2019-2023, n. 159, p. 78.

⁵² DGAE 2019-2023, n. 170, p. 81.

⁵³ DGAE 2019-2023, n. 194, p. 88.

⁵⁴ DGAE 2019-2023, n. 195, p. 88.

media não se tenham tornado parte constitutiva das relações interpessoais e dos processos sociais, econômicos, políticos e religiosos”⁵⁵. Como consequência desta constatação, o mesmo papa sublinha: “o papel que os instrumentos de comunicação assumiram na sociedade já é considerado parte integrante da questão antropológica, que surge como desafio crucial do terceiro milênio”⁵⁶. Essa relação de influência do mundo digital na mentalidade urbana não é reconhecida nesta parte das diretrizes, cujo texto se limita simplesmente em reconhecer que há uma mentalidade urbana reinante na sociedade atual, sem, no entanto, apontar os fatores responsáveis por tal fenômeno.

A compreensão do ambiente digital como lugar a ser habitado pela Igreja, enfatizada nos escritos pontifícios dos últimos anos, é prejudicada pela adoção da metáfora da “casa” para ilustrar o entendimento das Comunidades Eclesiais Missionárias. Essa imagem de construção remete a uma ideia geograficamente delimitada, e é essa perspectiva que predomina nas orientações pastorais apresentadas nas diretrizes. Neste contexto, deixa de reconhecer devidamente, como deveria, a realidade do ambiente digital para a evangelização, como também falha em fazer menção a essa dimensão em outros pontos relevantes do documento.

Ao adotar a metáfora da “casa” para conceber essas comunidades, há uma tendência a associar a presença eclesial principalmente a espaços físicos e ambientes concretos, relegando a um segundo plano a consideração do ambiente digital como um território relevante para a ação evangelizadora. A metáfora da “casa” pode limitar a percepção da Igreja em relação ao potencial alcance e influência que as plataformas digitais oferecem na disseminação da mensagem religiosa e na promoção da comunidade virtual. Também pode resultar na subestimação do impacto das interações online, das redes sociais e de outros espaços digitais na formação de comunidades virtuais e na construção de relações religiosas à distância. Isso pode representar um desafio para a adaptação eficaz da Igreja Católica às dinâmicas contemporâneas de comunicação e interação social.

Certos aspectos dessas diretrizes poderiam ter sido empregados para uma abordagem mais abrangente do conceito de “casa”, englobando não apenas o ambiente físico, mas também o ambiente digital, considerando que, dentro do conceito de infosfera, a distinção entre os

⁵⁵ BENTO XVI. *42º Dia Mundial das Comunicações Sociais: Os meios de comunicação social: na encruzilhada entre protagonismo e serviço. Buscar a verdade para partilhá-la*. 24 jan. 2008. In: PAULO VI; JOÃO PAULO II; BENTO XVI; FRANCISCO. *Mensagens Dia Mundial das Comunicações Sociais: 1967-2017*. Brasília: Edições CNBB, 2017, n. 1, p. 205.

⁵⁶ BENTO XVI, 2008. In: PAULO VI; JOÃO PAULO II; BENTO XVI; FRANCISCO, 2017, n. 4, p. 207.

espaços físico e digital já não existe⁵⁷. Como observa papa Francisco, o mundo digital tornou-se um ambiente “tão invasivo que já não se consegue separar do círculo da vida cotidiana. A rede é um recurso do nosso tempo: uma fonte de conhecimentos e relações outrora impensáveis”⁵⁸.

Citamos, como exemplo do exposto acima, o número 6 do texto:

Casa é aqui a imagem de maior proximidade às pessoas, o lugar onde vivem, mesmo àquelas que só têm a rua como casa. Ela indica a proximidade relacional entre as pessoas que ali convivem. Indica igualmente a necessidade da Igreja se fazer cada vez mais presente nos locais onde as pessoas estão, seja onde for.⁵⁹

Observa-se, no presente segmento das diretrizes, a existência de uma possibilidade – não concretizada – de ampliação da definição do conceito “casa” para incorporar também o ambiente digital. Tal perspectiva se fundamenta na relevância assumida pela internet como um espaço de interação social e um local onde demanda a presença ativa da Igreja e de suas iniciativas pastorais. As tecnologias digitais introduzem novos mecanismos de interação e “estão a provocar mudanças fundamentais nos modelos de comunicação e nas relações humanas”⁶⁰.

Na abordagem feita à cultura urbana e seus respectivos desafios, presente no primeiro capítulo das DGAE, observa-se que o referido texto negligencia novamente o papel preponderante desempenhado pela cultura digital na conformação do cenário de transformação delineado⁶¹.

Ainda no primeiro capítulo do documento, é abordado um tópico relativo às comunidades eclesiais missionárias no contexto urbano, enfatizando a necessidade de enfrentar o desafio da conversão pastoral. O texto destaca a importância da formação de pequenas

⁵⁷ Contribui nesta reflexão o professor da USP, Felice, pesquisador na área de Sociologia, Antropologia e Comunicação. Ele tem desenvolvido importantes estudos das redes complexas em várias dimensões. Uma delas estuda as alterações da condição habitativa, a partir da difusão de interações em redes informativas com o meio ambiente. Numa de suas obras, ao abordar o tema “habitar redes”, o autor conclui que “o habitar torna-se, não mais a consequência da relação de um sujeito com um local específico ou da relação objetiva entre um indivíduo e um território, mas o resultado de múltiplas práticas comunicativas entre os membros de uma rede ecológica complexa, formada por seres humanos, dados, sensores, softwares, algoritmos, florestas, estradas etc”. FELICE, Massimo Di. *A cidadania digital: a crise da ideia ocidental de democracia e a participação nas redes digitais*. São Paulo: Paulus, 2020, p. 44. (Coleção Cidadania Digital).

⁵⁸ FRANCISCO. *Mensagem para o 53º Dia Mundial das Comunicações Sociais: “Somos membros uns dos outros”* (Ef 4, 25): das comunidades de redes sociais à comunidade humana. 24 jan. 2019b. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20190124_messaggio-comunicazioni-sociali.html. Acesso em: 17 abr. 2023.

⁵⁹ DGAE 2019-2023, n. 6, p. 16-17.

⁶⁰ BENTO XVI, 2009. In: PAULO VI; JOÃO PAULO II; BENTO XVI; FRANCISCO, 2017, n. 1, p. 210.

⁶¹ DGAE 2019-2023, n. 27, p. 26-27.

comunidades eclesiais missionárias “nos mais variados ambientes”, contudo, ao longo da exposição, torna-se evidente que a referência aos “variados ambientes” se restringe a contextos físicos, negligenciando a consideração das comunidades digitais. Essa lacuna também é realçada no capítulo segundo, onde, ao elogiar os esforços dos agentes de pastoral, destaca-se que estes percorrem extensas distâncias para realizar a evangelização. Não há menção aos evangelizadores que utilizam a internet como meio ou complemento de sua atuação, dada a capacidade do ambiente digital de encurtar distâncias, promover e potencializar a ação missionária.

No contexto do quarto capítulo, ao abordar o tópico “a comunidade casa”, reitera-se a concepção “casa” como um espaço físico, sem considerar a potencial mediação digital para o fomento de relações fraternas. As diretrizes afirmam que “as comunidades eclesiais missionárias se reúnem também em espaços que não sejam residências, por exemplo: salões comunitários, espaços nas igrejas, espaços públicos e até mesmo improvisados”⁶².

Mesmo nas iniciativas voltadas para a promoção da solidariedade, delineadas nos encaminhamentos práticos referentes ao pilar da Caridade no quarto capítulo, o texto omite a consideração da inerente capacidade das redes sociais para mobilizar a sociedade em favor de causas humanitárias e coordenar ações filantrópicas, como por exemplo o *crowdfunding* social⁶³. Neste cenário, a reflexão pastoral “Rumo à presença plena” expande o conceito de presença e envolvimento nas plataformas de mídia social para além da mera troca de opiniões ou imitação de comportamentos. Ao analisar o potencial intrínseco da internet para a ação social, ressalta que a “ação mobilizada através das redes sociais tem tido um impacto maior e com frequência é mais eficaz na transformação do mundo do que um debate superficial a respeito de ideias”⁶⁴.

⁶² DGAE 2019-2023, n. 131, p. 71.

⁶³ O *crowdfunding* social é uma modalidade de financiamento coletivo direcionada à angariação de recursos destinados a causas sociais, iniciativas comunitárias ou individuais e ao auxílio a indivíduos em situação de necessidade. Em contraposição ao *crowdfunding* convencional, no qual os investidores têm a possibilidade de obter retornos financeiros ou produtos em troca de seus aportes, o *crowdfunding* social geralmente se fundamenta na solidariedade e no desejo de promover o bem-estar, sem a expectativa de lucro direto. As plataformas de *crowdfunding* social funcionam como intermediárias entre os requerentes de assistência e os contribuintes interessados, possibilitando que pessoas físicas, organizações sem fins lucrativos e causas sociais obtenham recursos de uma ampla base de apoiadores. Este modelo democratiza o processo de captação de recursos e pode representar uma ferramenta eficaz para a mobilização de recursos em prol de causas relevantes. MORAES, Jackeline. *O que você precisa saber para fazer um Crowdfunding para seu Projeto Social*. 3 mai. 2021. Disponível em: <https://blog.apoia.se/crowdfunding-para-projetos-sociais/>. Acesso em: 10 dez. 2023.

⁶⁴ DICASTÉRIO PARA A COMUNICAÇÃO, 2023, n. 56.

As DGAE 2019-2023 apresentam uma abordagem ainda incipiente no reconhecimento da presença da cultura digital na sociedade contemporânea e em sua potencial contribuição para a ação evangelizadora da Igreja Católica. A análise da referida cultura dentro do contexto eclesial ainda adota uma perspectiva instrumentalista, o que resulta em uma limitação percebida no desenvolvimento pastoral.

O documento oscila na recepção dos escritos do Magistério Pontifício, apresentando ambiguidades e hesitações quando à abordagem do mundo digital. Essa dinâmica revela uma dicotomia entre considerações positivas e críticas, sem uma linha clara de discernimento pastoral.

Por um lado, nota-se uma tentativa de incorporar aspectos positivos do mundo digital, reconhecendo seu papel como um espaço de interação social significativo. Isso se reflete na necessidade de enfrentar os desafios da evangelização nesse contexto, como destacado em algumas seções das diretrizes. No entanto, por outro lado, há hesitações perceptíveis ao não abordar de maneira explícita e abrangente o potencial das comunidades digitais e das tecnologias online na promoção da missão evangelizadora da Igreja Católica.

A ausência de uma linha clara de discernimento pastoral indica uma ambivalência na recepção das diretrizes em relação ao ambiente digital. A falta de uma abordagem mais definida pode resultar em lacunas na compreensão e na aplicação efetiva das diretrizes no contexto contemporâneo, onde as dinâmicas digitais desempenham um papel cada vez mais relevante na vida das comunidades e na disseminação da mensagem religiosa.

Assim, nota-se a necessidade de uma reflexão mais aprofundada e uma abordagem pastoral mais consistente em relação ao mundo digital no documento, buscando integrar de maneira mais explícita os desafios e oportunidades apresentados por esse ambiente em constante evolução.

3.3 Planejamento Pastoral na cultura digital

Um planejamento pastoral destinado à evangelização de uma sociedade imersa numa cultura digital deve transcender a concepção simplista da internet meramente como um meio de propagação da fé, e em vez disso, reconhecê-la como um ambiente já ocupado pelos cristãos, exigindo, portanto, uma abordagem específica de evangelização. A concepção instrumentalista da rede digital, como apresentado anteriormente neste estudo, foi superada desde o início dos anos 90, como evidenciado na encíclica *Redemptoris Missio*, promulgada pelo papa João Paulo II, e desde então tem sido reiterada nos escritos do Magistério Pontifício. Por exemplo, o papa

Bento XVI enfatiza que a Igreja entende o ambiente digital como “espaços” – “não um mundo paralelo ou puramente virtual” –, não simplesmente “instrumentos”, e solicita que a Boa Nova seja proclamada inclusive nos ambientes digitais⁶⁵. O papa Francisco, da mesma forma, reconhece que evangelizar a cultura digital “não se trata apenas de ‘usar’ instrumentos de comunicação, mas de viver em uma cultura amplamente digitalizada” (ChV, n. 86).

Assim, na evangelização do mundo atual, um dos principais desafios enfrentados pela pastoral da Igreja Católica no Brasil é a assimilação clara e concreta do conceito de infosfera. Esse desafio implica na compreensão de que a realidade a ser evangelizada não pode ser segmentada entre um ambiente físico e um outro virtual, uma vez que estes coexistem de forma interdependente. Neste contexto, surge o conceito do infofiel, que refuta a distinção entre o fiel que participa ativamente das atividades litúrgicas na igreja e nas atividades da paróquia, e aquele que pratica sua fé “na” e “pela” rede – pois ambos representam a mesma pessoa. Portanto, o ambiente digital deve ser reconhecido como um espaço existencial integral dentro do contexto da evangelização contemporânea.

A proposta de conversão pastoral, delineada no Documento de Aparecida, introduz à Igreja Latino-Americana a concepção de paróquia como uma “comunidade de comunidades”. Essa abordagem serve de base para as DGAE 2019-2023. A implementação desta conversão pastoral demanda uma análise crítica e eventual reestruturação de certas configurações eclesiais. É preciso discernimento, coragem e ousadia para efetivar certas mudanças necessárias, pois o receio e o temor do desconhecido podem resultar na perpetuação de práticas e estruturas antiquadas que não atendem mais aos desafios de uma nova era de evangelização. Gripp argumenta que, “para constituir uma comunidade de comunidades na cultura digital, é propício passar das razões teológicas para a ação pastoral, num processo que motive que as verdades expressas teologicamente sejam, verdadeiramente, vividas pelos membros da Igreja”⁶⁶. Para concretizar este processo, é fundamental conduzir uma avaliação minuciosa e imparcial do caminho pastoral em todas as suas instâncias – nacional, regional, diocesana, paroquial, comunitária – e empregar uma abordagem sinodal, considerando o conceito de infopastoral e aplicando criatividade evangélica na elaboração de um planejamento eficaz.

Ao abordar o papel dos meios de comunicação no conjunto da ação pastoral da Igreja Católica, a instrução pastoral *Aetatis Novae*, já em 1992, enfatiza:

⁶⁵ BENTO XVI, 2013. *In*: PAULO VI; JOÃO PAULO II; BENTO XVI; FRANCISCO, 2017, p. 230-234.

⁶⁶ GRIPP, 2023, p. 40.

O trabalho dos meios de comunicação católicos não é só uma atividade complementar que se vem juntar às outras atividades da Igreja: a comunicação social tem, com efeito, um papel a desempenhar em todos os aspectos da missão da Igreja. Não é suficiente, também, ter um plano pastoral de comunicação, mas é necessário que a comunicação faça parte integrante de todos os planos pastorais, visto que a comunicação tem, de fato, um contributo a dar a qualquer outro apostolado, ministério ou programa.⁶⁷

Considerando que um plano pastoral desempenha um papel crucial como um guia para orientar uma comunidade religiosa rumo a um serviço de unidade, e que seu objetivo primordial é direcionar as ações de evangelização, é imprescindível que tal plano contemple a trajetória histórica específica da comunidade para a qual é elaborado, considerando tanto suas potencialidades quanto seus desafios. Esta consideração é de suma importância para assegurar a eficácia da missão evangelizadora.

Diante do exposto, é fundamental destacar algumas dimensões que merecem atenção na elaboração de um planejamento pastoral para uma realidade de fé profundamente inserida em uma cultura digital⁶⁸:

- a) Seguimento do modelo de comunicação de Cristo, combinando a vivência da fé com uma prática comunicativa baseada no diálogo. Dessa forma, a comunicação passa a desempenhar um papel transversal em todo o planejamento pastoral, abrangendo todas as esferas de atuação da Igreja;
- b) Integração entre fé e cultura, capacitando a todos para combinar a vivência da fé com a contemporânea cultura midiática. Isso visa dar plena validade ao mandato de Jesus, transmitido pelo Espírito Santo, de modo que o Evangelho seja proclamado em todo o tempo e adaptado à linguagem de cada época;
- c) Compreensão e utilização das inovadoras linguagens midiáticas por toda comunidade eclesial, com a responsabilidade de empregá-las, juntamente com as novas tecnologias de informação, a fim de superar obstáculos ao progresso humano e à disseminação do Evangelho;
- d) Integração da mídia com a pastoral, trabalhando para que a mídia seja empregada não apenas como meio informativo, mas também como uma forma para promover o desenvolvimento e a maturidade da fé. Isso se concretiza quando uma comunidade eclesial adota uma abordagem inovadora e integrada na comunicação da fé, investindo

⁶⁷ PONTIFÍCIO CONSELHO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS, 1992, n.17.

⁶⁸ CNBB, 2011, n. 106, p.75-77.

- e utilizando sua mídia não de maneira isolada, mas como parte de uma estratégia pastoral abrangente;
- e) Formação de agentes com senso crítico e preparados para lidar com a cultura digital de forma integrada a todas as pastorais;
 - f) Compartilhamento de recursos midiáticos e criação de cooperação em nível local, interdiocesano, regional, nacional;
 - g) Participação no progresso dos povos, promovendo a compreensão do significado do ambiente digital e seu impacto no desenvolvimento de comunidades e culturas. O objetivo é construir uma comunidade eclesial comprometida com os processos culturais, incumbida da responsabilidade de vigilância e participação ativa no progresso das sociedades.
 - h) Investimento de recursos humanos e econômicos de modo a assegurar o desenvolvimento dos projetos para a eficácia da missão evangelizadora da comunidade eclesial.

Dentre as dimensões elencadas acima, destacamos o item “a”, que se baseia na figura de Jesus para enfatizar a importância de um diálogo autêntico nas relações de uma comunidade de fé, visando a elaboração de um projeto de pastoral. Neste contexto, observamos que o fenômeno da cultura digital, por sua natureza recente, tem suscitado um aumento substancial na investigação e análise relacionadas a este tema. Entre os aspectos desses estudos, destaca-se uma crescente preocupação, tanto no meio acadêmico quanto em outros setores da sociedade, em relação aos impactos causados por esta cultura, especialmente no que se concerne às redes sociais, sobre os relacionamentos humanos. No âmbito da Igreja Católica, também se observa uma crescente atenção às análises eclesiais sobre o uso e a presença da instituição no ambiente digital, com um enfoque cada vez mais voltado para os aspectos antropológicos da questão. Exemplo deste interesse é a última reflexão pastoral do Dicastério para a comunicação, intitulada “Rumo à presença plena”⁶⁹. O documento reflete sobre a presença cristã nas redes

⁶⁹ Esta proposta de reflexão pastoral encontra-se em sintonia com as recorrentes análises e interpelações feitas pelo papa Francisco sobre as dinâmicas das relações humanas no mundo digital. Este pontífice expressa uma compreensão e preocupação em relação à capacidade da internet em expor os indivíduos “ao risco de dependência, isolamento e perda progressiva de contato com a realidade concreta, dificultando o desenvolvimento das relações interpessoais autênticas” (CV, n. 88). Nesse sentido, ele concebe a internet sob o princípio da “complementariedade”, argumentando que o encontro digital não deve suplantiar aquele face a face, visto que tal substituição implicaria em um significativo perigo de autoisolamento. Pelo contrário, a internet deveria ser entendida como um complemento para esses encontros presenciais. Quando utilizada dessa maneira, segundo Francisco, a internet apresenta muitas possibilidades interessantes. Sobre essa temática no uso do meio digital como um recurso complementar aos encontros, o papa escreve na mensagem ao 53º Dia Mundial das Comunicações Sociais de 2019: “Se a rede for usada como prolongamento ou expectativa de tal encontro, então

sociais e seu impacto para a fé, deixando em relevo a urgência de se abordar o “amor ao próximo” na maneira como os indivíduos e a comunidade eclesial se inserem no mundo digital, redescobrimo a essência do encontro humano. O texto discute o desafio de promover relacionamentos pacíficos e significativos nas redes sociais, especialmente diante da desigualdade digital e do viés algorítmico da inteligência artificial que tende a reforçar bolhas de filtro e polarização, dificultando ou mesmo impedindo, o encontro com o “outro” que é diferente. Propõe, como contraponto, uma “cultura do encontro” como forma de combater a indiferença, a polarização e o extremismo, incentivando a construção de comunidades online fundamentadas na escuta mútua, no diálogo e no respeito entre pessoas diferentes. Afirma que “podemos e deveríamos ser aqueles que passam do entendimento da mídia digital como experiência individual para uma compreensão como experiência que se fundamenta no encontro mútuo, promovendo a construção da comunidade”⁷⁰. Destaca a importância de direcionar as conexões digitais para encontros significativos e duradouros, ao mesmo tempo em que reconhece a complementaridade entre a vida digital e as práticas religiosas tradicionais, como a oração e os sacramentos da Igreja⁷¹.

Concluimos este último capítulo enfatizando a necessidade de um planejamento pastoral adequado à cultura digital, que se inspire nos ensinamentos do Bom Pastor: “Eu vim para que todos tenham a vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10). Dado o contexto em que vivemos, imersos na infosfera, a pastoral requer uma abordagem que busque a evangelização integral do ser humano, pautada “pelos critérios do Evangelho, lidos à luz das bases das Sagradas Escrituras, da Tradição, do Magistério e de suas diretrizes para a práxis evangelizadora das

não se atraiçoa a si mesma e permanece um recurso para a comunhão. Se uma família utiliza a rede para estar mais conectada, para depois se encontrar à mesa e olhar-se olhos nos olhos, então é um recurso. Se uma comunidade eclesial coordena a sua atividade através da rede, para depois celebrar juntos a Eucaristia, então é um recurso. Se a rede é uma oportunidade para me aproximar de casos e experiências de bondade ou de sofrimento distantes fisicamente de mim, para rezar juntos e, juntos, buscar o bem na descoberta daquilo que nos une, então é um recurso”. (FRANCISCO, 2019b, não paginado). Francisco compreende a dimensão do desafio da convivência humana, seja no contato direto ou pela internet. No entanto condena o isolamento, o egoísmo e incentiva a realização de encontros, imprescindíveis à humanidade. Na exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, de 2013, afirma: “Neste tempo em que as redes e demais instrumentos da comunicação humana alcançaram progressos inauditos, sentimos o desafio de descobrir e transmitir a ‘mística’ de viver juntos, misturar-nos, encontrar-nos, dar o braço, apoiar-nos, participar nesta maré um pouco caótica que pode transformar-se numa verdadeira experiência de fraternidade, numa caravana solidária, numa peregrinação sagrada. Assim, as maiores possibilidades de comunicação traduzir-se-ão em novas oportunidades de encontro e solidariedade entre todos. Como seria bom, salutar, libertador, esperançoso, se pudessemos trilhar este caminho! Sair de si mesmo para se unir aos outros faz bem. Fechar-se em si mesmo é provar o veneno amargo da imanência, e a humanidade perderá com cada opção egoísta que fizermos” (EG, n. 87).

⁷⁰ DICASTÉRIO PARA A COMUNICAÇÃO, 2023, n. 22.

⁷¹ DICASTÉRIO PARA A COMUNICAÇÃO, 2023, n. 1-24.

Igrejas locais”⁷². Dentro dessa perspectiva, destacamos a contribuição relevante proveniente da obra de Medeiros *et al*, que apresenta os princípios da evangelização nas mídias digitais à luz da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, na qual o papa Francisco delinea sua proposta eclesiológica e pastoral para a Igreja Católica no contexto do terceiro milênio.

Os autores do referido estudo elencam cinco pilares fundamentais para uma presença evangelizadora da Igreja Católica por meio de seus agentes pastorais no ambiente digital, visando um projeto de desenvolvimento integral do ser humano. Estes pilares são: primazia do Evangelho, primazia da caridade, primazia da graça, primazia da sinodalidade e primazia da unidade⁷³. Consideramos fundamental a observância a esses princípios, uma vez que, embora a presença da Igreja Católica na cultura digital possa ser percebida como predominantemente institucional, a maior parte dessa presença ocorre por meio de evangelizadores digitais, que, como membros batizados da comunidade, são convocados a difundir a mensagem do Evangelho nas redes, e o fazem de forma significativa.

No processo de evangelização na cultura digital, é imprescindível reconhecer o papel de cada usuário da internet que utiliza as redes para difundir conteúdos cristãos. Neste sentido, é pertinente recordar a observação feita pelo Dicastério para a Comunicação, enfatizando que “todos nós deveríamos encarar nossa ‘influência’ seriamente... Cada cristão é um ‘microinfluencer’. Cada cristão deveria estar ciente da sua influência potencial, seja qual for o número de seguidores que tiver”⁷⁴. Portanto, cada usuário das redes se torna um potencial agente de pastoral, um evangelizador digital. Daí a importância da adesão aos princípios para a presença evangelizadora no ambiente digital, conforme delineados no estudo mencionado, por parte dos evangelizadores digitais.

Ao citar a primazia do Evangelho, o texto apresenta a necessidade da coerência do agir em rede com a Palavra Viva, que é sempre Boa Nova, abarcando e comunicando qualquer realidade humana, sendo princípio básico para uma vida cristã e uma evangelização autêntica em qualquer ambiente. No terreno polarizado e às vezes violento das redes sociais, o primado evangélico aparece como um fator da promoção da paz e busca pelo diálogo⁷⁵.

⁷² MEDEIROS *et al*, 2024, p. 398.

⁷³ MEDEIROS *et al*, 2024, p. 398-407.

⁷⁴ DICASTÉRIO PARA A COMUNICAÇÃO, 2023, n. 74.

⁷⁵ Neste contexto, o estudo dá uma recomendação com relação à consciência crítica dos agentes de pastoral enquanto usuários da internet, afirmando que estes “não devem se preocupar apenas com evangelizar nos ambientes digitais a partir desses critérios evangélicos, mas também com evitar seguir perfis de influenciadores de inspiração católica que não se baseiam neles”. MEDEIROS *et al*, 2024, p. 400.

Ao tratar a primazia da caridade, o texto inicia afirmando que esta é a essência de Deus e do ser humano. Este princípio deve ser considerado sobretudo no conteúdo produzido e divulgado por católicos nas redes, onde o evangelizador digital é convocado a não apenas falar, mas a dar testemunho do amor de Deus⁷⁶.

A primazia da graça conclama o evangelizador digital a ser dócil à ação do Espírito Santo, buscando a humildade que supera a autorreferencialidade e egocentrismo em favor de uma abertura à dimensão social do Evangelho, “permitindo que a pessoa de Jesus Cristo se torne a protagonista do anúncio”⁷⁷.

Ao citar a primazia da sinodalidade, o texto reconhece sua importância como dimensão constitutiva da Igreja e cita a necessidade de o evangelizador digital deixar-se fortalecer e impulsionar por uma espiritualidade sinodal e missionária que, através de um processo de escuta e diálogo sinceros, busca um comprometimento com a realidade vivida.

Por fim, a primado da unidade eclesial, considerado o maior desafio para o ambiente digital, caracterizado pela ampla liberdade e variedade de opiniões. O estudo ressalta a complexidade do desafio evangelizador frente à vasta gama de ofertas religiosas nas redes, advertindo sobre a existência de algumas que se mostram “alienantes, desencarnadas e estéreis individual e socialmente”⁷⁸. Sendo assim, aquele que se coloca no papel de evangelizador digital é “chamado a praticar a acolhida e a viver irmanado com todas e todos, sem excluir, nem silenciar, nem invisibilizar ninguém, contribuindo para a comunhão eclesial e a paz social”⁷⁹.

Em síntese, as DGAE buscam orientar a ação pastoral da Igreja Católica no Brasil, mas apresentam limitações na abordagem da cultura digital. Nas DGAE 2019-2023, nota-se uma visão predominante centrada em espaços físicos, negligenciando o potencial das plataformas digitais na evangelização. É essencial uma reflexão mais profunda e uma abordagem pastoral consistente para integrar os desafios e oportunidades da cultura digital. Isso implica reconhecer a internet como um ambiente ocupado pelos cristãos, transcendendo a distinção entre o físico e o virtual, e integrar os meios de comunicação em todos os planos pastorais. Para cristãos que estão na internet para evangelizar, pede-se que se observe os princípios da evangelização

⁷⁶ O texto recorda que o primado do amor volta-se especialmente aos mais excluídos da sociedade e admoesta aos agentes de pastoral que “não basta levantar a bandeira da causa dos pobres e ser um influenciador ‘politicamente correto’, pois a evangelização digital precisa, de alguma maneira, ecoar a voz dessas pessoas, fazer com que sejam vistas e compreendidas por outros grupos sociais, furando a ‘bolha’ que as separa dos demais. Por isso, a Igreja faz uma opção preferencial pelos pobres, compreendida como modo particular de viver a primazia da caridade na práxis cristã, baseada em sua Tradição de dois mil anos”. MEDEIROS *et al*, 2024, p. 401.

⁷⁷ MEDEIROS *et al*, 2024, p. 403.

⁷⁸ MEDEIROS *et al*, 2024, p. 405.

⁷⁹ MEDEIROS *et al*, 2024, p. 407.

digital, que incluem a primazia do Evangelho, caridade, graça, sinodalidade e unidade eclesial, visando uma presença coerente e autêntica nas redes.

CONCLUSÃO

Um trabalho de pesquisa sobre uma temática tão complexa e em contínua evolução e progresso não se conclui, no máximo levanta inquietações e abre horizontes para novos estudos.

A humanidade habita a infosfera, “lugar” marcado pela digitalização da vida cotidiana, onde não se distingue o que outrora se classificava como “real” e “virtual”. A internet torna-se onipresente na sociedade contemporânea. Neste ambiente surgem novas dinâmicas culturais, um novo humano se configura. É uma realidade irreversível na contemporaneidade, consideravelmente acelerada pela pandemia da COVID-19.

A Igreja Católica encontra-se inserida neste contexto, desafiada a configurar sua identidade teológica diante dessa realidade. Sua missão de evangelizar todos os povos a convoca em sair ao encontro desse ser humano imerso no universo digital. A questão crucial não reside na mera possibilidade de uma presença da Igreja na infosfera, mas sim na necessidade dessa presença e na forma como ela se processará. É imprescindível que a Igreja Católica se dedique à compreensão das interações pastorais entre a fé e a cultura digital, tanto para o momento atual quanto para o futuro. Disso depende o êxito do processo de evangelização, uma vez que a pastoral deve acompanhar o ser humano em todas as dimensões de sua existência. Ressaltamos que os meios de comunicação social, sobretudo a internet “facilitarão o encontro entre a fé e a cultura quanto mais favorecerem o encontro das pessoas entre si... conscientes da importância do encontro com a fé e com a cultura e decididas a realizá-lo através do contato pessoal, na família, no local de trabalho, nas relações sociais”¹.

Nesta incursão de evangelizar a cultura digital, é essencial, por parte da Igreja Católica, a compreensão da dinâmica que envolve a rede e suas mais variadas inter-relações, discernindo os desafios e as possibilidades trazidas por este novo espaço existencial. Um dos desafios mais importantes a serem superados é a visão instrumentalista da rede, passando a ser entendida não simplesmente como “meio”, mas como um “ambiente” em que o humano está inserido e precisa ser evangelizado. Também merece atenção o entendimento das consequências para a fé advindas da liberdade de atuação proporcionada pela internet, tais como formação da opinião pública, atuação dos influenciadores digitais junto ao público cristão, disseminação de notícias falsas etc. No entanto, ao analisar os desafios específicos da comunicação digital para a pastoral católica, torna-se evidente a urgência de uma adaptação dinâmica. A transição da abordagem

¹ JOÃO PAULO II, 1984. In: PAULO VI; JOÃO PAULO II; BENTO XVI; FRANCISCO, 2017, p. 95.

pastoral centrada na resposta para uma centrada na questão, juntamente com outras transformações propostas, representa um movimento essencial para que a Igreja não apenas se adapte, mas também atue efetivamente em sua missão de propagar o Reino de Deus na cultura digital. Neste trabalho apresenta-se alguns dados estatísticos que traçam um perfil da internet e seus usuários. É imprescindível que a Igreja esteja atenta e atualizada com esses dados a fim de estabelecer estratégias pastorais para ser eficiente em sua missão evangelizadora. Esse processo é contínuo, pois fluidez, transformação, novidade e velocidade são palavras que caracterizam bem o ambiente em rede.

A abordagem emergente da infopastoral destaca-se como uma proposta promissora nesse cenário desafiador de evangelização. Ela não se concentra apenas no ambiente digital, mas reconhece a pessoa humana imersa na infosfera. Segundo este projeto, a Igreja Católica tem a oportunidade não apenas de lidar com os dilemas contemporâneos, mas também de descobrir novas formas de expandir sua missão e alcançar um público cada vez mais conectado e plural. Um aspecto notável da infopastoral é sua característica sinodal, uma vez que o processo de construção das propostas parte da escuta e participação ativa dos interlocutores, num exercício de corresponsabilidade. A dinâmica não consiste em montar um projeto de pastoral “para” os fiéis, mas construir um projeto pastoral “com” eles.

Para isso, esta abordagem busca integrar a mensagem do Evangelho à cultura digital, promovendo tanto a comunicação interna quanto externa da Igreja. Isso envolve uma gama de estratégias digitais para evangelização, formação espiritual e construção de comunidades inclusivas, além de enfrentar os desafios éticos e pastorais do mundo digital, fomentando um uso responsável da tecnologia.

A análise histórica do relacionamento da Igreja Católica com a comunicação e a evangelização revela uma evolução notável de postura ao longo do tempo. A transição gradual de uma postura de condenação e autodefesa para uma abertura receptiva destaca-se como uma característica marcante desse percurso. Porém, independente do período histórico, a Igreja Católica sempre promove o emprego da comunicação como elemento essencial à sua existência. Dentre os escritos, nota-se a repercussão positiva e o entusiasmo trazido para a comunicação na Igreja Católica do decreto *Inter Mirifica*, do Concílio Vaticano II. Além disso, a atenção dedicada ao Magistério episcopal latino-americano e caribenho enriquece nossa compreensão, evidenciando perspectivas e contribuições específicas dessa região na dinâmica da comunicação, onde sobressai uma evangelização orientada para a transformação social e a tradição eclesial profética e libertadora.

As DGAE, desde sua gênese, são elaboradas no sentido de dar um norte à ação pastoral na Igreja Católica no Brasil. Diante da realidade da infosfera e da inegável influência que a internet exerce na vida contemporânea, é de se esperar que essas diretrizes apresentem uma visão clara e avançada da evangelização na cultura digital. No entanto, não é que se observa nas DGAE 2019-2023. Sua análise evidencia a importância de uma abordagem pastoral adaptada à cultura digital, reconhecendo a necessidade de uma mudança de paradigma, da pastoral centrada no conteúdo para uma pastoral centrada nas pessoas, do testemunho à proximidade, da narrativa à interioridade e interatividade etc. Isso sugere uma transformação gradual em direção à “infopastoral”, uma abordagem que reconhece a centralidade da comunicação digital na evangelização contemporânea. Observa-se nas DGAE 2019-2023 uma recepção híbrida da cultura digital na ação pastoral da Igreja Católica, ora apontando para o reconhecimento de sua importância, ora prendendo-se a definições físicas e territoriais que omitem e não consideram o ambiente digital no processo evangelizador. Essas diretrizes, embora não neguem a presença da internet na vida cotidiana, ressaltando seu importante papel na evangelização, apresentam limitações em sua abordagem do mundo digital. A metáfora da “casa” é predominante, limitando a percepção da Igreja sobre o potencial das plataformas digitais na disseminação da mensagem religiosa e na promoção da comunidade virtual. Assim, observa-se que essas diretrizes tendem a associar a presença eclesial principalmente a espaços físicos, negligenciando o ambiente digital como um território relevante para a ação evangelizadora. A falta de uma abordagem mais definida e a ausência de considerações explícitas sobre o papel das comunidades digitais e das tecnologias online podem resultar em lacunas na aplicação efetiva das diretrizes no contexto contemporâneo. Assim, é necessária uma reflexão mais aprofundada e uma abordagem pastoral mais consistente em relação ao mundo digital para integrar adequadamente os desafios e oportunidades apresentados por esse ambiente em constante evolução.

O planejamento pastoral na cultura digital exige, por parte da Igreja Católica, assimilação do conceito de infosfera, entendendo que a realidade a ser evangelizada é integrada entre o físico e o virtual. Isso implica em superar a distinção entre fiéis ativos na igreja e na rede, reconhecendo ambos como um só. A proposta de conversão pastoral exige análise crítica e eventual reestruturação eclesial, com abordagem sinodal e criatividade evangélica. Os meios de comunicação devem ser integrados em todos os planos pastorais, visando a evangelização integral. A presença da Igreja na cultura digital requer o seguimento do modelo de comunicação de Cristo, integração entre fé e cultura, uso das linguagens midiáticas atuais, integração da mídia com a pastoral, formação de agentes, compartilhamento de recursos e participação no

progresso dos povos. Os princípios da evangelização nas mídias digitais incluem a primazia do Evangelho, caridade, graça, sinodalidade e unidade eclesial, visando uma presença evangelizadora autêntica e coerente nas redes. É necessário descobrir como, “através de uma efetiva ação pastoral, a sabedoria da Igreja pode ajudar a rede de comunicação digital a ser conforme o plano de Deus sobre o ser humano e seu desenvolvimento sobre a terra”².

Através da análise histórica e das perspectivas apontadas pelos inúmeros estudos atuais, fica evidente que a Igreja Católica está em um processo de adaptação e reflexão sobre como melhor utilizar os recursos oferecidos pela internet e pela cultura digital para cumprir sua missão evangelizadora. Isso implica não apenas uma compreensão técnica do ambiente digital, mas também uma profunda reflexão sobre como essa cultura pode ser incorporada de maneira eficaz e autêntica na vida da Igreja e na prática da fé.

Portanto, diante dos desafios e das oportunidades apresentadas pela internet e pela cultura digital, a Igreja Católica está em um processo de transformação contínua, buscando encontrar maneiras relevantes e significativas de comunicar sua mensagem no mundo contemporâneo. Isso requer uma abordagem dinâmica, sensível e criativa, que reconheça e responda às necessidades e realidades das pessoas no contexto digital, ao mesmo tempo em que mantém a fidelidade aos princípios e valores do Evangelho.

Ao findar este trabalho, algumas questões ainda ficam passíveis de uma investigação mais apurada e estudos mais sistematizados, tais como: a efetivação, na prática pastoral, de um projeto evangelizador na infosfera; o modo de se processar a influência cristã nos areópagos contemporâneos; a viabilização de uma formação crítica e consistente dos envolvidos na propagação da fé pelas redes; o protagonismo do leigo no conteúdo produzido e consumido; o modo de “garantir que a revolução da informação e das comunicações, que tem na internet o seu primeiro motor, atuará em benefício da globalização do desenvolvimento e da solidariedade humana, objetivos que estão estreitamente ligados à missão evangelizadora da Igreja”³; o acompanhamento da coerência do conteúdo postado com o anúncio do Reino promovido por Jesus; a configuração dos conteúdos dos programas de Rádio, TV, sites e redes sociais cristãs etc.

A internet continuará demandando que ajustemos constantemente nossa perspectiva sobre o mundo e a sociedade. Enfim, há muito caminho a ser desbravado pelas encantadoras e desafiantes estradas digitais!

² GRIPP, 2023, p. 19.

³ JOÃO PAULO II, 2002. In: PAULO VI; JOÃO PAULO II; BENTO XVI; FRANCISCO, 2017, p. 181.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Ricardo. *A Comunicação da Igreja Católica na América Latina: o que nos ensinam os documentos do Celam*. São Paulo: Paulus, 2023. (Coleção *Ecclesia Digitalis*).

AQUINO JUNIOR, Francisco de. Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja do Brasil 2019-2023. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 51, n. 3, p. 539-554, set./dez. 2019.

AQUINO JUNIOR, Francisco de. *Teologia em saída para as periferias*. São Paulo: Paulinas; Recife: UNICAP, 2019.

AQUINO, Maria Clara. *Um resgate histórico do hipertexto*. 2007. Disponível em: <https://www.bocc.ubi.pt/pag/aquino-maria-clara-resgate-historico-hipertexto.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2023.

ASSIS, Dom Raymundo Damasceno. Apresentação. In: CNBB. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 1995-1998*. São Paulo: Paulinas, 1995. p. 8. (Documentos da CNBB, 54).

BARAGLI, Enrico. *Comunicazione, comunione e Chiesa*. Roma: Studio Romano della Comunicazione Sociale, 1973.

BARBEIRA, Francisco Pereira. *Magistério da Igreja e meios de comunicação social: no Vaticano II e em João Paulo II*. Lisboa: Paulus, 2010.

BARBOSA, Andressa. *Brasil já é o 5º país com mais usuários de internet no mundo*. 30 out. 2022. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-tech/2022/10/brasil-ja-e-o-5o-pais-com-mais-usuarios-de-internet-no-mundo/>. Acesso em: 20 jul. 2023.

BEAUDOIN, Tom. *Virtual Faith: The Irreverent Spiritual Quest of Generation X*. San Francisco: Jossey-Bass Publishers, 1998.

BENTO XV. *Carta Encíclica Pacem Dei Munus*: sobre a restauração cristã da paz. 23 mai. 1920. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xv/es/encyclicals/documents/hf_ben-xv_enc_23051920_pacem-dei-munus-pulcherrimum.html. Acesso em: 24 mar. 2023.

BENTO XVI. *Carta Encíclica Caritas in Veritate*: sobre o desenvolvimento humano integral na caridade e na verdade. 29 jun. 2009. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html. Acesso em: 10 nov. 2023.

BENTO XVI. *Carta Encíclica Spe Salvi*. 30 nov. 2007. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20071130_spe-salvi.html. Acesso em: 25 mar. 2023.

BENTO XVI. *Exortação Apostólica pós-sinodal Verbum Domini*: sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja. 30 set. 2010. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20100930_verbum-domini.html. Acesso em: 30 mar. 2023.

BÍBLIA de Jerusalém. 4.ed. São Paulo: Paulus, 2006.

BOMBONATO, Vera Ivanise. *Evangelizar é comunicar: fundamentação bíblico-teológica da Pastoral da Comunicação*. São Paulo: Paulinas, 2009.

BRASIL. Ministério das Comunicações. *Rádio no Brasil: há mais de 100 anos criando e contando histórias*. 31 out. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/mcom/pt-br/noticias/2021/setembro/radio-no-brasil-ha-mais-de-100-anos-criando-e-contando-historias>. Acesso em: 17 jan. 2024.

BRIGHENTI, Agenor. A ação pastoral em tempos de mudança: modelos obsoletos e balizas de um novo paradigma. *Vida Pastoral*, São Paulo, ano 56, n. 302, p. 23-34, mar./abr. 2015.

BRIGHENTI, Agenor. *Teologia Pastoral: a inteligência reflexiva da ação evangelizadora*. Petrópolis: Vozes, 2021. (Coleção Iniciação à Teologia).

BRIGHENTI, Agenor. *A Igreja do futuro e o futuro da Igreja: perspectivas para a evangelização na aurora do terceiro milênio*. São Paulo: Paulus, 2001.

BRIGHENTI, Agenor. *A Igreja Perplexa: a novas perguntas, novas respostas*. São Paulo: Paulinas, 2004. (Coleção Soter São Paulo).

BRIGHENTI, Agenor. *A Pastoral dá o que pensar: a inteligência da prática transformadora da fé*. São Paulo: Paulinas; Valência, ESP: Siquem, 2006. (Coleção livros básicos de teologia; 15).

BRIGHENTI, Agenor; AQUINO JÚNIOR, Francisco de (Orgs.). *Pastoral Urbana: novos caminhos para a Igreja na cidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

CÂMARA, Hélder. Apresentação. In: CNBB. *Documento 76: Plano de Emergência para a Igreja do Brasil*. p. 10. Disponível em: https://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20130906183649.pdf. Acesso em 18 mar. 2023.

CASA CIVIL. *90% dos lares brasileiros já tem acesso à internet no Brasil, aponta pesquisa*. 31 out. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/casacivil/pt-br/assuntos/noticias/2022/setembro/90-dos-lares-brasileiros-ja-tem-acesso-a-internet-no-brasil-aponta-pesquisa>. Acesso em: 20 jul. 2023.

CASTELLS, Manuel. *A Galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em rede*. 22.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020. (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v.1).

CASTELLS, Manuel. *Fim de Milênio*. 7.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020. (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v.3).

CASTELLS, Manuel. *O poder da comunicação*. 5.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

CLEMENTE XIII. *Encíclica Christianae Reipublicae*. 25 nov. 1766. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/clemens-xiii/it/documents/enciclica-christianae-reipublicae-25-novembre-1766.html>. Acesso em: 22 mar. 2023.

CNBB. *Campanha da Fraternidade 1989*. Disponível em: <https://campanhas.cnbb.org.br/campanha/fraternidade1989>. Acesso em: 15 out. 2023.

CNBB. *A comunicação na vida e missão da Igreja no Brasil*. São Paulo: Paulus, 2011. (Estudos da CNBB, 101).

CNBB. *Comunidade de Comunidades: uma nova paróquia – A conversão pastoral da paróquia*. São Paulo: Paulinas, 2014. (Documentos da CNBB, 100).

CNBB. *Cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade: Sal da Terra e Luz do Mundo (Mt 5,13-14)*. São Paulo: Paulinas, 2016. (Documentos da CNBB, 105).

CNBB. *Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil*. 4ª ed. Brasília: Edições CNBB, 2023. (Documentos da CNBB, 99).

CNBB. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2003-2006*. São Paulo: Paulinas, 2003. (Documentos da CNBB, 71).

CNBB. *Documento 4: Diretrizes Gerais da Ação Pastoral da Igreja no Brasil – 1975/1978*. 1975, p.1. Disponível em: <https://efosm.files.wordpress.com/2013/02/cnbb-doc-04-diretrizes-gerais-da-ac3a7c3a3o-evangelizadora-da-igreja-no-brasil-e28093-1975e280931978.pdf>. Acesso: 22 mar 2023.

CNBB. *Documento 15: Diretrizes Gerais da Ação Pastoral da Igreja no Brasil – 1979/1982*. 1979. Disponível em: https://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20130906183537.pdf. Acesso em: 22 mar. 2023.

CNBB. *Documento 28: Diretrizes Gerais da Ação Pastoral da Igreja no Brasil – 1983/1986*. 1983. Disponível em: https://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20130906183522.pdf. Acesso em: 22 mar. 2023.

CNBB. *Documento 38: Diretrizes Gerais da Ação Pastoral da Igreja no Brasil – 1987/1990*. 1987. Disponível em: https://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20130906183503.pdf. Acesso em: 22 mar. 2023.

CNBB. *Documento 45: Diretrizes Gerais da Ação Pastoral da Igreja no Brasil – 1991/1994*. 1991. Disponível em: https://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20130906183446.pdf. Acesso em: 22 mar. 2023.

CNBB. *Documento 76: Plano de Emergência para a Igreja do Brasil*. Disponível em: https://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20130906183649.pdf. Acesso em: 18 mar. 2023.

CNBB. *Documento 77: Plano de Pastoral de Conjunto – 1966-1970*. Disponível em: https://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20130906183626.pdf. Acesso em: 21 mar. 2023.

CNBB. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 1995-1998*. São Paulo: Paulinas, 1995. (Documentos da CNBB, 54).

CNBB. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 1999-2002*. São Paulo: Paulinas, 1999. (Documentos da CNBB, 61).

CNBB. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2008-2010*. São Paulo: Paulinas, 2008. (Documentos da CNBB, 87).

CNBB. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2011-2015*. São Paulo: Paulinas, 2011. (Documentos da CNBB, 94).

CNBB. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2015-2019*. São Paulo: Paulinas, 2015. (Documentos da CNBB, 102).

CNBB. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023*. Brasília: CNBB, 2019. (Documentos da CNBB, 109).

CNBB. *Iniciação à vida cristã: itinerário para formar discípulos missionários*. Brasília: Edições CNBB, 2017. (Documentos da CNBB, 107).

CNN. *Internet das Coisas: o que é, como funciona e exemplos de uso*. 29 ago. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/internet-das-coisas/>. Acesso em: 20 set. 2023.

COMBLIN, José. *Pastoral Urbana: o dinamismo na evangelização*. Petrópolis: Vozes, 1999.

CONCÍLIO VATICANO II. *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos e declarações*. 29.ed. Coordenação de Frederico Vier. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

CONCÍLIO VATICANO II. *Decreto Inter Mirifica*. 4 dez. 1963. In: CONCÍLIO VATICANO II. *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos e declarações*. 29.ed. Coordenação de Frederico Vier. Petrópolis: Vozes, 2000.

CONGRESSO BRASILEIRO DE TEOLOGIA PASTORAL: Discernir a pastoral em tempos de crise: realidade, desafios, tarefas: 03 a 06 mai 2021: anais, comunicações, textos completos. *Annales FAJE*, v. 6, n. 1, 2021. Belo Horizonte: FAJE, 2021. Disponível em: <http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/annales/article/view/4880/4720>. Acesso em: 26 de dez. de 2021.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe: 13-31 de maio de 2007*. São Paulo: Paulus, 2007.

CORAZZA, Helena; PUNTEL, Joana T. *Os papas da comunicação: estudo sobre as mensagens do Dia Mundial das Comunicações*. São Paulo: Paulinas, 2019. (Coleção Pastoral da Comunicação: teoria e prática).

DALE, Romeu (org.). *Igreja e Comunicação Social*. São Paulo: Paulinas, 1973.

DARIVA, Noemi (org.). *Comunicação Social na Igreja: documentos fundamentais*. São Paulo: Paulinas, 2003.

DE MORI, Geraldo (org.). *Discernir a pastoral em tempos de crise: realidade, desafios, tarefas*: contribuições do 1º Congresso Brasileiro de Teologia Pastoral. São Paulo: Paulinas, 2022.

DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DO CELAM. *Comunicação: missão e desafio*: manual de pastoral de comunicação social. São Paulo: Paulinas, 1988.

DI BUSSOLO, Alessandro. *Sínodo, Hollerich: A Internet é um novo território de missão, os jovens devem nos conduzir*. 13 out. 2023. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2023-10/sinodo-hollerich-oitava-assembleia-geral-13-outubro-2023.html>. Acesso em: 16 out. 2023.

DICASTÉRIO PARA A COMUNICAÇÃO. *Rumo à presença plena: uma reflexão pastoral sobre a participação nas redes sociais*. Brasília: Edições CNBB, 2023. (Documentos da Igreja, 70)

DICIONÁRIO MICHAELIS. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?id=OWQE>. Acesso em: 10 mar. 2023.

ECHANIZ, Arantza; PAGOLA, Juan. *Ética do profissional da comunicação*. São Paulo: Paulinas, 2007. (Coleção comunicação-estudos).

ESTÊVÃO, António Miguel. *A Evangelização através dos media à luz da *Communio et progressio*: fundamentação bíblico-teológica e implicações pastorais*. Orientador: Domingos de Paiva Valente da Silva Terra, 124 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2016. Disponível em: <repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/21381/1/DISSERTACAO%2c%20VERSAO%20FINAL%20PARA%20IMPRESSAO%201%20281%29.pdf>. Acesso: 22 mar. 2023.

FARIAS, Vinicius. *Conectados para o Encontro*. São Paulo: Paulus, 2015.

FELICE, Massimo Di. *A cidadania digital: a crise da ideia ocidental de democracia e a participação nas redes digitais*. São Paulo: Paulus, 2020. (Coleção Cidadania Digital).

FERREIRA, Luiz Claudio. Cem anos do rádio no Brasil: o padre brasileiro que inventou o rádio. *Agência Brasil*. 31 mai. 2022. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2022-05/cem-anos-do-r%C3%A1dio-no-brasil-o-padre-brasileiro-que-inventou-o-radio>. Acesso em: 17 jan. 2024.

FIRMINO, Jonathan; FARIA, Aricia. *O que é streaming? Saiba o que significa e quais plataformas existem*. 5 set. 2023. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/guia/2023/09/o-que-e-streaming-saiba-o-que-significa-e-quais-plataformas-existem-streaming.ghtml>. Acesso em: 6 set. 2023.

FLORIDI, Luciano. *Ser humano e inteligência artificial: os próximos desafios do onlife*. 28 out. 2020. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/604136-ser-humano-e-inteligencia-artificial-os-proximos-desafios-do-onlife-entrevista-com-luciano-floridi>. Acesso em: 11 jul. 2023.

FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2013a.

FRANCISCO. *Carta encíclica Lumen fidei: sobre a fé*. São Paulo: Paulinas, 2013b.

FRANCISCO. *Exortação apostólica Laudato Si'*: sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas, 2015a.

FRANCISCO. *Discurso na comemoração do cinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos*. 17 out. 2015b. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco_20151017_50-anniversario-sinodo.html. Acesso em: 10 abr. 2023.

FRANCISCO. *Exortação apostólica Amoris Laetitia*: sobre o amor na família. São Paulo: Paulinas, 2016.

FRANCISCO. *Exortação apostólica Gaudete et Exultate*: sobre o chamado à santidade no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2018a.

FRANCISCO. *Mensagem para o 52º Dia Mundial das Comunicações Sociais*: "A verdade vos tornará livres" (Jo 8, 32): Fake news e jornalismo de paz. 24 jan. 2018b. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20180124_messaggio-comunicazioni-sociali.html. Acesso em: 17 abr. 2023.

FRANCISCO. *Exortação apostólica pós-sinodal Christus Vivit*: para os jovens e para todo o povo de Deus. Brasília: Edições CNBB, 2019a.

FRANCISCO. *Mensagem para o 53º Dia Mundial das Comunicações Sociais*: "Somos membros uns dos outros" (Ef 4, 25): das comunidades de redes sociais à comunidade humana. 24 jan. 2019b. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20190124_messaggio-comunicazioni-sociali.html. Acesso em: 17 abr. 2023.

FRANCISCO. *Vamos sonhar juntos*: o caminho para um futuro melhor. 2020a, p.8. Disponível em: <https://infonet.com.br/wp-content/uploads/2021/09/Vamos-sonhar-juntos-Papa-Francisco.pdf>. Acesso em 20 nov. 2023.

FRANCISCO. *Mensagem para o 54º Dia Mundial das Comunicações Sociais*: "Para que possas contar e fixar na memória" (Ex 10, 2): A vida faz-se história. 24 jan. 2020b. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20200124_messaggio-comunicazioni-sociali.html. Acesso em: 17 abr. 2023.

FRANCISCO. *Mensagem para o 55º Dia Mundial das Comunicações Sociais*: "Vem e verás" (Jo 1, 46): Comunicar encontrando as pessoas onde estão e como são. 23 jan. 2021. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20210123_messaggio-comunicazioni-sociali.html. Acesso em: 17 abr. 2023.

FRANCISCO. *Mensagem para o 56º Dia Mundial das Comunicações Sociais*: Escutar com o ouvido do coração. 24 jan. 2022. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/20220124-messaggio-comunicazioni-sociali.html>. Acesso em: 17 abr. 2023.

FRANCISCO. *Mensagem para o 57º Dia Mundial das Comunicações Sociais*: "Falar com o coração. 'Testemunhando a verdade no amor' (Ef 4, 15)". 24 jan. 2023. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/20230124-messaggio-comunicazioni-sociali.html>. Acesso em: 17 abr. 2023.

FRANCISCO. *Mensagem para o 58º Dia Mundial das Comunicações Sociais: Inteligência artificial e sabedoria do coração: para uma comunicação plenamente humana*. 24 jan. 2024. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/20240124-messaggio-comunicazioni-sociali.html>. Acesso em: 25 jan. 2024.

GARRETT, Filipe. *Quem criou a Internet?*. 26 jun. 2021. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2021/06/quem-criou-a-internet-veja-perguntas-e-respostas-sobre-historia-da-web.ghhtml>. Acesso em: 20 mai. 2023.

GASPARETTO, Paulo Roque. *Midiatização da religião: processos midiáticos e a construção de novas comunidades de pertencimento*. São Paulo: Paulinas, 2011.

GERONAZZO, Fernando. *Principais documentos da Igreja sobre comunicação*. 23 mai. 2020. Disponível em: <https://osaopaulo.org.br/vaticano/principais-documentos-da-igreja-sobre-comunicacao/>. Acesso em: 21 mar. 2023.

GODOY, Manoel José de. Observações críticas sobre as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil – 2019-2023. *Annales FAJE*, Belo Horizonte, v.4, n.2, p. 42-52, 2019.

GOMES, Pedro Gilberto. *Da Igreja Eletrônica à sociedade em midiatização*. São Paulo: Paulinas, 2010.

GREGORIO XVI. *Enciclica Mirari Vos*. 11 ago. 1832. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/gregorius-xvi/it/documents/encyclica-mirari-vos-15-augusti-1832.html>. Acesso em: 22 mar. 2023.

GRIPP, Andréia. *Infopastoral: o agir pastoral numa sociedade em transformação*. São Paulo: Paulus, 2023. (Coleção *Ecclesia Digitalis*).

GUIMARÃES, Edward; SBARDELOTTO, Moisés. *Igreja doméstica e em saída digital: horizontes novos para a vivência da fé cristã*. 2 jan. 2021. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/605811-igreja-domestica-e-em-saida-digital-horizontes-novos-para-a-vivencia-da-fe-crista-artigo-de-edward-guimaraes-e-mois-es-sbardelotto>. Acesso em: 30 nov. 2023.

INOCÊNCIO VIII. *Inter Multiplices*. In: DALE, Romeu (org.). *Igreja e Comunicação Social*. São Paulo: Paulinas, 1973.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2021*. 2022. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101963_informativo.pdf. Acesso em: 10 jul. 2023.

JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Redemptoris Missio: sobre a validade permanente do mandato missionário*. 7 dez. 1990. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_07121990_redemptoris-missio.html. Acesso em: 24 mar. 2023.

JOÃO PAULO II. *Carta Apostólica O Rápido Desenvolvimento*. 24 jan. 2005. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/2005/documents/hf_jp-ii_apl_20050124_il-rapido-sviluppo.html. Acesso em: 22 mar. 2023.

JOÃO XXIII. *Discurso do Papa João XXIII aos cardeais, arcebispos e bispos participantes na terceira reunião do Conselho Episcopal Latino-Americano*. 15 nov. 1958. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-xxiii/it/speeches/1958/documents/hf_j-xxiii_spe_19581115_america-latina.html. Acesso em: 17 mar. 2023.

JOÃO XXIII. *Carta do Papa João XXIII ao Episcopado da América Latina*. 8 dez. 1961a. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-xxiii/es/letters/1961/documents/hf_j-xxiii_let_19611208_ad-dilectos.html. Acesso em: 22 mar. 2023.

JOÃO XXIII. *Constituição Apostólica Humanae Salutis: para a convocação do Concílio Vaticano II*. 25 dez. 1961b. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/apost_constitutions/1961/documents/hf_j-xxiii_apc_19611225_humanae-salutis.html. Acesso: 21 mar 2023.

LEÃO X. *Inter Sollicitudines*, 1515. In: DALE, Romeu (org.). *Igreja e Comunicação Social*. São Paulo: Paulinas, 1973.

LEÃO XIII. *Carta Encíclica Etsi nos*. 15 fev. 1882. Disponível em: https://www.vatican.va/content/leo-xiii/it/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_15021882_etsi-nos.html. Acesso em: 24 mar. 2023.

LEÃO XIII. *Carta Encíclica Immortale Dei: sobre a constituição cristã dos Estados*. 1 nov. 1885. Disponível em: https://www.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_01111885_immortale-dei.html. Acesso em: 24 mar. 2023.

LEÃO XIII. *Carta Encíclica Libertas Praestantissimum: sobre a natureza da liberdade humana*. 20 jun. 1888. Disponível em: https://www.vatican.va/content/leo-xiii/en/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_20061888_libertas.html. Acesso em: 23 mar. 2023.

LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?*. São Paulo: Editora 34, 1996. (Coleção TRANS).

LIBANIO, João Batista. *Concílio Vaticano II: em busca de uma primeira compreensão*. São Paulo: Loyola, 2005.

MACHADO, Simone. *Metaverso: como participar do 'futuro da tecnologia'?*. 28 abr. 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/faq/metaverso-o-que-e-como-entrar-e-mais.htm>. Acesso em: 20 set. 2023.

MCLUHAN, Marshall. *A galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipográfico*. São Paulo: Editora Nacional: Editora da USP, 1972.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 1969.

MEDEIROS, Fernanda de Faria *et al.* *Influenciadores digitais católicos: efeitos e perspectivas*. São Paulo: Ideias & Letras; Paulus, 2024.

MONREAL, Susana. A modernidade e a Igreja Católica. In: DE MORI, Geraldo *et al* (Orgs.). *Theologica Latinoamericana*: Enciclopédia Digital. Belo Horizonte. Disponível em: <https://teologicalatinoamericana.com/?p=1375>. Acesso em: 10 nov. 2023.

MORAES, Abimar; GRIPP, Andréia. Ações evangelizadoras numa cultura urbana marcada pelo digital. *Fronteiras – Revista de Teologia da UNICAP*, v. 3, n. 1, p. 145-167, jan./jun., 2020. Disponível em: <https://www1.unicap.br/ojs/index.php/fronteiras/article/view/1640/1431>. Acesso em: 13 jul. 2023.

MORAES, Jackeline. *O que você precisa saber para fazer um Crowdfunding para seu Projeto Social*. 3 mai. 2021. Disponível em: <https://blog.apoia.se/crowdfunding-para-projetos-sociais/>. Acesso em: 10 dez. 2023.

O GLOBO. *Redes sociais passam dos 5 bilhões de usuários, revela informe*. 31 jan. 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2024/01/31/redes-sociais-passam-dos-5-bilhoes-de-usuarios-revela-informe.ghtml>. Acesso em: 2 fev. 2024.

OLIVEIRA, M. A. de. *Traços básicos de nossa situação histórica: Conjuntura 2019*. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/591292-tracos-basicos-de-nossa-situacao-historica-conjuntura-2019> >. Acesso em: 20 ago. 2019.

PACETE, Luiz Gustavo. *Brasil é o terceiro maior consumidor de redes sociais em todo o mundo*. 9 mar. 2023. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-tech/2023/03/brasil-e-o-terceiro-pais-que-mais-consome-redes-sociais-em-todo-o-mundo/>. Acesso em: 20 set. 2023.

PASSOS, João Décio. *Concílio Vaticano II: Reflexões sobre um carisma em curso*. São Paulo: Paulus, 2014.

PAULO VI. *In Fructibus Multis*. 7 mar. 1964. In: DALE, Romeu (org.). *Igreja e Comunicação Social*. São Paulo: Paulinas, 1973.

PAULO VI. *Integrae Servandae*, 7 dez. 1965. In: DALE, Romeu (org.). *Igreja e Comunicação Social*. São Paulo: Paulinas, 1973.

PAULO VI. *Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi*: sobre a evangelização no mundo contemporâneo. 8 dez. 1975. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html. Acesso em: 10 mar. 2023.

PAULO VI; JOÃO PAULO II; BENTO XVI; FRANCISCO. *Mensagens Dia Mundial das Comunicações Sociais: 1967-2017*. Brasília: Edições CNBB, 2017.

PEREIRA, José Carlos. *Igreja Missionária nas casas e os desafios do mundo urbano: como refletir e aplicar as Novas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (2019-2023)*. São Paulo: Paulus, 2021.

PERUCH, Thiago. *História da Televisão*. 18 jan. 2022. Disponível em: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/historia-da-televisao/#:~:text=Philo%20Farnsworth%2C%20em%201927%2C%20criou,de%20inventor%20tamb%C3%A9m%20ocorre%20aqui>. Acesso em: 20 mar. 2023.

PINHEIRO, Felipe. *Ciberteologia: a comunicação da Igreja no séc. XXI*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015.

PIO IX. *Encíclica Quanta Cura*. 8 dez. 1864. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/pius-ix/it/documents/encyclica-quanta-cura-8-decembris-1864.html>. Acesso em: 23 mar. 2023.

PIO X. *Encíclica Pieni d'Animo*. 28 jul. 1906. Disponível em: https://www.vatican.va/content/pius-x/it/encyclicals/documents/hf_p-x_enc_28071906_pieni-l-animo.html. Acesso em: 26 mar. 2023.

PIO XI. *Carta Encíclica Vigilanti Cura*: sobre o cinema. 29 jun. 1936. Disponível em: https://www.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_29061936_vigilanti-cura.html. Acesso em: 21 mar. 2023.

PIO XII. *Carta Encíclica Miranda Prorsus*: sobre a cinematografia, a rádio e a televisão. 8 set. 1957. Disponível em: https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_08091957_miranda-prorsus.html. Acesso em: 21 mar. 2023.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS. *Ética na internet - Igreja e internet*. São Paulo: Loyola, 2002.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS. *Instrução Pastoral Communio et Progressio*: sobre os meios de comunicação social. 23 mai. 1971. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_23051971_communio_po.html. Acesso em: 20 mar. 2023.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS. *Instrução Pastoral Aetatis Novae*: sobre as Comunicações Sociais no vigésimo aniversário da *Communio et Progressio*. 22 fev. 1992. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_22021992_aetatis_po.html#. Acesso em: 20 mar. 2023.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS. *Instrução Pastoral Ética nas Comunicações Sociais*. 4 jun. 2000. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_20000530_ethics-communications_po.html. Acesso em: 21 mar. 2023.

PUNTEL, Joana T. *Inter Mirífica*: recordar por quê?. 14 dez. 2019. Disponível em: <https://pascombrasil.org.br/inter-mirifica-recordar-por-que/>. Acesso em: 23 mar. 2023.

PUNTEL, Joana T. *Cultura midiática e Igreja*: uma nova ambiência. São Paulo: Paulinas, 2005.

PUNTEL, Joana T. *Comunicação*: diálogo dos saberes na cultura midiática. São Paulo: Paulinas, 2010.

QUEIRÓS, Dom Antônio Celso de. *Compreendendo as diretrizes*. Nov-Dez 2008. Disponível em: <https://www.vidapastoral.com.br/artigos/documentos-e-concilios/compreendendo-as-diretrizes/>. Acesso em: 17 mar 2023.

SARGEANT, Paul. *O que é inteligência artificial? Um guia simples para entender a tecnologia*. 18 jul. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/resources/idt-74697280-e684-43c5-a782-29e9d11fecf3>. Acesso em: 20 set. 2023.

SBARDELOTTO, Moisés. *Comunicar a fé: por quê? para quê? com quem?*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

SBARDELOTTO, Moisés. *E o Verbo se fez bit: a comunicação e a experiência religiosas na internet*. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2012.

SBARDELOTTO, Moisés. *E o Verbo se fez rede: religiosidades em reconstrução no ambiente digital*. São Paulo: Paulinas, 2017.

SBARDELOTTO, Moisés. *Missionários digitais: como conectar individualidade e sinodalidade?* 1 nov. 2023. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/633825-missionarios-digitais-como-conectar-individualidade-e-sinodalidade>. Acesso em: 3 nov. 2023.

SCHERER, Dom Odilo Pedro. Apresentação da Edição de 2004. In: CNBB. *Documento 77: Plano de Pastoral de Conjunto – 1966-1970*. 2004, p.2. Disponível em: https://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20130906183626.pdf. Acesso em: 21 mar. 2023.

SEGMENTO INSTITUTO DE PESQUISAS. *As Gerações e suas características*. 24 mai. 2019. Disponível em: <https://www.segmentopesquisas.com.br/blog/2019/5/24/as-geracoes-e-suas-caracteristicas>. Acesso em: 10 out. 2023.

SÍNODO DOS BISPOS. Relatório Resumido da Primeira Sessão da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos (4-29 de outubro de 2023) e Resultados da votação. 28 out. 2023. Disponível em: <https://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2023/10/28/0751/01653.html>. Acesso em: 3 nov. 2023.

SILVA, Aline Amaro da. *Catequese Digital: por onde começar?*. São Paulo: Paulus, 2021. (Coleção *Ecclesia Digitalis*).

SILVA, Dom José Belisário da. As diretrizes da ação evangelizadora da Igreja no Brasil 2011-2015. *Vida Pastoral*, São Paulo, ano 52, n. 281, p. 3-6, nov./dez. de 2011.

SOARES, Ismar de Oliveira. *Do Santo Ofício à Libertação: o discurso e a prática do Vaticano e da Igreja Católica no Brasil sobre a Comunicação Social*. São Paulo: Paulinas, 1988.

SOUSA, Celia Soares de. De Puebla às Diretrizes da Ação Evangelizadora da CNBB 2019-2023. *Revista Eletrônica Espaço Teológico*. vol. 13, n. 24, jul/dez 2019, p. 22-37.

SPADARO, Antonio. *A proposta do Papa Francisco: o futuro rosto da Igreja*. São Paulo: Loyola, 2013.

SPADARO, Antonio. *Ciberteologia: pensar o Cristianismo nos tempos da rede*. São Paulo: Paulinas, 2012.

SPADARO, Antonio. *Entrevista exclusiva do Papa Francisco ao Pe. Antonio Spadaro, SJ*. São Paulo: Paulus; São Paulo: Loyola, 2013.

SPADARO, Antonio. *Quando a fé se torna social: o Cristianismo no tempo das novas mídias*. São Paulo: Paulus, 2016. Coleção Temas de Atualidade.

SPADARO, Antonio. *Web 2.0: redes sociais*. São Paulo: Paulinas, 2013.

SPADARO, Antonio. *Le 6 grandi sfide della comunicazione digitale alla pastorale*. 2014. Disponível em: <http://www.cyberteologia.it/2014/11/le-6-grandi-sfide-della-comunicazione-digitale-alla-pastorale>. Acesso em: 13 jul. 2023.

SPADONI, Pedro Borges. *Qual o seu tempo de tela? Brasil é um dos líderes do ranking mundial*. 25 abr. 2023. Disponível em: <https://olhardigital.com.br/2023/04/25/internet-e-redes-sociais/tempo-de-tela-beira-10-horas-no-brasil/>. Acesso em: 13 jul. 2023.

TURNER, David; MUÑOZ, Jesus. *Para os filhos dos filhos dos nossos filhos: uma visão da sociedade internet*. 2ª ed. São Paulo: Summus, 2002.

ZANON, Darlei. *Comunicar o Evangelho: Panorama histórico do Magistério da Igreja sobre a comunicação*. São Paulo: Paulus, 2021. (Coleção *Ecclesia Digitalis*).

ZANON, Darlei. *Igreja e sociedade em rede: impactos para uma cibereclesiologia*. São Paulo: Paulus, 2018.

ZUCKERMAN, Ethan. *Redes sociais criam bolhas ideológicas inacessíveis a quem pensa diferente*. 26 set. 2017. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/publicacoes/78-noticias/572020-redes-sociais-criam-bolhas-ideologicas-inacessiveis-a-quem-pensa-diferente>. Acesso em: 20 nov. 2023.